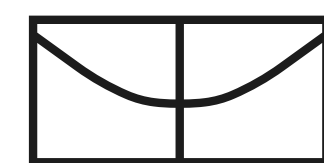


Casa da Cultura da América Latina

Coleção Exposições Virtuais

Contrafluxos

Propostas Pedagógicas
da Ocupação **Piracema**
Arte na Pandemia



Universidade de Brasília

DEX | Casa da Cultura da América Latina

Universidade de Brasília

Decanato de Extensão/ Diretoria de Difusão Cultural

Casa da Cultura da América Latina – CAL

Contrafluxos

Propostas Pedagógicas da Ocupação

Piracema Arte na Pandemia

Flávia Motoyama Narita e Ana Helena Grimaldi (Organizadoras)

Brasília - DF

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C764 Contrafluxos [recurso eletrônico] : propostas pedagógicas da ocupação Piracema Arte na Pandemia / Flávia Motoyama Narita e Ana Helena Grimaldi (organizadoras). – Brasília : Universidade de Brasília, Casa da Cultura da América Latina, 2026.
173 p. : il.

Formato PDF.
ISBN 978-65-985594-2-7.

1. Artes - Exposições. 2. Universidade de Brasília. Casa da Cultura da América Latina. I. Narita, Flávia Motoyama (org.). II. Grimaldi, Ana Helena (org.).

CDU 7:069.9

Camila M. Mendes Barcelos - CRB 1/2193

Contrafluxos: Propostas Pedagógicas da Ocupação Piracema Arte na Pandemia © 2026 by Flávia Motoyama Narita is licensed under CC BY-NC-ND 4.0. To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é dos autores.

1ª edição

Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Decanato de Extensão, Diretoria de Difusão Cultural, Casa da Cultura da América Latina

Equipe técnica

Autores:

Andréa Hygino (brasileira) e Luiza Coimbra (brasileira) - Contrafluxo 1: O corpo dissente: outras maneiras de educar

Susanne Schirato (brasileira) - Contrafluxo 2: Eu já volto

Alzira Ballesterio (brasileira), Ana Almeida (brasileira), Heloísa Sandoval Gregori (brasileira), Iza Figueiredo (brasileira), Marilde Stropp (brasileira), Patrícia Rebello (brasileira), Sylvia Furegatti (brasileira), Valéria Scornaienchi (brasileira) e Vane Barini (brasileira) - Contrafluxo 3: Remetimentos_Outros

Padu Cecconello (brasileiro) - Contrafluxo 4: Descarrego

Camilo Pino (colombiano), Valentina González Henao (colombiana), Álvaro Botero (colombiano), Mario Agudelo Jaramillo (colombiano), Mariana Renthel (argentina) - Grupo Grapha - Contrafluxo 5: Metagrafías

Ayana Saito Mira (brasileira), Carol Menezes (brasileira), Catarina Xavier de Sousa (brasileira), Clara Smith (brasileira), Célia Matsunaga (brasileira), Daniel Mira (brasileiro), Gu da Cei (brasileiro), Gustavo da Rosa (brasileiro),

Isadora Castelo Branco (brasileira), Mariana Santos (brasileira), Marisa Cobbe Maass (estadunidense), Rafael Cardim Bernardes (brasileiro), Sara Viana (brasileira) - Grupo de pesquisadores da UnB - Contrafluxo 6: Amazônia: visualidade gráfica, poética e imaginário

Jadson Rocha (brasileiro) - Contrafluxo 7: Poeiras

Fernando Aidar (brasileiro) - Contrafluxo 8: Falas

Ana Ximenes (brasileira), Camila Huhn (brasileira), Carlos Eduardo Borges (brasileiro), Filipe S. Souza (brasileiro), Josélia Andrade (brasileira), Letícia Fraga (brasileira), Marcos Martins (brasileiro), Mariana Tavares (brasileira), Matheusa Moreira (brasileira), Phoebe Degobi (brasileira) - Contrafluxo 9: Invólucros do Corpo

Revisão: Flávia Motoyama Narita

Capa: Helena Bessa Lamenza

Projeto gráfico: Iara Pierro de Camargo

SUMÁRIO

OLÁ, PROFESSOR(A)!

Seja bem-vindo e bem-vinda à CAL - Casa de Cultura da América Latina e a essa publicação educativa que chamamos de **Contrafluxos!**

Convidamos você a conhecer o(a)s artistas e suas obras que fizeram parte da ocupação **Piracema – Arte na Pandemia** e as proposições educativas sugeridas por ele(a)s para serem trabalhadas em sala de aula com turmas de diferentes idades.

Essas proposições trazem possíveis abordagens para os mais variados temas sobre arte contemporânea e cultura brasileira e é recomendado para uma ou mais etapas de escolarização, que contemplam desde a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) até a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A partir dos trabalhos desses e dessas artistas, bem como das proposições sugeridas, você pode convidar seus alunos e suas alunas a perceberem o mundo sob outros ângulos e a abrirem, em companhia da arte, novos diálogos com seus repertórios pessoais, assim como visitar seu cotidiano e seu potencial de criação e significação do mundo.

Convidamos você, seus alunos e suas alunas a explorarem esse material e esperamos que ele seja um ponto de partida para novas pesquisas.

O QUE FOI A OCUPAÇÃO PIRACEMA?

A Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (UnB/DEX/DDC) lançou em 2020 uma Convocatória para ocupações artísticas na Casa da Cultura da América Latina (CAL). O objetivo era selecionar propostas de caráter artístico, experimental e formativo de toda comunidade artística nacional e latino-americana interessada na ocupação dos espaços da CAL para a temporada 2020/2021. Foram 13 propostas selecionadas.

Contudo, conforme a própria Convocatória já previa, as ocupações presenciais só aconteceriam mediante uma melhora na situação sanitária que vivenciávamos pela pandemia de Covid-19. Assim, após conversas com artistas cujas propostas foram selecionadas, a ocupação foi realizada em formato virtual utilizando os perfis oficiais da CAL.

Esta ocupação virtual foi denominada “Piracema: Arte na Pandemia”, fazendo referência à jornada contra a correnteza que alguns peixes

fazem em busca de suas nascentes para a desova, e inspirada na comparação feita por Ferreira Gullar. Também nadando contra o fluxo das prioridades que vivenciávamos em 2021, negligenciando a importância das artes, da cultura e da educação para uma formação mais integral, íntegra e humana, “**Piracema: Arte na Pandemia**”, foi um movimento de resistência, resiliência, criatividade e, sobretudo, vida. O nome desta publicação, “**contrafluxos**”, também é uma alusão a esse movimento.

Foram três ciclos de exposição, de 16 de agosto a 17 de dezembro de 2021. Durante esse período, 11 artistas/coletivos dentre os selecionados ocuparam o perfil do Instagram da CAL (@cal_unb) e o canal no YouTube (<https://www.youtube.com/user/CanalCALUnB>) com suas produções. Nove deles também fizeram uma proposta pedagógica que vocês poderão conhecer em cada um desses “contrafluxos” apresentados nesta obra.

Como foi organizada esta publicação?

Este material contém a compilação das informações e propostas elaboradas por 9 participantes da Ocupação Piracema, que aceitaram participar desta iniciativa educativa.

Ele contém os seguintes tópicos:

Proposta da Exposição-Ocupação

Texto de apresentação da série de trabalhos de cada proposta selecionada na convocatória de ocupação.

Palavras-chave

Elencamos neste material palavras associadas a cada exposição selecionada para a ocupação. Essas palavras nos ajudam a visualizar mais rapidamente as principais questões trazidas pelas proposições.

Apresentação do(s) / da(s) artista(s)

Pequena biografia dos artistas e das artistas e sua trajetória na arte.

Proposta pedagógica

Proposições educativas relacionadas a diferentes linguagens artísticas que convidam a praticar ideias e conceitos apresentados pelos e pelas artistas.

Recursos Necessários:

Materiais a serem providenciados para a realização das proposições.

Segmento(s) indicado(s):

Etapa de escolarização sugerida, desde a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) até a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Links externos:

Links das postagens no Instagram e canal do Youtube da CAL durante a ocupação e outros links de referência.

Contrafluxo #1

O CORPO DISSENTE: OUTRAS MANEIRAS DE EDUCAR

ANDRÉA HYGINO E LUIZA COIMBRA

Palavras: embate – resistência – recusa – corpo – conflito

Proposta da Exposição-Ocupação:

O Corpo Dissente é um projeto realizado em coautoria pelas artistas Andréa Hygino e Luiza Coimbra. A pesquisa conjunta teve início em 2017, a partir de questionamentos sobre a crise econômica do país e a precarização da educação pública. O nome do projeto parte da semelhança entre as palavras discente e dissente: a primeira referente ao indivíduo que recebe formação e instrução de professores, estudante; a segunda, derivada do verbo dissentir, ou seja, discordar, divergir. O Corpo dissente é aquele que não se conforma nas regras de um sistema, que procura brechas nas estruturas estabelecidas.

Durante a pesquisa, as artistas procuraram se relacionar com espaços de educação, sendo a primeira exposição na Galeria Cândido Portinari, dentro do campus da UERJ-Maracanã (RJ). Com o título Prova de Estado, esta também foi a primeira exposição selecionada por edital público para ocupação da Galeria. A UERJ, uma das tantas instituições de ensino acometidas pela crise financeira e consequente desqualificação de seu papel na sociedade, e também lugar de formação acadêmica/artística – ambas as artistas são graduadas no curso de Artes Visuais desta universidade - parecia o lugar necessário, pertinente, para acolher o projeto naquele momento. Esta exposição

reuniu trabalhos que coadunam suas vivências enquanto estudantes e artistas. As artistas experimentaram o espaço da universidade no nível das relações acadêmicas e afetivas e dele se apropriaram, ressignificando-o em sua prática artística.

Em ***Cadeira universitária (2017-2020)*** elegem como ícone da pesquisa gráfica a imagem de uma carteira escolar. Esta forma dura metaforiza a educação pública, sua rigidez disciplinar, mas também sua persistência. Uma carteira. Muitas carteiras. Quase sempre incompletas e amputadas; atravessadas pelos acontecimentos dos últimos anos, desde as tentativas de desarticular o corpo Ensino Público, aos casos de corpos de alunas/os atingidas/os pela crescente violência no Rio de Janeiro - dos quais não irão esquecer! As reproduções em serigrafia surgem da vontade de lançar a discussão em um espaço público mais abrangente que o da universidade ou da galeria, no terreno da vida pública e cotidiana. A sequência de serigrafias em cartazes ocupou as ruas no centro do Rio em 2017, por ocasião da exposição Políticas Incendiárias e, em 2019, durante as manifestações em defesa da educação pública.



Cadeira Universitária, 2017

Andréa Hygino e Luiza Coimbra

Lambe-lambes |

serigrafia s/ papel jornal

Intervenção no espaço público:

Rua Luís de Camões (centro do Rio)

Dimensões variáveis

(fonte: site da artista [https://](https://www.andreahygino.com.br/)

www.andreahygino.com.br/

[cadeirauniversitaria](https://www.andreahygino.com.br/cadeirauniversitaria))



Manifestações pela Educação em maio e junho de 2019.

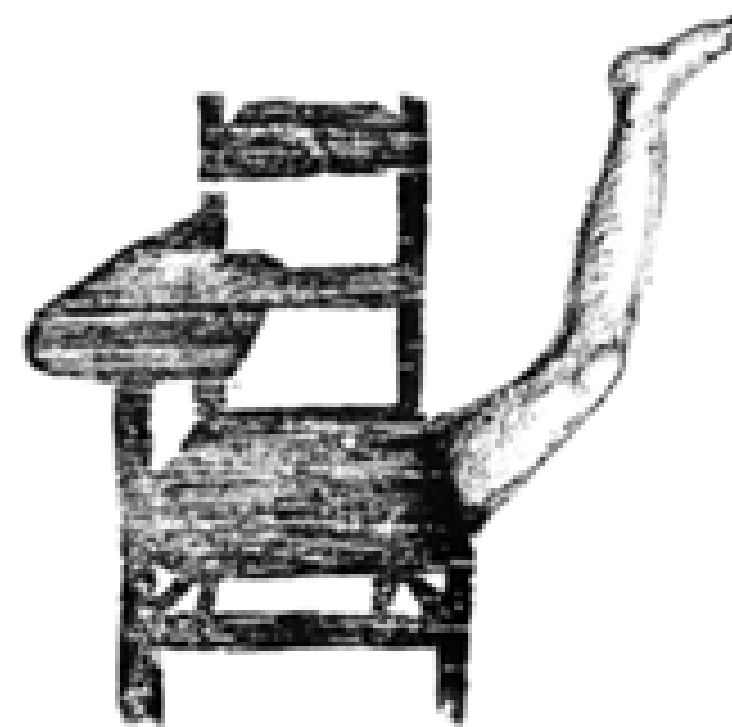
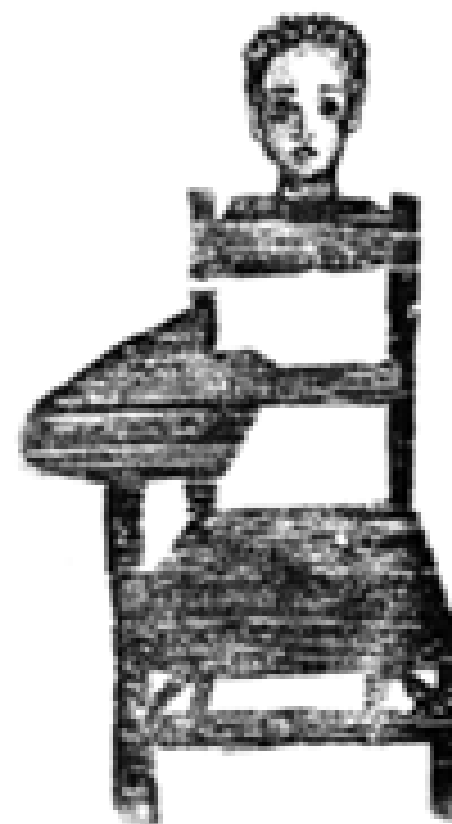
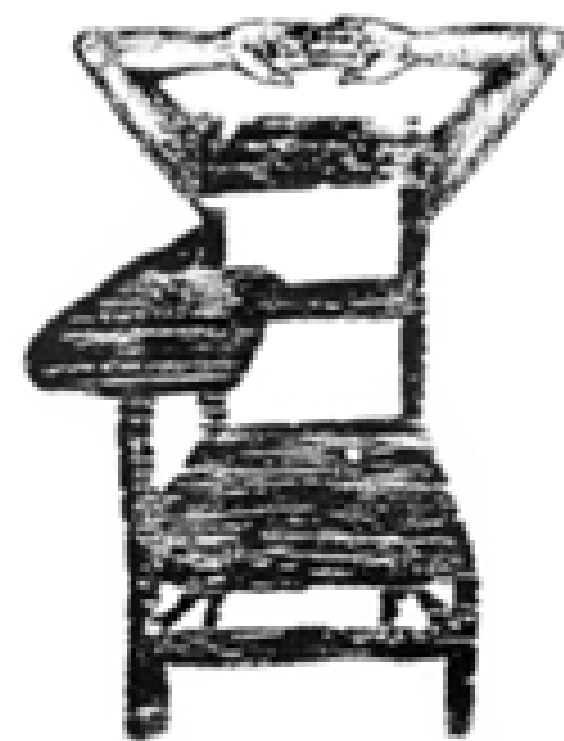
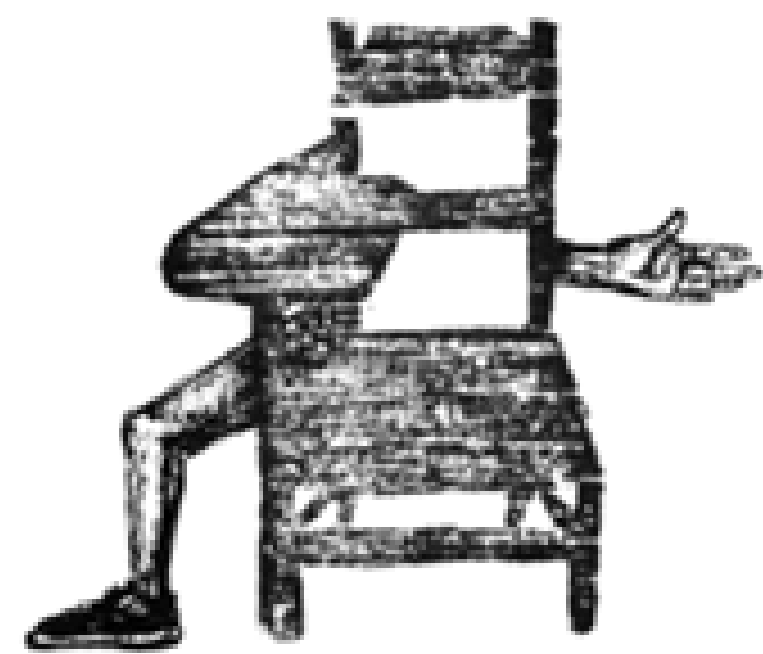
Foto: Lua Barbosa

Fonte: (Instagram da CAL - <https://www.instagram.com/p/CSrfbg0r8-q/>)

Em ***O corpo dissente (2017)***, trabalho que deu nome ao projeto, vemos o ícone-carteira escolar reproduzido em xilogravura receber interferência dos desenhos em nanquim de pernas, braços e outras partes do corpo que tentam escapar destas estruturas rígidas, ou mesmo, personificá-las.

O trabalho mais recente, **“Escreveu, não leu: o pau comeu” (2020)**, foi uma performance realizada na biblioteca do Museu de Arte do Rio a convite do artista Rafael Bqueer, como parte de sua exposição individual "UóHol". O ditado popular remete a um modelo antiquado de educação, onde a violência é utilizada como ferramenta disciplinar.

A ação se dá pela escrita da frase de um lado do vidro e a cópia (espelhada) do outro. As duas artistas, posicionadas de um lado e de outro do vidro da biblioteca do Museu de Arte do Rio (Espaço Orelha), empreendem sobre a superfície translúcida um exercício de cópia, de repetição escrita. A primeira artista escreve e reescreve ao longo de todo o vidro a frase “Escreveu, não leu: o pau comeu”, utilizando caneta de quadro azul. A segunda artista, do outro lado do vidro, contorna as letras já escritas - e espelhadas do seu ponto de vista - utilizando caneta de quadro vermelha; um exercício servil, mecânico, mimético e irrefletido.



O CORPO DISSENTE
Andréa Hygino e
Luiza Coimbra
xilografia e desenho
21 x 21 cm cada
2017

O corpo dissidente, 2017

Andréa Hygino e Luiza Coimbra

xilogravura e desenho

21 x 21 cm cada

(fonte: catálogo <https://docplayer.com.br/119998213-Andrea-hygino-luiza-coimbra.html>)



Escreveu, não leu:

o pau comeu, 2020

(co-autoria de Luiza Coimbra)

Performance

Museu de Arte do Rio (MAR)

(fonte: site da artista)

<https://www.andreahygino.com.br/cadeirauniversitaria>

APRESENTAÇÃO DAS ARTISTAS

Andréa Hygino

Rio de Janeiro-RJ (1992). Vive e trabalha no Rio de Janeiro-RJ.

Atua como artista visual e arte-educadora. Bacharela em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UERJ e Mestra em Linguagens Visuais, pelo PPGAV- EBA- UFRJ. Foi professora substituta de desenho na Escola de Belas Artes da UFRJ (2019-2020). Atualmente é professora substituta no Instituto de Artes da UERJ.

Sua pesquisa artística atravessa diferentes linguagens (escultura, desenho, fotografia, performance) e tem como principal interesse o campo da gravura.

Dentre suas exposições mais recentes estão: Sobre os ombros de gigantes, Galeria Nara Roesler SP e NY; Poéticas femininas na periferia, no Paço Imperial (curadoria); Arte Londrina 8; Abre Alas 16, Galeria A Gentil Carioca.

Em 2020, ganhou o Prêmio SeLecT de Arte Educação (categoria Camisa Educação), com o projeto “Saída de Emergência”, feito em co-autoria com a artista Luiza Coimbra.

Luiza Coimbra

Rio de Janeiro-RJ (1991). Vive e trabalha no Rio de Janeiro-RJ.

Artista visual e pesquisadora. Doutoranda em Artes pelo PPGArtes/ UERJ. Mestre pela mesma instituição. Bacharela e licenciada em Artes Visuais pela UERJ. Sua investigação artística parte de temas como espaço e lugar, experiência cotidiana e caminhada como prática estética. Explora meios múltiplos como a fotografia, o desenho e métodos gráficos e processuais de impressão e reprodução da imagem.

Participou de diversas exposições coletivas, as quais se destacam: *Lacuna Festivals: Distance, Lanzarote* - ESP (2021), *Objetos que aproximam: dentro de casa*, Museu das Coisas Banais, Pelotas - RS

(2020); *Minúsculas*, Centro de Artes Calouste Gulbenkian, RJ (2020); *Na Zanza*, Galeria Aymoré, RJ (2019); *Inundação*, Museu Casa do Pontal, RJ (2019); *Emergência dos Corpos*, Centro Cultural Justiça Federal, RJ (2018); *Achados e perdidos*, Galeria Gustavo Schnoor, RJ (2018); *Paneles de pressão também sibilam*, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, RJ (2017); *Prova de Estado*, Galeria Candido Portinari, RJ (2017); *Conferência-espetáculo: Olha, imagina, escuta, sente*, Casa Daros Latinamerica, RJ (2014).

PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

De quantas maneiras nosso corpo ocupa o espaço?

A partir da leitura dos textos de apresentação e da observação da série O Corpo Dissente, incentive seus alunos e alunas a usarem o mobiliário escolar de maneira inusitada, explorando outras formas de se apropriar de sua forma e utilidade, “escapando” de sua conformidade. Mesas, cadeiras, carteiras e outros móveis e objetos da sala de aula devem ser explorados e usados de maneira criativa e diferente da usual pelos corpos, em livre investigação pelo(a)s aluno(a)s.

Por meio de um celular ou máquina fotográfica, peça para que os alunos produzam imagens, registrando seus colegas nessa atividade.

Em um segundo momento, as imagens produzidas podem ser projetadas, impressas ou simplesmente observadas e utilizadas para a construção de desenhos, onde cadeiras e corpos se unem, transformando-se em uma terceira “coisa”.

Neste exercício de criação os corpos do(a)s aluno(a)s são agentes criadores e transformadores dos objetos ao redor, questionando seus usos cotidianos e reinventando seus sentidos.

Recursos necessários:

Mobiliário da sala de aula, papéis diversos, riscadores (lápiz grafite, lápis de cor, canetas hidrográficas), aparelho celular ou máquina fotográfica.

Segmento(s) indicado(s):

8^{os} e 9^{os} do Fundamental 2

Ensino Médio

Links Externos:

Ocupação do Instagram da CAL:

<https://www.instagram.com/p/CSo0freLNyc/>

<https://www.instagram.com/p/CSrfbg0r8-q/>

<https://www.instagram.com/p/CSwd4xEL1gT/>

<https://www.instagram.com/p/CSzQ7Lar5tb/>

Sites das artistas

<https://www.andreahygino.com.br/>

<https://www.instagram.com/luizacoimbra.art/>

Contrafluxo #2

EU JÁ VOLTO

SUSANNE SCHIRATO

Palavras: relato – recusa – controle – limite

Proposta da Exposição-Ocupação:

O vídeo **Eu já volto**, traz a leitura do livro **100 bar de pressão**, em voz alta, pela artista Susanne Schirato. O livro de sua autoria é um relato de um mergulho, do momento em que a artista acorda até o momento em que ela coloca a cabeça para fora d'água. O evento ocorreu em 2016 na caverna Devil's Eye, no estado da Flórida, nos Estados Unidos. A mão, a voz e as palavras escritas e faladas carregam a autoria da artista, que está presente em todas as etapas, do mergulho à realização do vídeo. Todas as ações são descritas em frases, compondo intimamente uma viagem compartilhada ao mundo submerso.

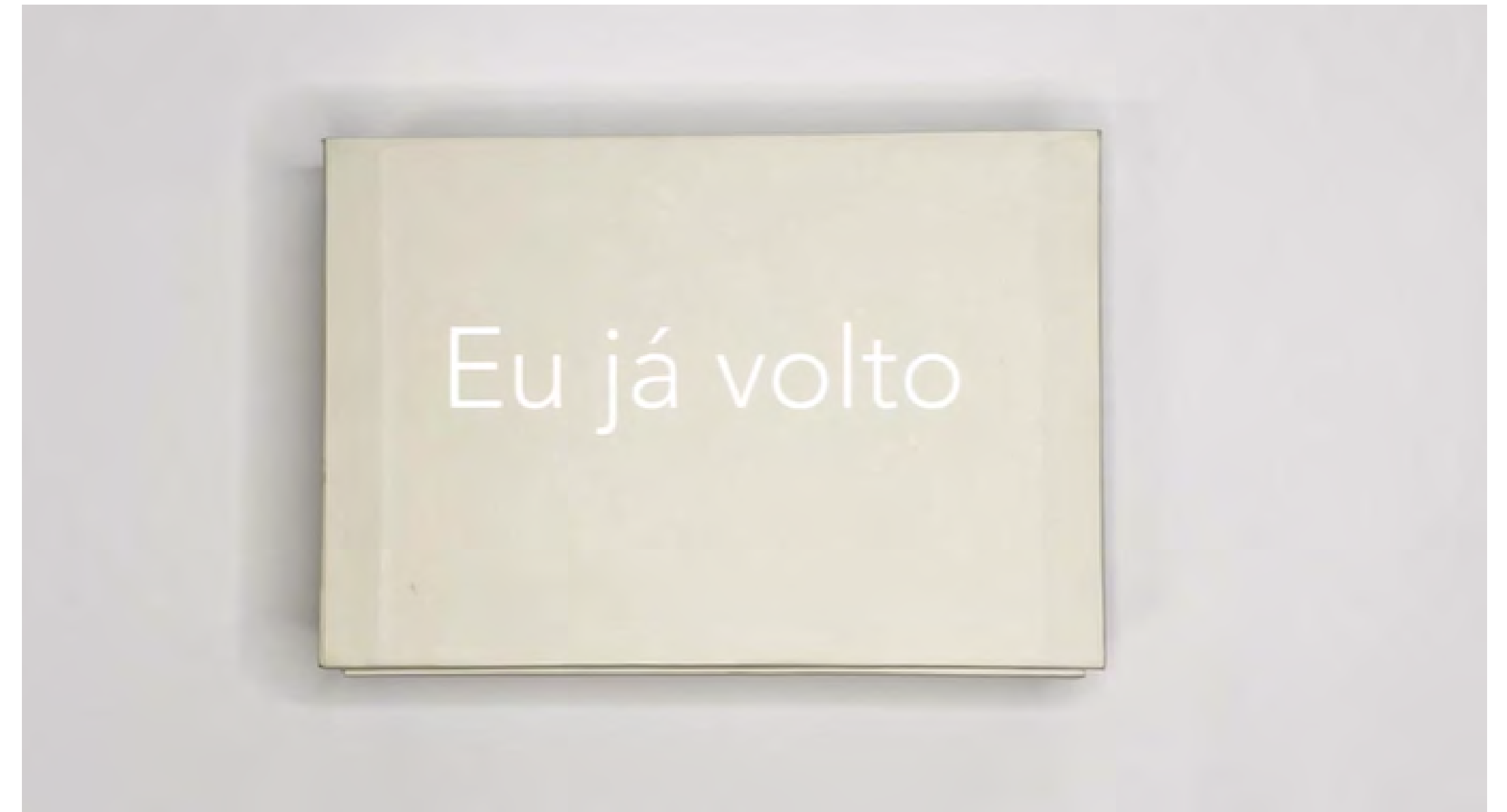
100 bar, nome do livro que é lido, refere-se ao nível de pressão limite para que o mergulhador retorne à superfície em segurança, e é simultaneamente um aviso de tempo e de distância, é o controle da volta. No livro, todas as ações são descritas em frases e desenhos, compondo intimamente uma viagem compartilhada ao submerso.

Todo mergulho costuma ser pensado a partir das condições de retorno: a distância que poderá ser percorrida e a duração da

ação são calculadas a partir da volta à superfície. O retorno é a condição de existência da vida, da sobrevivência. Sem ele não é possível permanecer, não há a continuidade das descobertas e do compartilhamento de informações. Em algumas situações, Susanne deixa suas filhas pequenas na entrada da caverna durante o mergulho. Ao se despedir delas sente a necessidade e a obrigação do regresso. O título **Eu já volto** nasce da preocupação, da necessidade e da responsabilidade de retornar para quem se ama.

O volume 2 do livro carrega uma série de desenhos feitos embaixo d'água durante o mergulho. Os traços são feitos em um caderno feito de lâminas de PVC, usando grafite puro e iluminação por lanternas. Flutuando, ela retrata rápidas e íntimas impressões do que é possível ser visto dentro de uma caverna tomada por água.

O vídeo completo pode ser acessado através do canal da CAL no Youtube, por meio do link: <https://youtu.be/wsPPvWzb9Vg>



Eu já volto

Fonte das imagens: Instagram da CAL

(https://www.instagram.com/p/CTCdL_CrHTU/)



Eu já volto

Fonte das imagens:

Instagram da CAL

(https://www.instagram.com/p/CTCdL_CrHTU/)



APRESENTAÇÃO DA ARTISTA

Susanne Schirato

São Paulo-SP (1978). Vive e trabalha em São Paulo-SP.

Pós-graduada em Práticas Artísticas Contemporâneas pela FAAP, a pesquisa da artista inicia-se em ambientes de cavernas alagadas. A caverna, a água, as rochas e o espaço que o corpo ocupa nesse ambiente são dados importantes em sua pesquisa. A partir da experiência de corpo imerso em cavernas alagadas utiliza múltiplas

formas de linguagens para instaurar novas experiências singulares e dar novas formas de existência às do mergulho. Em São Paulo, seu espaço para trabalho fica no edifício Galeria Califórnia, no bairro República.

PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

Como a palavra e a voz se fazem imagens?

A partir da escrita, da experiência do mergulho, das situações que circundam essa prática e, em especial, da arte contemporânea, essa proposição tem como objetivo demonstrar e incentivar o entendimento da interdisciplinaridade em sua prática. A leitura do livro relato gera uma outra experiência de mergulho, fomentando a construção de novos espaços e sons e a percepção de que é possível criar.

Assista ao vídeo da artista e, se possível, selecione previamente trechos para serem exibidos para o(a)s aluno(a)s.

Após assistirem a esses trechos juntos, você pode lançar os seguintes desafios:

Descrevam como é o lugar que a artista utiliza como base de pesquisa para sua criação. É claro ou escuro? Espaçoso ou apertado? Como seriam os sons desse ambiente?

Em seguida, peça que façam um desenho desse lugar imaginário. Ele(a)s podem complementar a proposição criando os sons que imaginam fazer parte desse mergulho. Incentive-o(a)s a pensarem também em um ritmo para esses sons e a fazerem uma gravação desta experiência.

Recursos necessários:

Papéis diversos, riscadores (lápis grafite, lápis de cor, canetas hidrográficas), aparelho celular ou gravador

Segmento(s) indicado(s):

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Links Externos:

Ocupação do Instagram da CAL:

<https://www.instagram.com/p/CS9aDapgIRJ/>

<https://www.instagram.com/p/CS9a-psrHrB/>

https://www.instagram.com/p/CS_01dygZi2/

https://www.instagram.com/p/CS_1Juor3cD/

<https://www.instagram.com/p/CTCcyIvAuUO/>

https://www.instagram.com/p/CTCdL_CrHTU/

Site da artista

<https://susanneschirato.com/>

Contrafluxo #3

ALZIRA BALLESTERO

ANA ALMEIDA

HELOÍSA SANDOVAL GREGORI

IZA FIGUEIREDO

MARILDE STROPP

PATRÍCIA REBELLO

SYLVIA FUREGATTI

VALÉRIA SCORNAIENCHI

VANE BARINI

Palavras: paisagem – natureza – corpo

Proposta da Exposição-Ocupação:

Remetimentos_Outros é um projeto expositivo originado das trocas entre um grupo de artistas que vive e atua a partir de suas residências, ateliês, atividades estabelecidas no interior de São Paulo.

Sua participação no Projeto Piracema se efetiva por meio de uma live que contou com a participação das artistas mediada pelo historiador da arte prof. dr. Emerson Dionísio, vinculado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UnB.

A proposta apresenta uma exposição coletiva que reúne trabalhos de 9 artistas com interesses em comum pelo binômio arte contemporânea e paisagem, por meio das obras e seus remetimentos.

Em reuniões sistemáticas de trabalho, as artistas têm refletido sobre suas produções ao longo dos últimos anos, considerando o viés plástico e conceitual de suas ideias, tanto quanto suas inserções em variados centros do circuito artístico vigente. Desenvolve-se assim persistente construção do trabalho artístico contemporâneo que tensiona, de muitas maneiras, os lugares locais e globais que essas artistas ocupam e as formas de sua apresentação espacial e institucional. Por este viés foi que a proposta que envolve a perspectiva de remetimentos entre os projetos do grupo pode ser submetida e aprovada, em 2019 e 2020, em dois editais públicos distintos, entre o perto e o distante do mapa de espaços culturais do Brasil.



Remetimentos_Outros

Vista geral da exposição
"Remetimentos" na Pinacoteca da
Secretaria Municipal de Cultura
de Piracicaba/SP em 2019

O primeiro desses editais, destinava-se à seleção de dois únicos projetos expositivos a serem apresentados na agenda de mostras temporárias da Pinacoteca da Secretaria Municipal de Cultura de Piracicaba/SP. O segundo, destinou-se para o Edital de Ocupação CAL UnB/Brasília. Desde o princípio a sugestão desse deslocamento entre o perto e o distante pretendia dar fôlego a uma itinerância do projeto original. Para além desse feito a proposta acabou sendo atravessada e transformada pela Pandemia do Corona vírus que determinou formatos variantes ao projeto original.

O contexto gerador da proposta que reúne os trabalhos iniciou-se em 2018, quando o grupo realizou uma residência artística em uma fazenda na cidade de São Simão, próxima à Ribeirão Preto (SP). A experiência vivida nesta residência resulta em muitas trocas favorecidas por um contexto de paisagem natural que se faz notar na seleção final para a primeira exposição. Apesar da oportunidade trazida pela ambiência de natureza, que certamente intensificou o escopo da produção daquele momento, é também verdadeiro considerar que a paisagem tanto quanto os elementos da natureza, entendidos como princípios ativadores do trabalho artístico já se faziam presentes e bastante potentes nas investigações de várias das artistas, há muito mais tempo.

Além disso, estimuladas por viagens, feitas individualmente, tanto quanto em combinações com outros grupos de trabalho artístico, o índice da paisagem se faz notar.

A paisagem ocupa o lugar de denominador comum do projeto, espécie de protagonista silenciosa e persistente ressignificada pelos objetos, instalações, fotografias e demais linguagens exploradas pelas artistas. Nota-se que não há um mesmo e único sentido modelador ou apaziguador do elemento da paisagem a habitar essas produções, mas sim, a exploração sistêmica de diversidade plástica e possíveis formas de vivência que aproximam o interesse e o corpo do artista e as ambiências; o tempo e a velocidade do contato proporcionado pela viagem, o emprego de derivas e de coletas. A experimentação apresenta-se como ressonante da multipluralidade de metodologias e camadas de informação do mesmo modo que encontramos a paisagem e a natureza como elementos bastante presentes na contemporaneidade.

Partindo dessa reflexão é que a paisagem pode ser entendida como ponto comum do tratamento aplicado aos vários recortes temáticos que formulam o projeto expositivo “Remetimentos”. Desse mesmo

modo efetiva-se também a sugestão de trajetividade pelo título “Remetimentos_outros” em seu desdobramento.

Em grande plano, a paisagem anuncia-se nesta exposição em arranjo bastante dinâmico, a sugerir alguns caminhos de leitura analítica, a partir de:

- **Paisagem como estrutura ordenadora de escalas de percepção variáveis** acomodadas no espaço do entrecruzamento dos pontos e eixos do conjunto: dos diminutos centímetros aplicados às peças de vidro e parafina dispostos randomicamente no espaço expositivo, como propõe **Alzira Ballestero**, em seu trabalho “Subtilezas – Neblina”, aos vários metros ocupados pelo enfileiramento das folhas de agave gigante *in natura* instaladas por **Sylvia Furegatti** em “Planta_Paisagem”.

Ambos os trabalhos miram as dimensões finais da sala expositiva, buscam instalar-se nesta relação de proporções, para convocar os espectadores a atuarem como interatores.

E, na sala dentro da sala, a escala e suas variâncias são percebidas no caráter ilusionista provocado pelo ambiente escuro construído para apresentar a instalação “Arqueologia do Devir” de **Patrícia Rebelo**. Nesse espaço escuro, uma projeção de luz pontual sobre uma superfície transparente conduz nosso olhar e movimentação para a colônia de micro-organismos pós-industriais construídos com o rigor de laboratório científico e amalgamados sobre uma placa transparente de resina.



Subtilezas-Nebolina

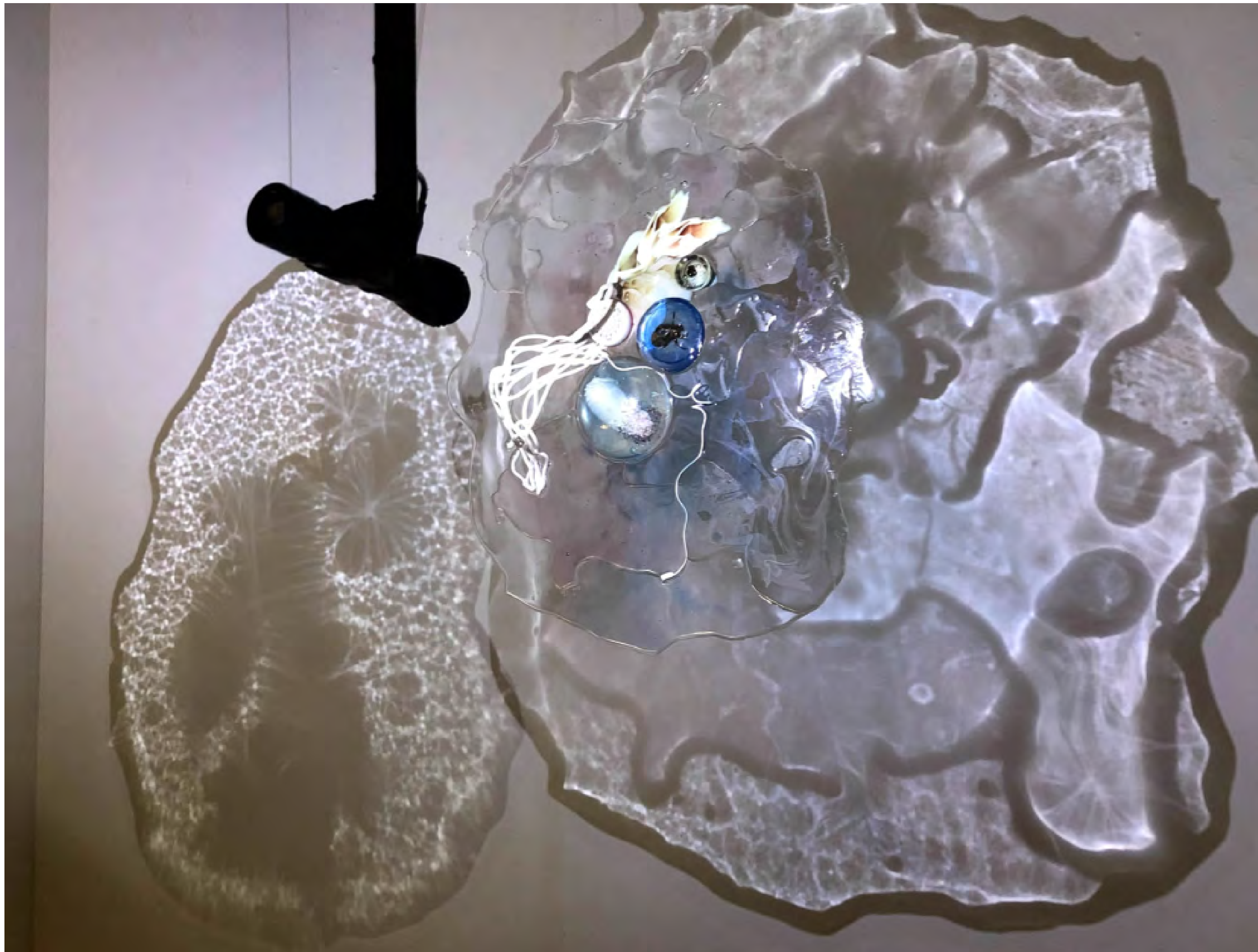
Alzira Balletero



Planta_Paisagem, 2019

Sylvia Furegatti

Foto: Vinícius Martani



Patrícia Rebello

Arqueologia do Devir

instalação artística, 2 x 4m, 2020

- **Paisagem construída a partir da coleta e reordenação de materiais ou modelos de representação plástica** é outro dos vetores trabalhados pelos projetos instalativos de **Iza Figueiredo, Ana Almeida e Valéria Scornaienchi**. A ação do tempo, o esquecimento e o desuso da sociedade atual são os elementos buscados por Iza Figueiredo na reconstrução de coleções de objetos industriais encontrados e ressignificados. A partir da ação da artista que os configura em conjuntos de (re)ordenação infinita, tamanhos, formas, contrastes de cor ou de materialidade, sentidos de uso ou de disposição no espaço, empreende a artista certa cartografia daquilo que dispensamos com o passar do tempo. Iza assim nos informa sobre a percepção aguçada que constitui a persona dos artistas e nos apresenta seu forte interesse pelas linhas e pelo desenho que fundamenta a visão das coisas que a cercam no mundo. Em suas seleções reporta plástica e esteticamente o afastamento que separa as pessoas e seu cotidiano urbano de um conjunto infinito de peças, utensílios e até estruturas naturais como pedregulhos, sementes etc, exauridos pelo uso ou por seu deslocamento

na paisagem e no tempo. Os conjuntos, sempre em (re)configuração, são importante índice para o modelo de suas narrativas que, por fim, reconstituem o percepto do que se entende por paisagem.

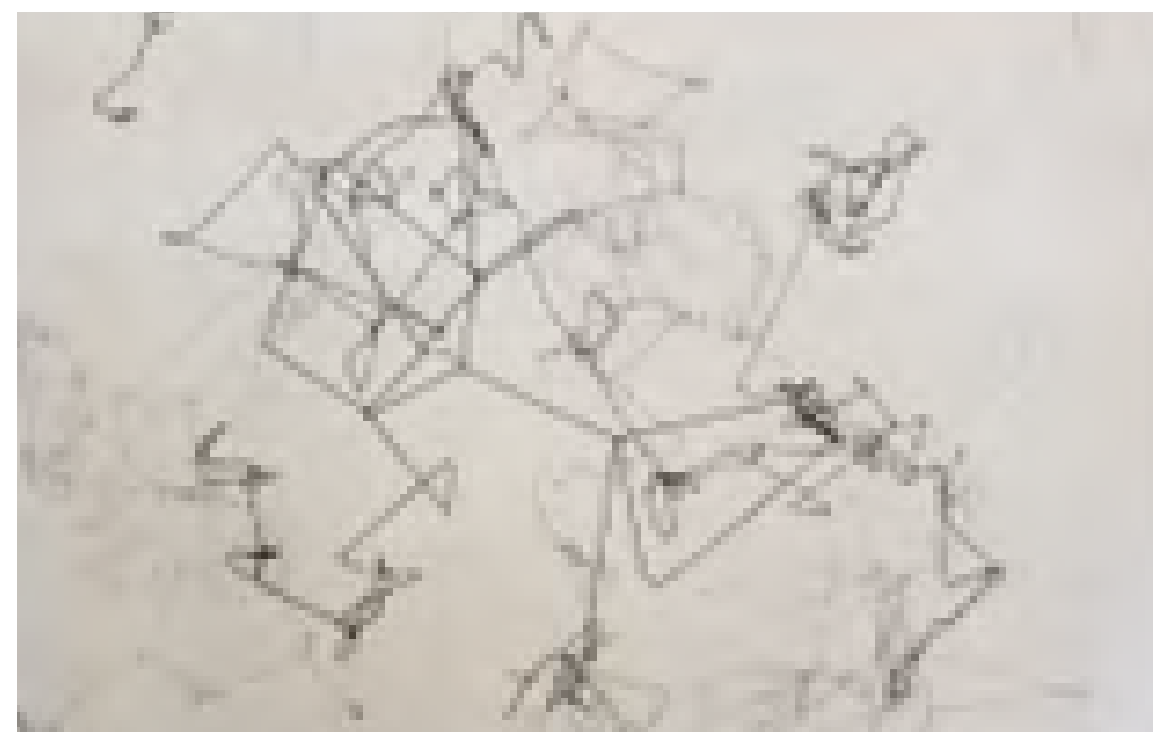
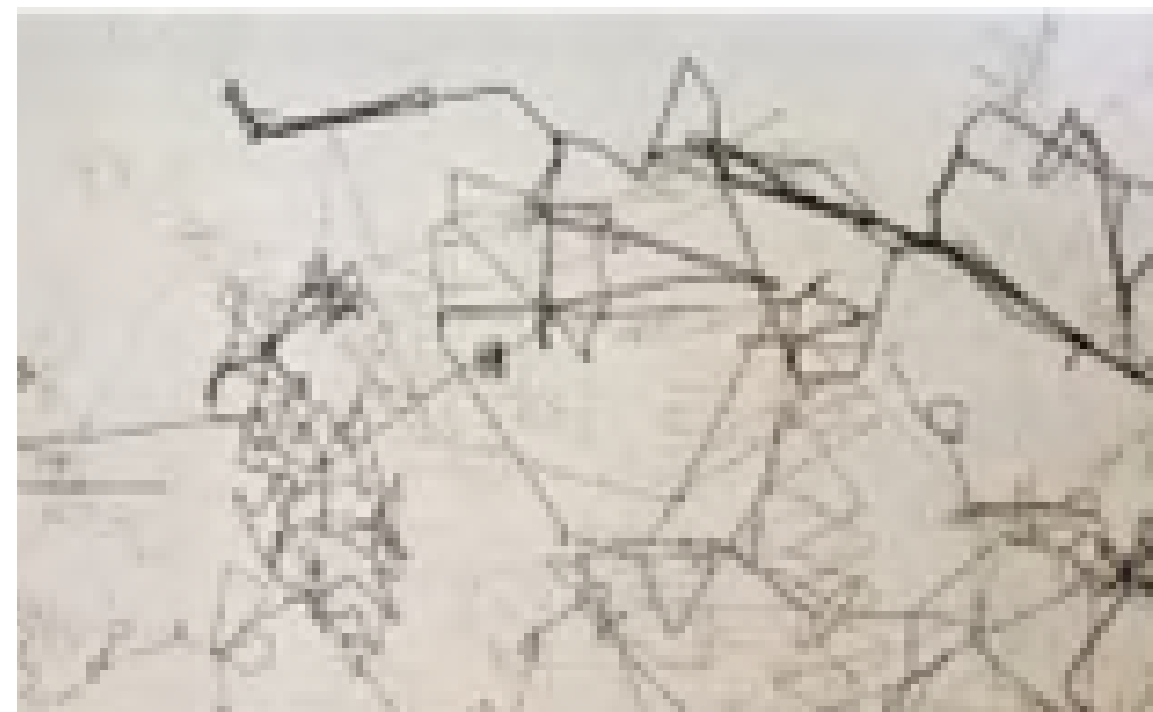
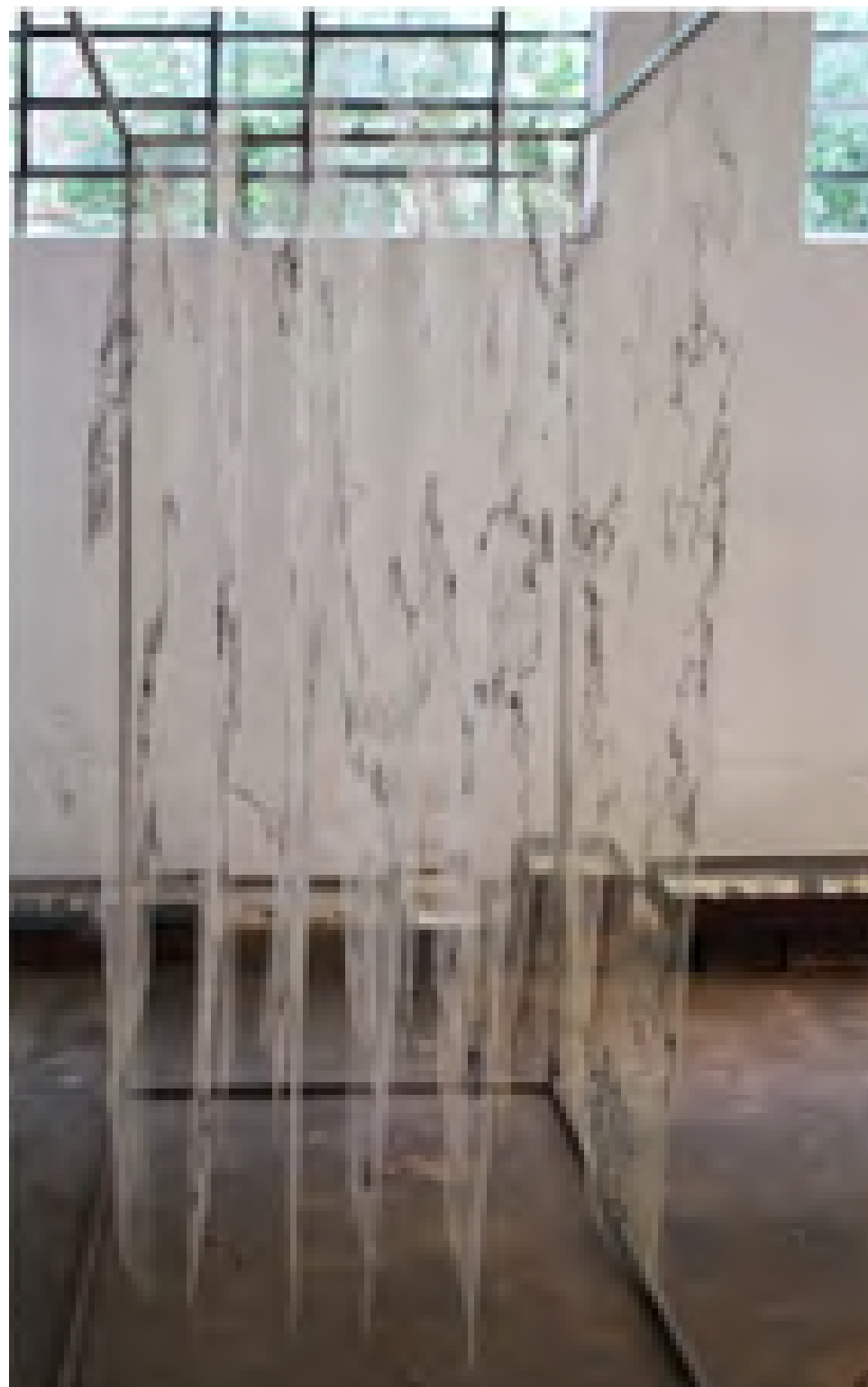
Ana Almeida compartilha desta mesma chave formada por grupos de objetos cotidianos tornados estéticos. De modo bastante peculiar, interessa-se pela potência do estranhamento que a forma industrial nos oferece quando sequestrada de seus usos cotidianos ou originais. Se o interesse pelo conjunto formado a partir de objetos colecionados e ressignificados apontam para o que é comum dentre essas artistas, o que certamente as distingue é que Ana Almeida efetiva sua seleção de materiais industrializados cotidianos não porque lhe interessa o desgaste do tempo, eles são eleitos por serem veículos portadores da essência que a artista requisita para a construção de suas criaturas. Seu método: privação de todos os excessos, predileção apenas pelo essencial; exploração de materiais variados com os quais constrói figuras algo corpóreas, fantasmáticas, ocas, como ela mesma denomina.

Da pouca probabilidade de se juntar ossos, tubos de pvc, espuma expansiva de poliuretano, pregos, folhas de papel carbono, cerâmica esmaltada, tecidos e outros materiais industriais numa única peça é que a artista elabora instalações e objetos. Costurados, colados, amarrados às paredes, ao teto e no chão do espaço expositivo as criaturas construídas desafiam a legibilidade das imagens que as produzem no plano bidimensional, tanto quanto a gravidade da estrutura que os apresenta tridimensionalmente. Assim como Iza, Ana também é amante da linha e do desenho que se faz perceber em sua produção dentro e fora desta seleção de “Remetimentos”.

É o desenho que igualmente nos conduz à leitura atenta feita por **Valéria Scornaienchi** em suas coletas de plantas, flores, sementes. As formas de registro escolhidas por ela variam bastante, mas quase sempre estão vinculadas ao desenho como linguagem que Valéria explora como ponto de partida e mais além da representação plástica. Por meio do desenho, a artista constrói narrativas sobre sua deriva pela praia, pelo mato ou por jardins. São passeios volitivos, aparentemente

desinteressados, porque sempre se pretendem ser leves, proveitosos dos dias, mas o resultado que o ateliê da artista apresenta depois desses passeios nos leva a perceber o quanto esta é uma operação vivamente curiosa pelo que se pode capturar física ou mentalmente ao longo dos trajetos. Valéria se mostra muito interessada na construção de uma sintaxe gerada a partir da aproximação mnemônica ou feita por coleta dos seres orgânicos que mapeia, lista, reordena.

A instalação “Paisagem de Passagem. Serão os entes da praia sublimes?” é assim a combinação de possíveis capítulos narrados de sua observação das flores, pedras, plantas, conchas. Desenhadas sobre papel translúcido ora dobrado, ora parcialmente enrolado, de forma a garantir a memória do gesto que o gerou, o conjunto desses elementos solicita tempo para que possam ser lidos e identificados. A linha fina aplicada ao registro dos elementos desenhados os acomoda como numa delicada padronagem de folhas e plantas que parecem continuar a crescer, com sorte e tempo, nos espaços ainda em branco das folhas de papel vegetal.



Do meu humor, instalação de parede, dimensões variadas, 2020

Iza Figueiredo

Das minhas entranhas, Desenho, 42x59cm, 2019



Ana Almeida

Imagens da série Quase Corpo -
Fotografia, desenho e objeto,
dimensões variáveis, 2019



Valéria Scornaienchi

Será o vazio infinito?

Instalação artística,
dimensões variáveis, 2020

Por fim, chegamos à leitura **da paisagem como registro gravado, impresso, inscrito em superfícies sensíveis** que aproxima as fotógrafas deste grupo construído por meio de remetimentos. **Vane Barini**, talvez a artista-viajante que encabeça esta prática dentre o grupo, seleciona para esta proposta expositiva imagens fotográficas dramáticas, urgentes e que desafortunadamente ocorrem por sobre a paisagem de todo o planeta, do local ao global. Compõe-se de um díptico fotográfico impresso sobre papel algodão em grandes dimensões no qual enormes labaredas consomem a mata. São apresentadas de modo bastante cru, sem moldura, direto por sobre o suporte da parede, ao alcance do olhar do espectador. Apresentado no espaço expositivo de Piracicaba o trabalho intitulado “Terra-Floresta” de Vane Barini sugere a construção visual de um comentário-denúncia. A cena construída pela artista é duplicada porque assim nos oferece a leitura do movimento sutil dentre as imagens e nos remete à forma cinematográfica. Diante dessas duas imagens apreendemos a certeza do perigo e do encantamento que o fogo representa.

Neste trabalho Vane emprega o padrão clássico de paisagem, tal como reconhecemos desde a pintura holandesa do século XVI: duas partes da área total da imagem para o céu; uma parte para o trecho de terra e algum elemento, preferencialmente natural, disposto verticalmente de modo a unir as faixas da imagem. Este elemento é exatamente a labareda que ocupa parte central importante do trabalho. Sua simbologia não nos deixa esquecer das queimadas criminosas da plantação de cana-de-açúcar abundantes na região de Piracicaba, tanto quanto nos remete à secura extremada da paisagem brasiliense convocando assim sua relação direta com as paragens da exposição.



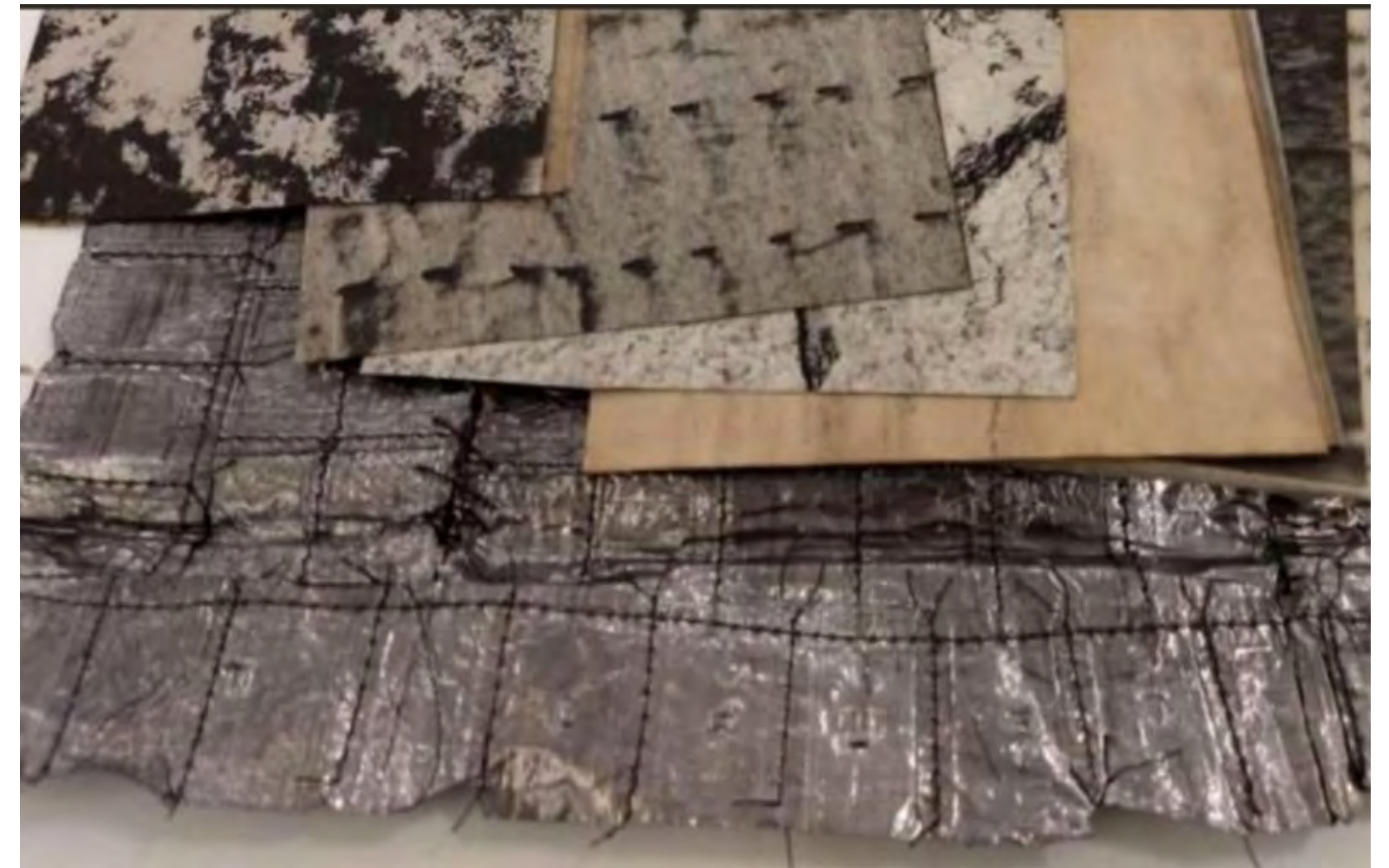
Vane Barini

TERRA-FLORESTA, 2020

Fotografia impressa com tinta mineral
sobre papel de algodão. 90X135 cm

Marilde Stropp constrói livros de artista e uma instalação de parede com placas de chumbo para celebrar a memória e a passagem do tempo. Ao material chumbo combina finas folhas de papel japonês, tecidos, pequenos textos, costuras e linhas soltas. Pensa e projeta, todo o tempo, os seus avessos. Nesta série de trabalhos nos propõe o avesso por meio de oposições: variáveis densidades e durezas, pesos distintos entre conteúdos e continentes das capas e das páginas. Trata-se da celebração de um tempo inscrito na página-paisagem que se revela ao espectador/interator de seu trabalho pela tutilidade. Na parede, a opacidade das grandes placas de chumbo. Na capa dos livros, essa

mesma injúria da superfície metálica e cinzenta circunscreve o tom solene dos objetos apresentados. Trata-se também de cor e matérias que denotam os sentidos de advertência. Contudo, para além do desafio da manipulação do material, cuja beleza é talvez equivalente à cautela com a qual nos relacionamos com eles (papéis muito finos, fios soltos e o chumbo), a artista elabora um gentil convite para que nos apropriemos de sentenças— suas ou tomadas de empréstimo de seus autores favoritos—impressas nas bordas limítrofes dos livros dispostos sobre a mesa ou presos à parede.



Marilde Stropp

Da série Tempo Quando, instalação de livros de artista em chumbo e papel japonês, dimensões variadas, 2016-2020

Heloisa Gregori cria uma instalação de parede na qual agiganta trechos de paisagem de suas derivas. Nesta fase de sua produção mais recente, escolhida especialmente para compor o projeto “Remetimentos”, explora diferentes tipos de impressão: fotográfica, xerográfica, reprografia a laser ou fotocópia simples manipuladas e apresentadas em cadernos, blocos, folhas soltas, impressões e páginas remontadas, contrastadas entre o preto/branco e cor, além de tipos distintos de papel.

É um diagrama que ela constrói com beleza plástica e lirismo que encontramos em poucos artistas. Daí talvez a boa equação que ela consegue realizar entre a paisagem real e a imaginária com a qual nomeia o trabalho. Na instalação “Viagem por paisagens inventadas” há também espaço para a gravura que é igualmente agigantada e transposta para outros meios de reprodução. Queria a artista que essa transposição contínua entre suportes, tecnologias de impressão e imagens resultantes fosse parte desse lugar imaginado, inventado? Ela nos faz perseguir visualmente suas pistas: encontra seus motivos no

chão tanto quanto ao longe; manipula informações a partir de seriações que produzem uma paisagem sugerida por manchas e linhas abstratas. Heloisa propunha campos visualmente borrados nos quais o espectador é levado a confundir os grãos de terra do chão do caminho e os grãos produzidos pelas variantes qualidades das impressões feitas.

Cada parte da instalação integra assim, a sorte de múltiplos diálogos entre a visibilidade e a visualidade.

Por fim, é importante colocar que os registros feitos da exposição montada integralmente em sua primeira edição, visitada presencialmente de modo esporádico, devido ao problema do isolamento social provocado pela Pandemia, foram produzidos em modo cruzado, ou seja, pela perspectiva dos remetimentos entre os trabalhos, as artistas e suas leituras sobre a paisagem.

Sylvia Furegatti
Dezembro.2021



Heloísa Gregori

Viagens por paisagens inventadas, instalação artística, 90 x 180cm, 2019/2020

APRESENTAÇÃO DAS ARTISTAS

Alzira Ballestero

Piracicaba-SP (1951). Vive e trabalha em Piracicaba-SP.

Artista visual, tem especialização em Artes Visuais pela UNICAMP. Interessada em trabalhos portáteis relativos à paisagem e seus habitantes. Participou dos projetos expositivos: “Palavra+Imagem” - *Exposição de Livros e Cadernos de Artista* (MACC 2014, MUNA Uberlândia 2015 e MAMM Juiz de Fora 2016); Carta Obra Arte Correo (Centro Cultural Brasil México Cidade do México 2018); Casa Contemporânea_10 Anos/Livro de Artista (São Paulo 2019); Tempos Diversos (Ocupação Vitrine do IA Unicamp 2019/2020. Tem trabalhos nos acervos do IA Unicamp, Museu ESALQ/USP Piracicaba SP.

Ana Almeida

Campinas-SP. Vive e trabalha em Campinas-SP.

Formada em Artes Visuais pela PUCCAMP, agrupa trabalhos nas diferentes linguagens como gravura, desenho, pintura, objeto, instalação, livro de artista e fotografia experimental. Manifesta interesse pelo corpo, onde a fronteira se embaralha entre o corpo animal, vegetal e mineral. Participou de diversas exposições, algumas delas tendo como curadores Eder Chiodetto, Agnaldo Farias, Andrés Hernández, entre outros e em diversos espaços culturais como galerias de arte e instituições artísticas tanto no Brasil como no exterior: Colômbia, Cuba, Argentina, USA e Portugal.

Heloísa Gregori

(1937-2021)

Artista visual formada em ciências sociais pela USP e formação em desenho para professores pelo MASP. Trabalhou em projetos da Secretaria Municipal de São Paulo como Projeto Periferia, Cultura da cidade, Cidadania Cultural e implantação de casas de cultura. Tinha como principais linhas de pesquisa a relação entre arte, natureza e paisagem. Entre as principais exposições individuais estão 'matéria de poesia' na Pinacoteca Municipal de Jundiaí Diógenes Duarte Paes (2016), e 'do silêncio das coisas' no Gabinete de Leitura Ruy Barbosa (1999); e várias participações em exposições coletiva entre as quais atravessamentos poéticos, na Casa de vidro, Museu da cidade, Campinas, SP (2017). Escreveu e publicou o livro Tecendo paisagens em 2004, e foi artista convidada do painel expositivo do IA, Unicamp, em 2018/2019.

Iza Figueiredo

Itu-SP (1945). Vive e trabalha em Itu/SP.

Graduada em Artes Visuais pela FAAP em 1968, possui vasta experiência como artista visual e arte educadora. Atuou no Projeto Educativo do Instituto Tomie Ohtake/SP de 2003 a 2006. Dentre suas principais exposições individuais e coletivas, destacam-se: "Em tudo há desenho" no Museu de Arte contemporânea MAC -Sorocaba, 2015; "Dilatação de objetos comuns" na Fábrica de Arte Marcos Amaro, Itu/São Paulo, 2019; 2º Salão Nacional de Cerâmica de Curitiba/PR, 2008; 3ª Bienal de Santos, 1991; coletivas no Paço das Artes de São Paulo, 1990 e Galeria REX, São Paulo, 1967. Dentre suas linguagens, pratica predominantemente desenho, instalação, aquarela e fotografia. Possui obras suas em vários acervos públicos e privados do país.

Marilde Stropp

Campinas-SP (1943). Vive e trabalha em Campinas/SP.

Artista visual. Atualmente cursa pós-graduação. A lida com o universo da fotografia na arte a faz enfrentar o desmedido das imagens, criar o provável, ver o que existe se o invisível fosse visível. As imagens são interrogações que a levam a investigar os significados do tempo. Desse tempo dilatado, o tempo do quando. Suas obras fazem parte de diversas publicações como: Imagens–ocasiões de Geoges Didi-Hubermam (imagens pag. 55 e 57) em 2018, Foto Livro – Tempo Quando - FOTÔ Editorial ISBN 978-85-63824-34-9 em 2021, Arte para Desconfinar - selecionados – ISBN 978-65-991766-0-9 em 2020. Participou da coletiva Arquivos Órfãos – MACC Campinas em 2019/2020, de várias exposições e residências arrsbcas pelo Brasil e América Latina. Possui várias obras com colecionadores brasileiros.

Patricia Rebello

São Paulo-SP (1968). Vive e trabalha em Piracicaba/SP.

Formou-se em Publicidade e Propaganda na FAAP e Ilustração na Escola Panamericana de Arte. O universo poético da artista rompe os limites entre arte e ciência. Cria espécimes híbridas, originárias de um futuro pós-humano que ecoam seu interesse por biologia, ficção e colecionismo. Individual: Intervenção Caminho das Águas, SESC Piracicaba. Coletivas: em SP no Paço das Artes, no Espaço das Artes (USP) e na Casa da Luz; em Piracicaba na Pinacoteca Mun. Miguel Dutra, em Campinas no Museu da Cidade e na Galeria Fernandes Naday. Salões e editais: Remetimentos_Outros, Convocatória de Ocupação da CAL, UnB, Brasília. Espaços Íntimos, Casa de Cultura da UEL, Londrina, Temporada de Projetos do MARP, Ribeirão Preto. All are Guests, Galerie Exit Art Contemporain, Boulogne-Billancourt (FR). Prêmio Aquisitivo do 49ª Salão de Arte Contemporânea da Prefeitura de Piracicaba (SP) e Concurso Garimpo (categoria Júri) da revista DASartes.

Sylvia Furegatti

Campinas-SP (1968). Vive e trabalha em Campinas-SP.

Livre-Docente e Professora do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Unicamp. Tem doutorado e mestrado em História da Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP). É Especialista em Museus de Arte (MAC-USP) e Bacharel em Artes Plásticas pela Unicamp. Suas principais linhas de pesquisa são: relações entre arte e espaço urbano; processos criativos dentre arte, paisagem e natureza e curadoria artística. Membro fundador do Grupo Paralelo de Arte Contemporânea (www.pplartgroup.net). Alguns projetos autorais são: “Pesquisa em Processo e Intermediação da Imagem” (coletiva MACC, 2021); “Pote de Plant” (ação urbana e seminário em Paris/Sorbonne, 2018); “1+1=3” (Prêmio Secretaria de Cultura de Campinas, 2015, MACC e Oficina Cultural Oswald de Andrade, SP); “Palavra+Imagem”- Exposição de Livros e Cadernos de Artista (MACC 2014, MUNA Uberlândia 2015 e MAMM Juiz de Fora 2016); “Come fare amici” (intervenção artística Veneza, Itália, 2019) e “Cómo hacer amigos” (intervenção Santiago, Chile, 2013). Seu trabalho integra acervos públicos como MAC Campinas e SESC SP.

Valéria Scornaienchi

Campinas-SP (1970). Vive e trabalha em Campinas-SP.

Artista visual, utiliza de várias linguagens para desenvolver suas pesquisas voltadas à arte e natureza. Encontra na confluência entre processo e espaço expositivo um lugar de reflexão. As principais exposições individuais foram "Pelo Averso" CHCM (2019)-Mackenzie, SP e MAC-Campinas (2018/2019) e "Nunca Mais", GAIA (2016), Unicamp. Principais exposições coletivas: Pinacoteca Miguel Dutra, em Piracicaba no projeto Remetimentos (2020), projeto de exposições do MARP (2019), Ribeirão Preto, como habitar o desenho UFF (2018), Niterói, palavra + imagem no MuNa (2016), Uberlândia, no MAMM (2016), Juiz de Fora e no MAG (2015), Goiânia. Participou dos salões de arte entre outros, Guarulhos (2013-no qual teve seus desenhos premiados). Comentários sobre o jardim foi seu último trabalho e trata-se de uma intervenção em 3 praças públicas do centro de Campinas (2021). Obras em acervo do MACC, CHCM e MuNa.

Vane Barini

Piracicaba-SP. Vive e trabalha em Campinas-SP.

Graduada em Arquitetura e Urbanismo, voltou-se primeiramente para a Fotografia Analógica e depois para as Artes Plásticas. Constrói seu trabalho quase sempre a partir de fotografias. Nas ruas, tomando cenas cotidianas de pessoas comuns, quase sempre urbanas, a partir de certa distância e muitas vezes através de anteparos, a artista constrói séries de narrativas. Alguns outros temas relevantes também são a paisagem, o uso de fotografias vernaculares, os vídeos feitos a partir de fotografias e os Livros de Artista. Publicou o livro Quase Escondido em 2017, selecionado em várias Feiras e Prêmios Mundiais de Livros de Arte. Faz parte dos Grupos Ateliê Casa, Farol 81 e Antropoantro em Campinas.

Alguns projetos autorais recentes de destaque: Quase Escondido e outros Vestígios, Casa De Eva, Campinas, 2021 – Terra Floresta, MAC- Piracicaba, 2020 - Por um Fio, MACC, Campinas, 2019 Outono dos Arquivos Órfãos - TOTE Campinas, SP 2018 - Eu sei tudo sobre meu vizinho, Museu da Cidade, Campinas, 2017. Participa de Salões de Arte Contemporânea desde 2013 e recebeu o 1º Prêmio no XXVI Salão Limeirense de Arte, Limeira, SP em 2018 e também o Prêmio Aquisição no Salão de Artes Visuais de Vinhedo, em 2014. Sua obra faz parte de Acervos Particulares, além do Consulado de Havana, em Cuba desde 2017 e do Consulado de Madri, na Espanha, desde 2011.

PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

Como reconhecer a paisagem? De que formas ela pode ser percebida?

As artistas da exposição coletiva Remetimentos_Outros sugeriram as proposições e ativações baseadas em seus processos de criação, em suas aderências e aproximações.

Proposição 1 - Reconhecimento da Paisagem

Esta proposição parte de uma conversa que aborda os conceitos básicos sobre Paisagem a partir de sua possível grande divisão entre a visualidade e a fenomenologia, ou seja, entre o que podemos abarcar com o nosso olhar e tudo aquilo que acontece no nosso encontro físico com o espaço. Como formas de identificar a paisagem a partir desse questionamento, você pode explorar com o(a)s aluno(a)s essas formas de reconhecê-la:

Reconhecimento para fora: se dá através do nosso convívio com o espaço aberto de paisagem, urbana ou de natureza, por meio do olhar e do estar, convivendo com o espaço.

Reconhecimento para dentro: se dá quando reconhecemos a paisagem e nos reconhecemos por meio dos nossos sentimentos e como constituímos e editamos essa experiência, a partir do nosso corpo neste espaço.

Leia o texto de apresentação da exposição Remetimentos_Outros e a partir dele, desses conceitos iniciais e das imagens das obras, pergunte aos alunos e alunas como percebem a relação de cada artista com o tema da paisagem. Existem diferenças? E aproximações? Como nomeiam essas identificações?

Você pode pedir para que o(a)s aluno(a)s, em duplas, façam anotações sobre as conexões que eles e os outros fizeram, indicando que esse material será usado em outra proposição-desafio, que será lançada em seguida.

Recursos necessários:

Imagens dos trabalhos das artistas (impressos ou projetados); materiais básicos para anotação de ideias ou desenhos; discussão entre os visitantes.

Segmento(s) indicado(s):

Ensino Fundamental 2, Ensino Médio e EJA

Proposição 2 - Endereçamentos Remetidos ou Novos Remetimentos

Podemos chamar essas conexões criadas pelos alunos na proposição 1 de novos remetimentos, ou seja, novas possíveis conexões que eles traçaram entre as obras das artistas. O desafio agora é propor um endereçamento para essas ideias: o projeto para uma nova exposição, partindo agora de suas escolhas: que obras farão parte, onde serão expostas, como e onde serão organizadas para que as conexões se potencializem.

Essa atividade visa assim, explorar a construção de narrativas de aproximação e eleição dentre os trabalhos artísticos assim reunidos a partir de sua configuração de montagem.

Você pode pedir que cada dupla de estudantes elabore uma planta baixa de uma sala expositiva (que pode ser um espaço escolhido da própria escola), em uma folha de papel branca A3. Para isso, peça para que desenhem a disposição geral do espaço escolhido de modo rápido e espontâneo, lembrando que esse esboço não precisa ser regrado por medidas muito precisas ou exigentes.

Em seguida, sugira que as duplas de trabalho elaborem diagramas (anotações e desenhos) nesta folha, projetando na planta baixa a instalação das obras escolhidas por eles dentre os trabalhos apresentados pelas artistas, criando assim, possíveis endereçamentos das mesmas.

Outra sugestão para a "montagem da exposição" seria por meio da criação de uma pequena maquete. Usando uma cartolina ou uma folha de papel mais grosso, é possível criar formas de dobrá-la para que se equilibrem em pé como se fossem paredes expositivas. Nesse caso os alunos poderiam desenhar ou anotar as obras neste espaço.

Recursos necessários:

Papéis brancos formato A3, cartolinas, lápis grafite, canetas hidrográficas, régua, cola e tesoura.

Segmento(s) indicado(s):

Ensino Fundamental 2, Ensino Médio e EJA

Proposição 3 - Paisagem Insólita

Este é um exercício de construção de narrativas a partir da colagem que explora o impacto das imagens midiáticas a partir das escolhas feitas por cada aluno(a) e pode ser uma forma de discutir sobre a importância da diversidade de pontos de vista no mundo atual.

Peça aos alunos e alunas que criem, individualmente, uma paisagem imaginária a partir da mistura de vários elementos que podem ser encontrados na pesquisa em revistas, jornais e outros materiais impressos. A composição pode ser feita juntando os fragmentos impressos e desenhos feitos por eles, criando uma paisagem que pode explorar absurdos, como analogias distantes e escalas estranhas.

Recursos necessários:

Material: folha de papel sulfite, jornal e revistas, caneta, lápis de cor e cola.

Segmento(s) indicado(s):

Ensino Fundamental 1 e 2

Proposição 4 - Espaços ao Redor

Para esta pesquisa, os alunos e as alunas são convidado(a)s a explorar os espaços ao redor de seu corpo e, em seguida, ao redor do espaço da sala de aula, em busca de texturas que podem estar nos objetos, na sola do tênis, no chão, nas paredes, nos elementos da natureza, nas grades, etc.

O registro das texturas pode ser feito utilizando-se uma folha de papel sulfite e gizes de cera por meio da frotagem.

Após a pesquisa e os registros, convide-o(a)s a recortar e combinar os papéis com as texturas e construir uma imagem final que pode ser figurativa ou abstrata, ou até mesmo ser uma paisagem.

No final, pergunte à turma como foi a experiência que tiveram com o vasto universo das texturas, sobre os materiais que constituem um ambiente, a industrialização desses objetos e quanto esta apropriação de superfícies pode construir uma forte relação entre imagem e memória.

Recursos necessários:

Papel sulfite, gizes de cera comum, tesoura e cola.

Segmento(s) indicado(s):

Educação Infantil e Ensino Fundamental 1

Proposição 5 - Desenhos e Transparências

Este é um convite para caminhar pelo espaço da escola, perceber a paisagem e, em seguida, desenhá-la de uma forma inusitada.

Após (ou durante) o passeio, estimule os alunos a registrar a paisagem usando ao invés do lápis, uma vela posicionada contra a folha de papel, criando desenhos transparentes que podem ser revelados pelo uso de outros materiais e cores.

Para a "revelação" dos desenhos você pode oferecer anilina dissolvida em água, em uma ou várias cores, usando copinhos e pincéis.

No final, você pode comentar com a turma as etapas do processo, a relação entre evidência e transparência, a combinação de materiais e espacialidades para a criação da imagem. Você também pode comentar sobre a liberdade da falta de controle como parte integrante do processo de criação artística.

Recursos necessários:

Papel sulfite, vela (apagada), anilina, copinhos com água e pincéis.

Segmento(s) indicado(s):

Educação Infantil e Ensino Fundamental 1

Links Externos:

Live Remetimentos_Outros | Processos de Criação Artística - Ocupação Piracema

Nesta live a proposta toma a forma de um diálogo sobre aspectos particulares e conectivos da criação poética de cada artista e o contexto sensorial e de hibridação presentes nos trabalhos propostos e pautados pela contemporaneidade artística.

https://www.youtube.com/watch?v=heQ_j5Zod9s&list=PLFpzJAFIVfNLE3nTGwHJQU3ulv_UkcYey&index=6

Contrafluxo #4

DESCARREGO

PADU CECCONELLO

Palavras: ritual – memória – brincadeira - religiosidade

PROPOSTA DA EXPOSIÇÃO-OCUPAÇÃO:

Segundo o artista Padu Ceconello, **Descarrego (2021)** é uma ação performática que buscou a fotografia como suporte. É uma peça de arte na tangência entre o sagrado e o profano, um descarrego de pólvora no marco zero da cidade de São Paulo: a Catedral da Sé.

Ele conta sobre seu processo criativo e como se deu a escolha pelo uso da pólvora:

“Em 2019, desejei problematizar o uso de arma de fogo em uma peça de arte, buscando entender o aumento do interesse da população brasileira em se armar.

Por que tantos desejavam poder comprar uma arma? Como me aproximar deste tema? Aprendendo a manipular uma arma? Lembrei-me da pólvora e pronto, decidi que esse seria o meu alvo: a pólvora!

Meu imaginário foi totalmente remetido para a infância: lembrei-me das "limpezas pesadas" que eram feitas lá no centro espírita e que só a pólvora poderia descarregar. Não tive mais dúvida: é um descarrego o que preciso fazer! Mas, em qual local? É isso: no marco zero da cidade de São Paulo, na Catedral da Sé. É de uma "limpeza forte" que todos precisamos, afinal, ainda nem sabíamos da quizila que iríamos enfrentar com a pandemia e com a forma como ela seria (ou não) administrada pelo governo."

O artista fricciona a religião, a arte e a fé com o cotidiano, levando suas pesquisas sobre a espetacularidade das religiões de matriz popular para dialogar com a visualidade, a materialidade em objetos, o fazer artesanal, a fotografia e as suas memórias: uma continuidade da sua pesquisa sobre religiosidade e arte.



Registros fotográficos da performance “Descarrego” no marco zero da cidade de São Paulo – SP
Catedral da Sé. Fotografia Gabriela Moreira @gabimomi



Registros fotográficos da performance “Descarrego” no marco zero da cidade de São Paulo, na Catedral da Sé. Fotografia Gabriela Moreira @gabimomi

Fonte das imagens: Instagram da CAL (https://www.instagram.com/p/CTCdL_CrHTU/)

APRESENTAÇÃO DO ARTISTA

Padu Ceconello

São Paulo. Vive e trabalha em São Paulo-SP.

Artista e professor, graduado em História pela PUC/Campinas (2005). Cursou História da Arte no MAM/SP (2006) e formou-se em Dança pela Universidade Gama Filho/SP (2013). É Mestre pelo Instituto de Artes da Unicamp (2017) e Cenógrafo e Figurinista pela SP Escola de Teatro (2019).

Parte de sua pesquisa se concentra na própria memória, desde o tempo em que se lembra de “brincar de macumba” ou seja, “quando rodava no santo, dava passe e fazia despacho”.

No tempo em que macumba, brincadeira e arte eram as únicas coisas que o preocupavam, ele relata:

“Eu não trocava as roupinhas da Barbie, eu fazia mantos para Nossa Senhora da Aparecida. Não tinha parque de diversão que eu gostasse mais do que ir na macumba! Foi lá que encontrei meu primeiro entendimento da vida! Lá me formei ética e esteticamente. Aprendi tudo como se aprende num terreiro: observando, ouvindo e repetindo! Repetia com meus primos nas nossas brincadeiras, fazia em segredo no meu quarto, cantava os pontos para não esquecer nada.

Eu era o meu próprio pai de santo, era eu quem conduzia o meu rito-arte infantil.

Foi ali que me tornei artista! Meu desejo é dialogar com a materialidade, arriar ebós -arte pela cidade, pelas encruzilhadas-afetos”.

PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

Como eclodir em brincadeira a experiência religiosa inicial, vivida e guardada na memória?

A proposição do artista Padu Pacconello é uma oportunidade para abordar em sala de aula o tema da diversidade religiosa, abrindo espaço para uma discussão sobre o que se conhece a respeito da cultura afro-brasileira e das religiões de matrizes africanas.

É importante ressaltar que no Brasil existe a liberdade religiosa, lembrando que nosso país é um Estado laico, ou seja, com uma posição neutra no campo religioso, não apoiando ou discriminando nenhuma religião e que não adota religião oficial.

Você pode iniciar a conversa perguntando aos alunos e alunas, quais os termos usados pelo artista que fazem parte do vocabulário

dele(a)s. As dúvidas podem ser esclarecidas usando sites de referência como o do Museu Afro Brasil ou o repositório de teses da Universidade de Brasília – UnB.

Após essa pesquisa inicial, perguntem se os alunos tiveram experiências religiosas na infância e se percebem as possíveis proximidades existentes entre as despretensiosas brincadeiras infantis e os rituais religiosos que cada um(a) vivenciou.

Listem juntos os rituais religiosos conhecidos por ele(a)s e acrescente outros: casamentos, batizados, procissões e missas, na religião católica; o enterro e o Bar Mitzvah para a religião judaica, os rituais da umbanda e do candomblé, dentre outros.

O artista se diz muito afetado por essas memórias:

“Sou como sou porque pude brincar de fazer macumba. A religiosidade sempre foi material fértil para mim quando criança. Assim, pude me entender e criar as primeiras investidas no caminho de me tornar gente adulta. Foi o terreiro que me fez artista!”

Ele lança as perguntas:

- O que resiste em suas práticas atuais de sua primeira formação religiosa? O que foi deixado de lado?
- Como ressignificar essas experiências de forma lúdica?

Essa proposição pode ser realizada em grupo em forma de performance. Pensem na materialidade, no som, no gosto, no cheiro, no tempo, no espaço e no propósito! Seleccionem os aspectos mais

significativos e criem uma cena a partir deles de forma a criar uma nova conexão entre memória e brincadeira. Vocês também podem criar uma fusão entre os rituais, criando uma nova forma de valorizar de forma respeitosa a cultura e as experiências de cada um.

Enquanto um grupo se apresenta, outros grupos podem realizar o ensaio fotográfico da ação.

Recursos necessários:

Papel e lápis para anotação, materiais diversos para a performance, celulares ou câmeras fotográficas.

Segmento(s) indicado(s):

Ensino Fundamental 2
Ensino Médio

Links Externos:

Ocupação do Instagram da CAL:

<https://www.instagram.com/p/CU0NVTKFZoN/>

<https://www.instagram.com/p/CU8qV21FlHh/>

<https://www.instagram.com/p/CU-MijglW9u/>

https://www.instagram.com/p/CU_OfxolYkL/

<https://www.instagram.com/p/CVAu5bPl9th/>

<https://www.instagram.com/p/CVBgQLYl0wA/>

<https://www.instagram.com/p/CVB0SO8lnSP/>

<https://www.instagram.com/p/CVDVOZIFtet/>

<https://www.instagram.com/p/CVEGC5WlfX9/>

<https://www.instagram.com/p/CVEZ-cQlZdW/>

Site do artista:

https://www.instagram.com/_p_a_d_u/

Site do Museu Afro Brasil:

<http://museuafrobrasil.org.br/visite/roteiros-de-visita/roteiro-de-visita---detalhe/2017/09/04/arte-e-religiosidade-afro-brasileira>

https://www.politize.com.br/religioes-de-matriz-africana/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAjwqZSlBhBwEiwAfoZUIC_Z5lGnv1uWxP34i-D-BbxGteUTyDNcffiBNlShvPEUlcfZ1VzgZRoCZiEQAvD_BwE (Acesso em 5/7/2023)

Contrafluxo #5

METAGRAFÍAS

GRUPO GRAPHIA

Palavras: limite – dificuldade – jogo - traço

PROPOSTA DA EXPOSIÇÃO-OCUPAÇÃO:

O projeto Metagrafias nasce do desejo do grupo GRAlpha de interagir com o espaço acadêmico e cultural da cidade de Brasília e da UnB. A ideia inicial, de realizar uma intervenção no espaço físico da CAL, foi repensada por conta dos limites impostos pela situação sanitária decorrente da pandemia de Covid-19 e pelo fiasco político. As inflexões a partir desta impossibilidade ultrapassaram as condições dos tempos e dos espaços, refletindo sobre como construir processos e experiências a longo prazo.

Diante de tantos obstáculos o grupo decidiu propor a cada um dos participantes desta ocupação uma prática de dificuldade a partir da seguinte metodologia:

- 1) definição de alguns princípios gráficos e
- 2) proposição de uma série de obstáculos

Como em qualquer jogo, as regras e as condições que marcam seu desenvolvimento precisam ser previamente definidas. Nesta proposta, obstáculos e condições foram oferecidos ou escolhidos como incômodos para o desenvolvimento da prática de cada um dos participantes do Grupo.

Assim, para este projeto, foram listados materiais e linguagem que não eram familiares ou com os quais os participantes não costumavam trabalhar.

Isso foi possível a partir do conhecimento prévio pelo Grupo de como cada um dos integrantes é e produz. A questão, então, expandiu a experiência de trabalho auto etnográfico consciente de cada um.

Cinco membros do grupo GRAlpha participaram desta proposta, lembrando que eles não são os únicos do grupo. Cada um recebeu como proposição, uns dos outros, diretrizes estranhas e desconfortáveis.

Em pleno exercício dessas práticas incômodas, o(a)s artistas produziram as obras e criaram uma narrativa poética para acompanhá-las. Foram ele(a)s, por ordem de ocupação: **Camilo Pino, Valentina González, Álvaro Botero, Mario Agudelo e Mariana Renthel**. A seguir, estão indicadas: a proposição dada a cada artista, as imagens das obras realizadas por eles e a narrativa que acompanha a série.

1ª Ocupação: Camilo Pino (Bello, Colômbia)

“Para Camilo (o garoto de tronco imóvel que vasculha o lixo): convido-o à tridimensionalidade, ao grande formato e às premissas: “fervido e dançando”; sem utilizar valores tonais e tendo o kitsch como estilo.”

O processo se inicia com o desenho feito com os dedos dos pés. A imagem resultante é revelada posteriormente com cianotipia sobre embalagens desmontadas. Após montadas, as embalagens servirão de invólucros que recebem papéis grandes e dobrados em forma de fanzines, contendo a impressão de frases sobre as pegadas.

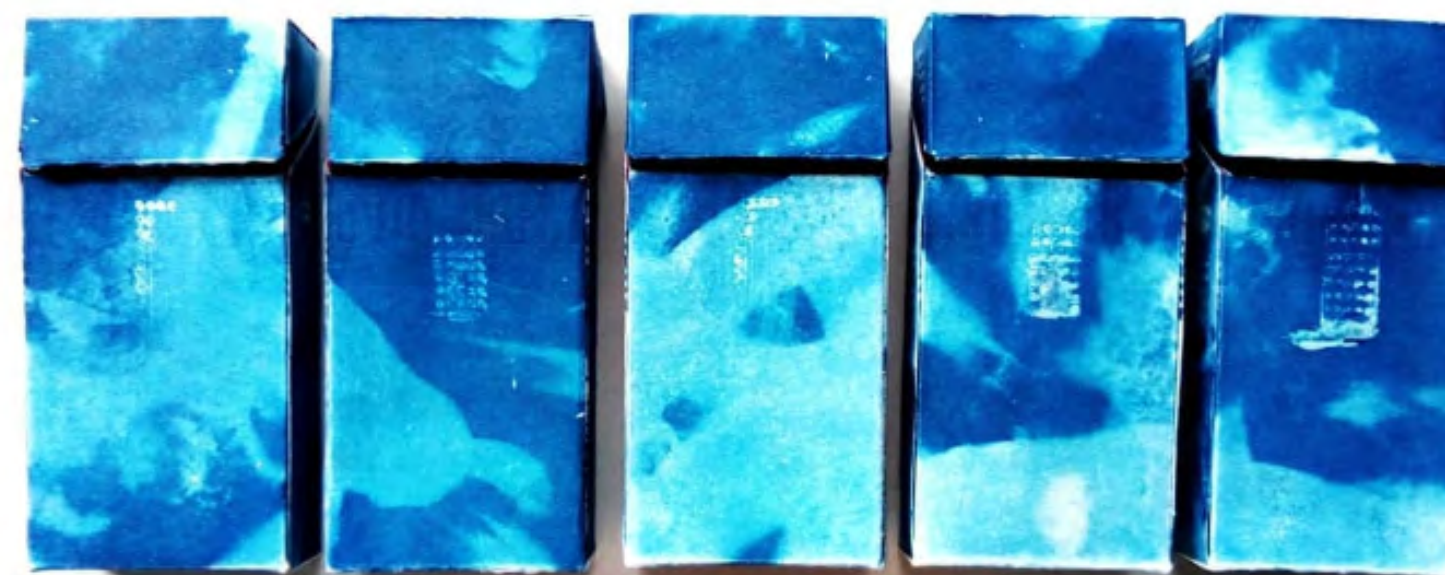
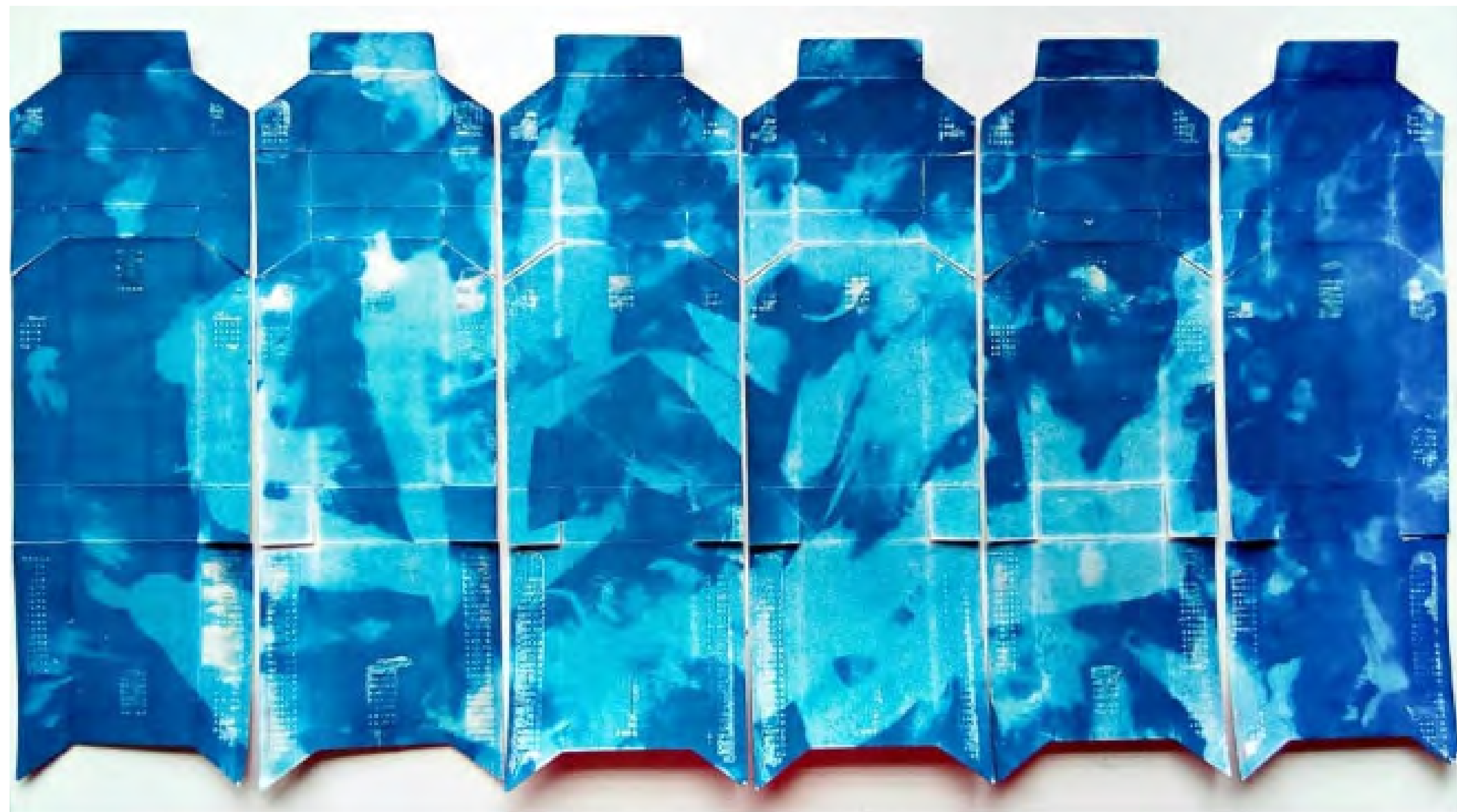
Narrativa poética:

Traduzir,
da boca aos pés,
as línguas se torcem.
Algo permanece na fronteira.
A palavra não importa
o rastro permanece.
Que as línguas passam de dia
e as letras vão dos pulmões até as solas dos pés
para voltar à luz
Pegada de pegada.
Da palavra
aos pés,
para o papel, à luz, à água, à palavra.
A luz contém
por dentro, línguas soltas.

Camilo Pino



(Fonte das imagens: Instagram da CAL)



(Fonte das imagens: Instagram da CAL)

2ª Ocupação: Valentina González (Medellín, Colômbia)

“Valentina (a tecelã fotossensível) deve utilizar: água, parafina e pixels.”

O desenho é feito com a vela derretida sobre fragmentos de tecido justapostos que são posteriormente tingidos com pigmentos à base de caldo de beterraba, cúrcuma e cebola e posteriormente, rearranjados.

Narrativa poética:

“Abismar-se, no sentido de saudar o sol de costas e contemplar a própria sombra.

Enquanto resolvo caminhar entre estranhas orientações, ando em círculos pela minha casa sem saber que na minha cabeça os pássaros se movem em espiral, são impulsionados pelo fogo e caem para cima como se criassem túneis com outros estados da atmosfera.

A resposta é inevitável, um lugar já conhecido, um movimento expansivo à espera da dissecação.

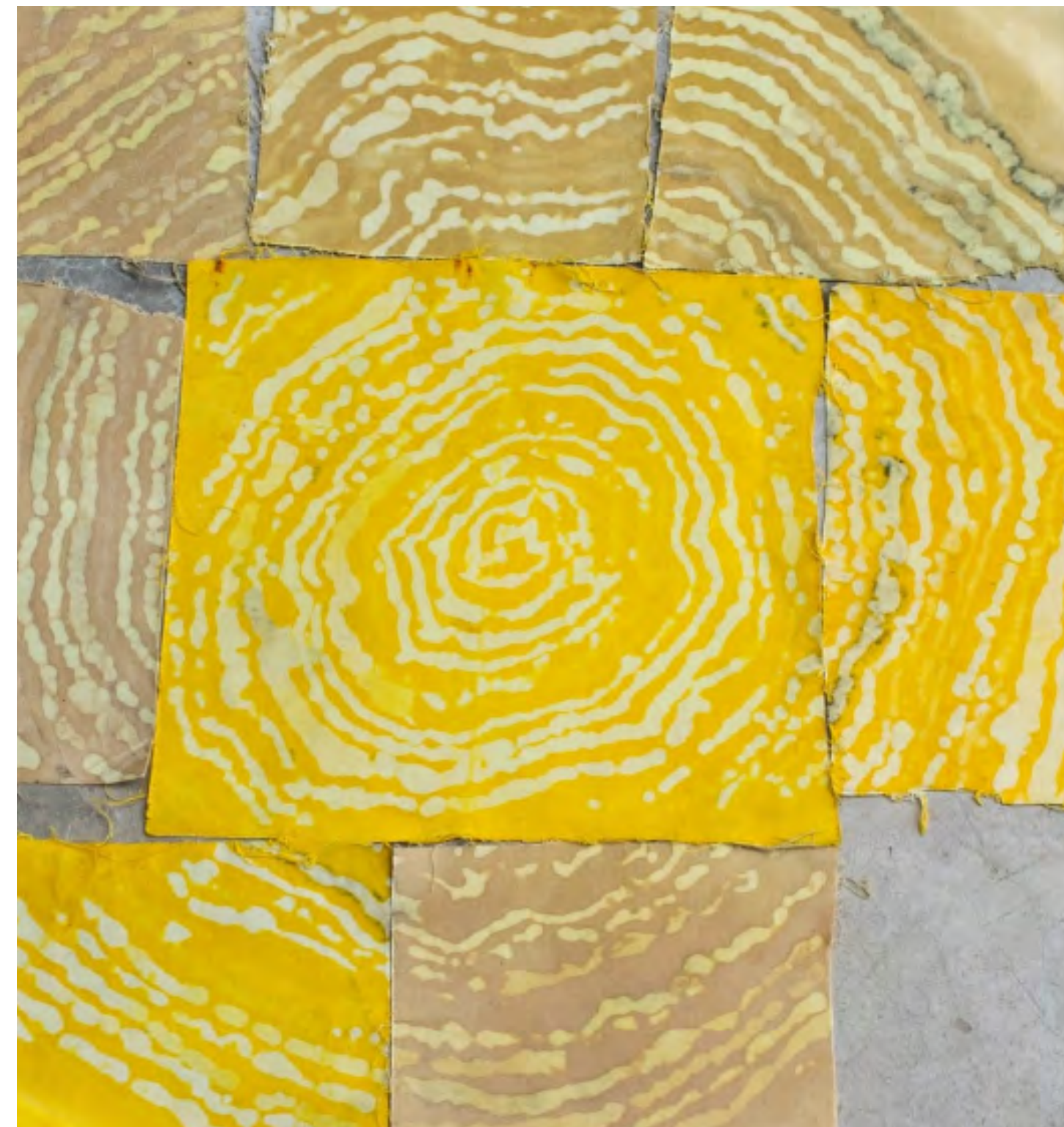
Às vezes o processo fica esperando a fermentação na matéria e a ideia que a imagem vislumbra ou seu desaparecimento. Alguns dias nadando em caldo de beterraba, cúrcuma e cebola permitem algumas coisas: os estalidos e estranhos tons da pedra, mas acima de tudo o desafio de rasgar a língua.

Como hackear a estranheza e torná-la identidade?

Permita-se o jogo para encontrar outras derivas no conhecido

Vale a pena e é preciso sair do centro, ver-se como um rio que corre e rodopia, juntando-se às correntes da matéria.”

Valentina González



(Fonte das imagens: Instagram da CAL)

3ª Ocupação: Álvaro Botero (Medellín, Colômbia)

“Ao jovem (solucionador licenciado de imagens) Álvaro: realizar um trabalho não matricial, retornado e adimensional.”

Seis pedaços de papel são colocados em terreno previamente preparado, recebendo as intempéries do tempo.

Narrativa poética:

“Narrar desde o primitivo da terra a abordagem nos processos criativos. Recomeçar pela fragilidade do papel, continuar com o acontecimento da natureza e recair na agressividade do digital/virtual.

Deter-se em observar
registrar, ver novamente
ser feito em silêncio.

Na desintegração, encontrar.

Reencontre-se, reiniciar.

Era preciso preparar o terreno, como se o preparasse para o plantio.”

Álvaro Botero



(Fonte das imagens: Instagram da CAL)

4ª Ocupação: Mario Agudelo (Rionegro, Colômbia)

“Para Mario (o desenhista figurativo que evita as figuras): o uso do tecido, da performance e da repetição.”

Na primeira ação o artista realiza uma vídeo performance desenhando sobre tecido. Na segunda, uma imagem impressa é triturada por uma máquina de moer milho.

Narrativa poética:

"O gesto como traço? O que emerge de uma imagem?

E no final, envoltos na práxis, qual é o resultado?

As coisas não permanecem, mesmo que a evitemos e trabalhemos por ela, entendendo o desenho como uma entidade capaz de transformação, de não se fixar em nenhuma fixidez, onde flui como o veludo drapeado do tecido.

Como o milho, a imagem adquire múltiplas transformações, inquieta-se com as diferentes possibilidades do que consegue gerar em suas derivas;

expande-se, experimenta-se, brota, cobre, celebra, entrincheira-se, expande-se, assim e de muitas outras formas, em cada espaço-tradição-contexto existem formas particulares de abordá-lo.

Entendendo as mudanças que ocorrem dessa forma, dando-lhe um lugar consciente, ao final não saberíamos dizer como cada imagem terminaria, isso seria condená-las, elas estão vagando.

"O que sustenta a vida".

Máquina de moer como artefato que modula a imagem onde a matéria não se destrói, se transforma.

Redutos de imagem e tinta.

Que o esforço para emergir Gravura não seja em vão, nem o que está envolvido na preservação da imagem."

Mario Agudelo



(Fonte das imagens: Instagram da CAL)

5ª Ocupação: Mariana Renthel (Buenos Aires, Argentina/Medellín, Colômbia)

“(A coletora da cidade) Mariana: deve reger o princípio dócil e animal, com óleo e performance, em proto-papel e de maneira figurativa.”

Na performance apresentada pela artista, ela realiza as ações: preparação da tinta com negro de fumo e gordura de porco; a pintura do corpo e impressão do próprio pescoço em papel vegetal.

Narrativa poética:

"Atravessada por condições: o animal/ Óleos/ Protopapel/ Figurativo.

Estas orientações vêm apenas para impulsionar um processo de construção que desconfio que será constante.

Preparei a tinta com um material que não gosto, mas que reconheço como estável e encorpado.

Uma condição: o animal e a performance.

Receita: Gordura de porco, junta ou entre fáschia, negro de fumo e fio dental.

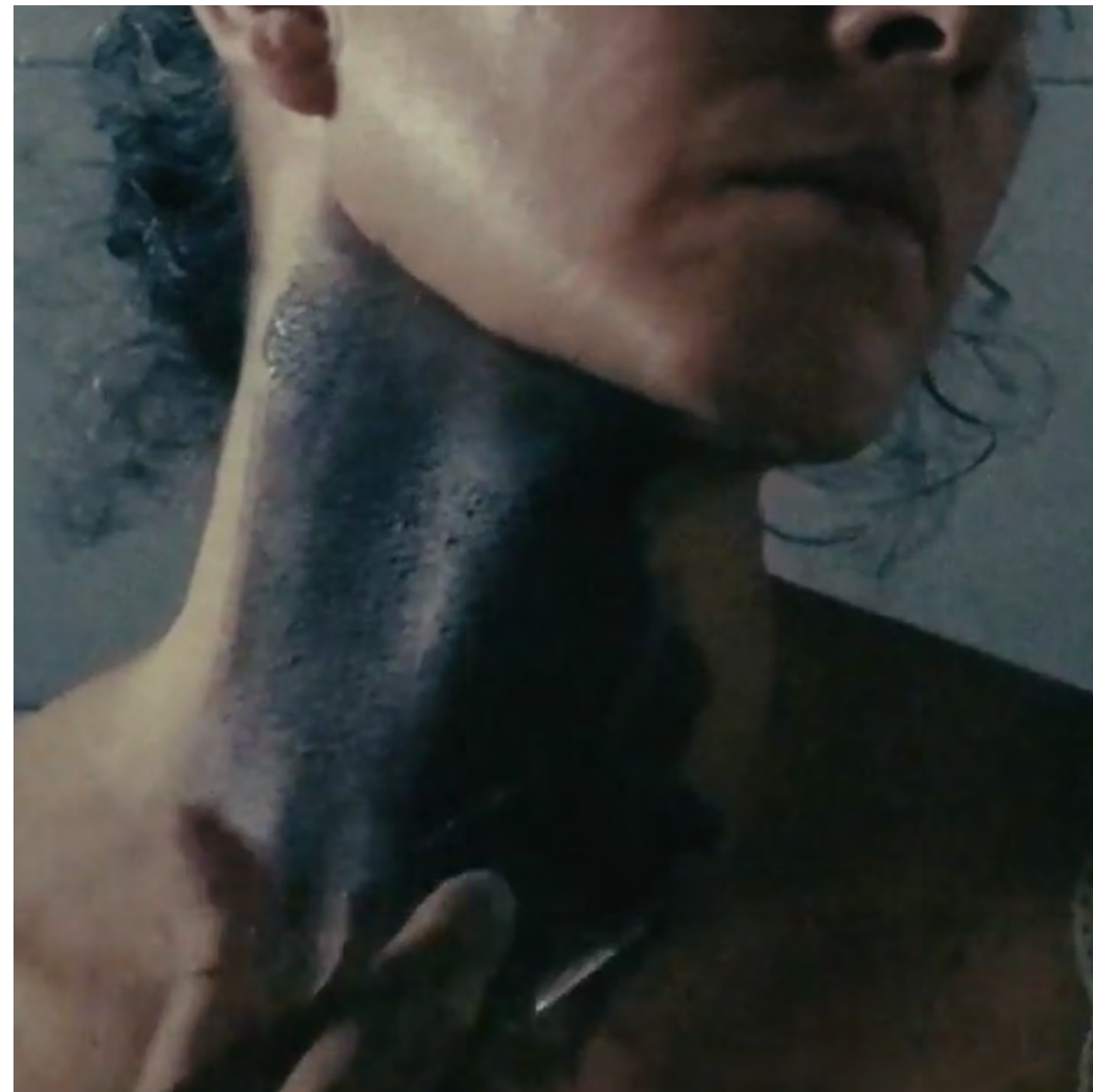
O pescoço, torre para a cabeça/ponte para a coluna com laços nas clavículas.

Manutenção.

Nas condições, acrescenta-se o que é dócil à ação.

O prendedor com os restos mortais, as impressões do pescoço malfadadas."

Mariana Renthel



(Fonte das imagens: Instagram da CAL)

APRESENTAÇÃO DO GRUPO

Grupo GRAlpha

Universidade de Antioquia
Medellín - Colômbia

O grupo GRAlpha propõe questionamentos sobre a ideia de técnica gráfica por meio da criação de eixos problemáticos relacionados aos processos curriculares acadêmicos da área gráfica da Faculdade de Artes Visuais da Universidade de Antioquia em Medellín. Esta área, composta de duas linguagens que se cruzam e dialogam: a gravura e o desenho, compreende processos que vão desde expressões gráficas primitivas, como a marca e a pegada até a sua expansão.

Foi de grande importância que esse grupo se constituísse e se desenvolvesse nas áreas de processos de reflexão, cruzamentos e projetos que comprometessem interseções com outras linguagens e mesmo outros saberes disciplinares, questionando seus papéis e refletindo sobre o aspecto técnico e processual das linguagens gráficas. Isso permite o aprofundamento dos processos formativos e criativos, tanto em sua projeção quanto em seu desenvolvimento, tanto artísticos como pedagógicos.

Camilo Pino

Bello/Colômbia (1994). Trabalha no Vale de Aburra/Antioquia.

Mestre em Artes Plásticas, atualmente interessado na educação não-formal das artes com foco em, e a partir de, sistemas gráficos e de impressão: a cozinha como oficina e a oficina como cozinha e a utilização de materiais vegetais para gerar meios e suportes.

Valentina González Henao

Medellín/Colômbia (1993).

Artista plástica e docente em Medellín, interessa-se pela expressão do ser a partir de materialidades orgânicas e tecnologias em desuso, bem como habita a interseção difusa entre arte e educação.

Álvaro Botero

Medellín/Colômbia (1989). Vive e trabalha em Medellin, Colômbia.

Graduado em Educação em Artes Plásticas pela Universidade de Antioquia. Atualmente é diretor da Casa Cultural La Chispa onde desenvolve processos de pesquisa e criação em laboratórios gráficos com foco no comunitário. Ativista, educador e artista visual, participa de processos sociais desde os 14 anos. Seus interesses atuais giram em torno da produção de conhecimento, da reivindicação de diálogo de saberes, da construção de um sentido decolonial, entrelaçado com urgência de compreender e influenciar a realidade do mundo em que vivemos.

Mario Agudelo Jaramillo

Rionegro/Colômbia (1996).

Estudante pesquisador do grupo GRAlpha, da Universidade de Antioquia (Colômbia). Ao desenhar, ele explora os limites da própria imagem, buscando captar os gestos e deixando que os erros traspassem seu próprio caminho. Entre esforços sem sentido, encontra-se capturando não apenas as tentativas e os sucessos, mas também os fracassos que surgem durante a criação de imagem.

Mariana Renthel

Buenos Aires/Argentina (1978). Vive e trabalha em Medellín, Colômbia.

Coordenadora e líder do grupo de pesquisa GRAlpha. Artista visual e professora vinculada à Universidade de Antioquia, Faculdade de Artes. Foi formada na Argentina e na Alemanha com ênfase em linguagem gráfica. Nos últimos anos tem desenvolvido seu trabalho investigativo e criativo em torno da linguagem, da matéria, dos biomateriais e dos processos que conduzem à materialização de determinadas peças. Este trabalho, por sua vez, está interligado com processos pedagógicos dentro e fora do âmbito institucional. Seu trabalho e processo tornaram-se visíveis em vários países da América Latina e da Europa.

PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

Como criar a partir dos limites e das dificuldades?

Esta proposição incentiva a criação a partir da vivência do desconforto e dos limites.

Segundo o grupo GRAlpha:

“Com as dificuldades que a saída do lugar confortável traz, estimula-se a ir mais fundo, na origem daquilo que causa desconforto. Talvez seja o gatilho ou a desculpa, pouco importa para onde a bússola que orienta o trabalho aponta, os quadrantes se delineiam. Mover as mãos ou os pés, estalar o pescoço, sacudir a terra e acender as velas! Que ação levaria à outra e depois à outra?”

A partir das vivências e experiências dos artistas do grupo GRAlpha com as dificuldades impostas pelo “jogo”, você pode propor o mesmo aos seus alunos e alunas.

Após mostrar os processos criativos do(a)s artistas e como cada um solucionou seu desafio, proponha uma roda de conversa sobre os desconfortos de cada um, a partir da pergunta: com que tipo de material ou técnica você sente dificuldade de trabalhar ou não gosta?

Organize os desconfortos e combine-os de forma a criar diretrizes para o trabalho de cada aluno(a) ou grupo de aluno(a)s. A distribuição dos desafios pode ser feita de maneira aberta ou secreta, inclusive por meio de sorteio.

Estabeleçam um parâmetro de tempo para o desenvolvimento desta proposição.

Ao final, voltem à roda de conversas para uma exposição dos resultados e, principalmente, para compartilhar coletivamente como cada um se sentiu frente às dificuldades e como pôde aproveitar as condições incômodas para criar suas imagens.

Recursos necessários:

Papéis diversos, riscadores, materiais associados aos desconfortos do(a)s aluno(a)s, cronômetro.

Segmento(s) indicado(s):

8º e 9º anos do Ensino Fundamental 2

Ensino Médio

Educação de Jovens e Adultos

Links Externos:

Ocupação do Instagram da CAL

<https://www.instagram.com/p/CVQ12HaFWTA/>

Camilo Pino

<https://www.instagram.com/p/CVSm8wTFyNx/>

<https://www.instagram.com/p/CVSxnwxlCKg/>

<https://www.instagram.com/p/CVTZt8kl3gv/>

<https://www.instagram.com/p/CVUHGJjM19D/>

<https://www.instagram.com/p/CVUJO35pxDi/>

<https://www.instagram.com/p/CVUOvRZsk4B/>

Valentina González

<https://www.instagram.com/p/CVVQ7yHgO4h/>

<https://www.instagram.com/p/CVVgMe1gN0d/>

<https://www.instagram.com/p/CVWHTaagHrh/>

https://www.instagram.com/p/CVWY_MUftZC/

Álvaro Botero

https://www.instagram.com/p/CVYBrSVle_Q/

<https://www.instagram.com/p/CVYI-dsFxmW/>

https://www.instagram.com/p/CVYIAEMI_Xg/

Mario Agudelo

<https://www.instagram.com/p/CVaw7YMIY4V/>

<https://www.instagram.com/p/CVbLOmdF6-H/>

https://www.instagram.com/p/CVbm9_NFpP1/

<https://www.instagram.com/p/CVbsHO9FdC8/>

Mariana Renthel

https://www.instagram.com/p/CVc-CXOA4_E/

<https://www.instagram.com/p/CVdRBvqA6CV/>

<https://www.instagram.com/p/CVdzRMtgVvN/>

<https://www.instagram.com/p/CVeL4LYI72G/>

Contrafluxo #6

AMAZÔNIA: VISUALIDADE GRÁFICA, POÉTICA E IMAGINÁRIO

GRUPO DE PESQUISADORES DA UnB

Palavras: natureza – caminhada – experiência - narrativa

Proposta da Exposição-Ocupação:

A exposição "AMAZÔNIA: Visualidade gráfica, poética e imaginário" reúne obras e experimentações artísticas de pesquisadores e pesquisadoras da Universidade de Brasília inspiradas em diversas regiões do Norte do Brasil. A partir do mapeamento da visualidade amazônica e vivências com comunidades locais, a investigação procura contribuir com reflexões sobre a relação entre homem e natureza, por meio de abordagens antropológicas, poéticas e visuais.

A busca por uma ponte entre arte e cultura visual brasileira está inserida no processo de criação do(a)s artistas do grupo, no qual os conhecimentos relacionados às representações visuais e suas características fundamentais são transformados em obras gráfico/poético/visuais com diversidade de linguagens artísticas contemporâneas.



Fotografia de Gustavo da Rosa - Pássaro Azul, 2021

O artista Rafael Cardim Bernardes nos mostra em sua fotografia como a exuberância das matas emociona os olhos de quem vê.

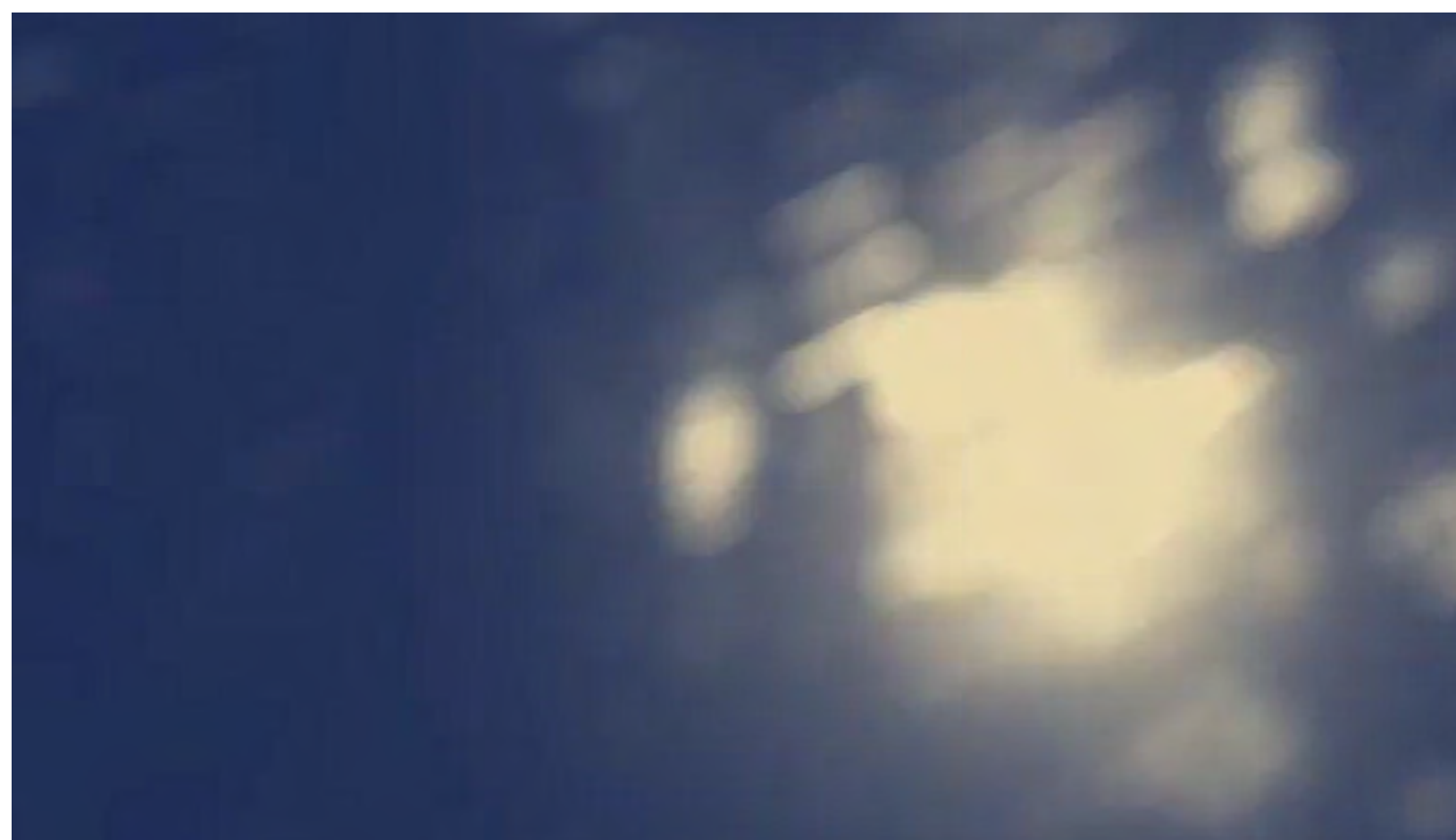
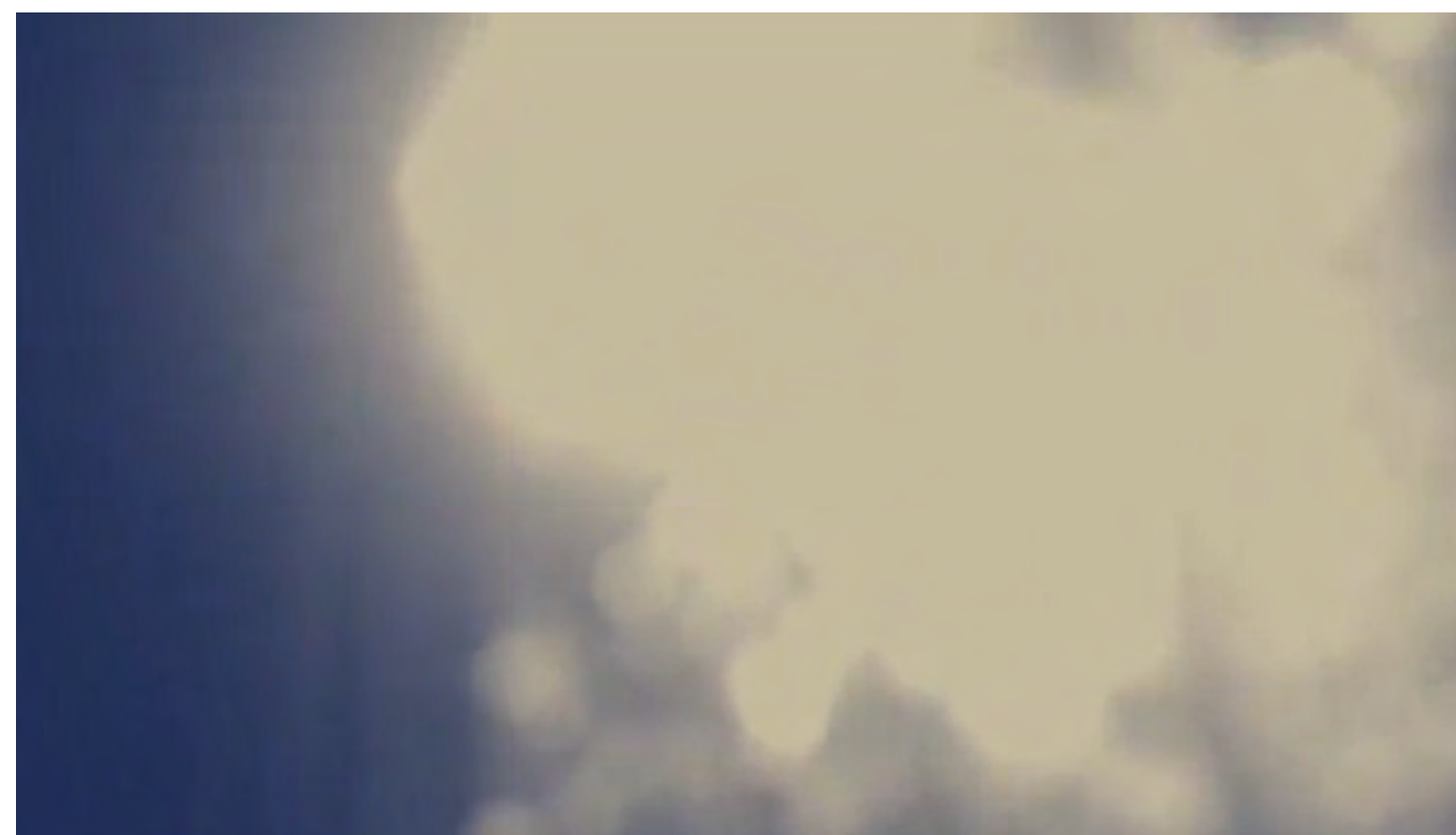
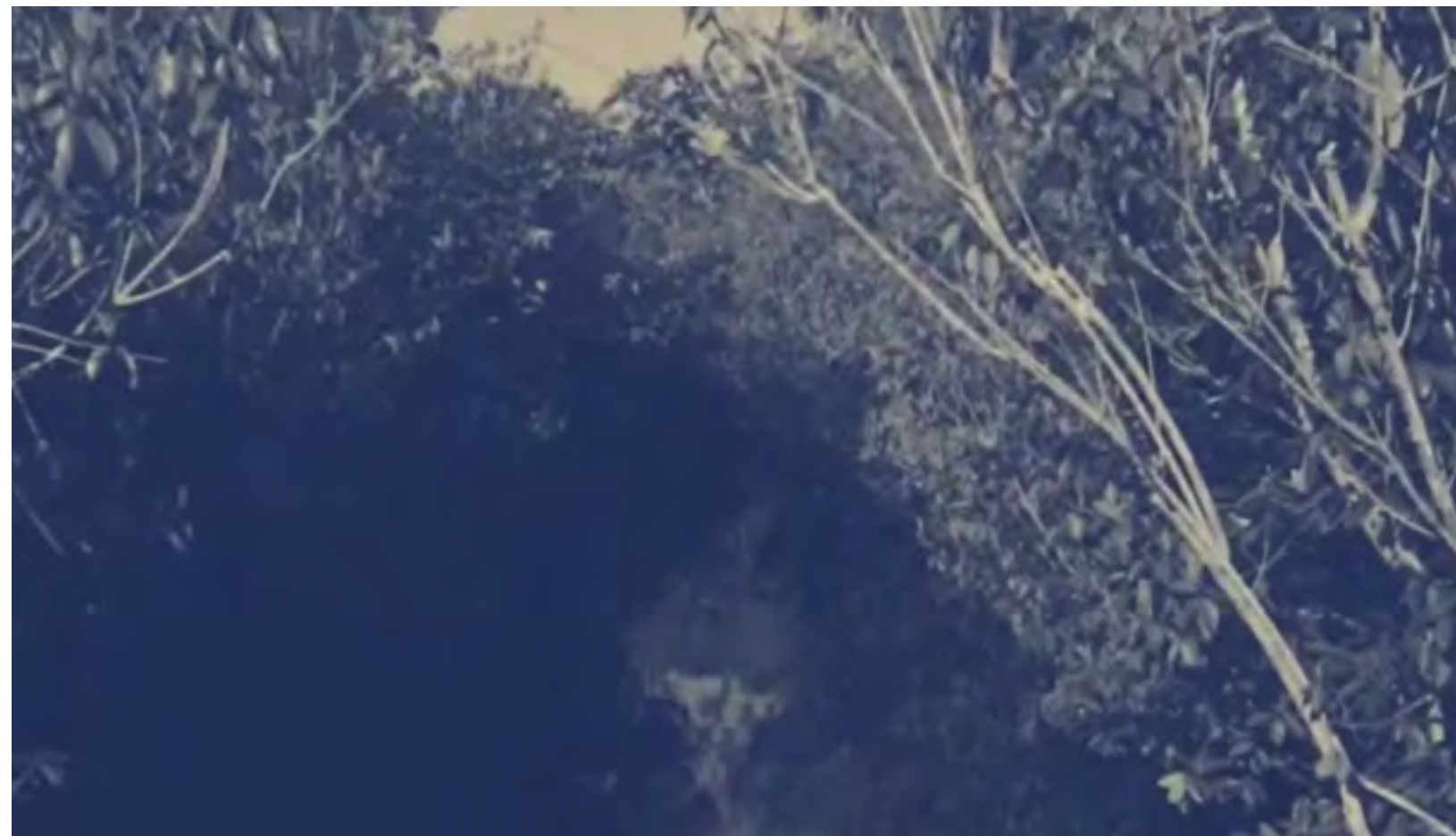
As nuvens, verdadeiros rios flutuantes, carregam a chuva que nutre a terra para a colheita de novos frutos, castanhas e histórias. Tudo parte de um ecossistema rico, interligado, interconectado há milênios por habitantes que faziam o manejo da floresta. A chamada "terra preta de índio".

Ayana Saito e Daniel Mira apresentam nesta proposta de ocupação o vídeo: "Diário experimental de uma primeira visita à floresta amazônica", que pode ser assistido na íntegra no Instagram da CAL.

O artista Gu da Cei apresenta uma ação de protesto contra a exploração desenfreada dos recursos naturais causada pela ganância do capitalismo.



Fotografia de Rafael Cardim
Bernardes/UnB
(Fonte: Instagram da CAL)



“Calor. Pressão. Umidade. O ar amazônico me espremeu com delicadeza em meio a sua estufa pessoal. Tudo o que eu via era floresta, não existia mais nada. Senti um arrepio. Algo que beirava o sublime. Que sensação deliciosa. A floresta engolia tudo. Lembro-me de ouvir alguém dizer: “Aqui, o rio dita as estações”.”

Captura de imagem do vídeo
“Diário experimental de
uma primeira visita à
floresta amazônica.”
Vídeo e palavras de
Ayana Saito e Daniel Mira
Fonte: Instagram da CAL



Captura de imagem do vídeo:
"Being autodestruição falida"

Performance e edição:
Gu da Cei
Captação de imagens:
Gustavo da Rosa

Fotos ao fundo e instalação "163":
Mariana Santos

Fonte: Instagram da CAL

APRESENTAÇÃO DO GRUPO

Grupo de Pesquisadores da UnB

Universidade de Brasília

Brasília-Brasil

O Grupo de Pesquisadores da UnB é composto por: Ângela Saldanha, Ayana Saito, Gustavo da Rosa, Sara Viana, Clara Smith, Mariana Santos, Gu da Cei, Rafael Cardim Bernardes, Marisa Maass, Célia Matsunaga, Daniel Mira, Carolina Menezes e Catarina Xavier. Atua,

desde 2015, no estudo de processos criativos em arte e design e utiliza como recorte territorial a região do baixo rio Tapajós, no Pará. Nesta exposição estão incluídas também obras inspiradas em outras regiões do Norte do Brasil.

Ayana Saito Mira

(Parnamirim - RN/Brasil, 1998)

Mestranda em Arte Industrial pela Universidade Metropolitana de Tóquio, atua como designer, artista e pesquisadora em novas mídias e possibilidades de interação, seja no âmbito comunitário, subjetivo ou na conexão com o espaço natural. É formada em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (2021) e atuou como artista pesquisadora na Universidade de Artes de Tóquio em Mídias Avançadas (2024). Foi premiada "Emerging Scholar" na "On the Image Conference 2021" e hoje é aluna bolsista do governo japonês. Seus projetos incluem arte interativa, artes gráficas para literatura infanto-juvenil, acompanhamento pedagógico em artes, eventos culturais, animação, ilustração e vídeo-arte.

Carol Menezes

Graduanda em História pela Universidade de Brasília. No grupo Visualidade, Memória e Escrita, desenvolve pesquisa sobre a tradição e memória dos utensílios na cerâmica indígena. Já participou, também, de pesquisas sobre Design e urbanidades. Tem experiência profissional com Comunicação, atuando no Ministério do Meio Ambiente, e com projetos de moda e sustentabilidade. Hoje, atua na área de revitalização de vestimentas e brechós.

Catarina Xavier de Sousa

Estudante de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade de Brasília. Trabalha com fotografia e a criação de conteúdo gráfico e identidades visuais. Seus interesses incluem design gráfico, ilustração, séries, pintura, vídeo, animação e tecnologia.

Clara Smith

(São Paulo - SP/Brasil)

Vive e trabalha em Brasília - DF/Brasil. Bacharel em Audiovisual pela Universidade de Brasília (UnB). Já atuou, principalmente, nas áreas de montagem, criação e redação publicitária em Brasília. Pode colaborar com produtoras em videoclipes, como curadora em mostras fílmicas, copywriter em projetos de cunho social e educativo e, também, gestora de projetos audiovisuais. Hoje, integra o projeto 'AMAZÔNIA: Visualidade Gráfica, Poética e Imaginário'.

Célia Matsunaga

Professora da Faculdade de Comunicação/UnB. Professora no Programa de Pós Graduação em Design/UnB na linha Design, Espaço e Mediações. Tem pós-doutorado (PEP - Post Experience Programme) na Royal College of Art, Londres, Inglaterra, 2019 e pós-doutorado na APECV - Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, Lisboa, Portugal, 2019. É doutora em Artes pelo Instituto de Artes/Universidade de Brasília, pela linha de pesquisa Arte e Tecnologia (2014) e foi pesquisadora visitante (Faculty) na Parsons The New School for Design, Nova York no programa Ciência Sem Fronteiras/CNPq 2013. Tem mestrado pela School of Communication, Royal College of Art - Londres, Inglaterra, 1998. Recebeu diversos prêmios, como: RedDot Design Award, RedDot Design Museum, Essen, Alemanha 2010. Prêmio CLAP edições 2013, 2015 e 2016, Prêmio Internacional de Design Gráfico Madri, Espanha. AcrossRCA Royal College of Art e ExchangeRCA, Post Experience Students RCA, 2019.

Daniel Mira

(Brasília - DF/Brasil)

É artista e pesquisador formado pela Universidade de Brasília, especializado em Poéticas Visuais, mestre em Design e doutorando em Artes também pela Universidade de Brasília. Atua hoje no contexto das pesquisas e produções artísticas voltadas à Natureza, tendo como caminho a interseção entre arte e ciência. Analisa a relação dos aspectos sensíveis e racionais no âmbito da pesquisa em arte. Tendo como “locus” de pesquisa o Cerrado Brasileiro, procura na sua biodiversidade e singularidade do bioma, formas de expressão estéticas e “funcionais” da vida através da sua “autopoiesis”. Em sua carreira artística, exibiu suas obras no Brasil, Nova York, Barcelona, Berlim e Eslovênia. Foi vencedor do prêmio Clap editorial Barcelona em 2013 junto com sua mentora Célia Matsunaga.

Gu da Cei

É filho de maranhenses, artista visual, produtor cultural, curador da Galeria Risofloras, bacharel em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB) e tecnólogo em Marketing. Desenvolve o seu trabalho artístico no âmbito da intervenção urbana, instalação, poesia, performance e vídeo, além de buscar compreender as possibilidades dialógicas entre processos históricos e contemporâneos da fotografia, bem como seus espaços de exibição e circulação. Discute vigilância, imagem, direito à cidade e transporte coletivo. Ganhou o Prêmio de Arte Contemporânea Transborda Brasília e foi selecionado para o Prêmio EDP nas Artes, realizado pelo Instituto Tomie Ohtake. Integra a coordenação do Festival Foto de Quebrada e alguns de seus trabalhos também podem ser conferidos no livro "O Direito Achado na Rua: Introdução Crítica ao Direito à Comunicação e à Informação".

www.gudacei.art.br

Gustavo da Rosa

(Brasília, DF/Brasil)

Vive e trabalha no Rio, RJ. Estudante do doutorado e mestre em Design pela PUC-Rio, trabalha com edição de vídeo e fotografia. Bacharel em Comunicação, teve a oportunidade de integrar assessorias e produtoras de vídeo, além de instituições de ensino. É conhecido por seu trabalho de captação de som direto nos longas-metragens 'A Percepção do Medo' (2016) e 'Todas as Horas do Fim' (2017).

Isadora Castelo Branco

Graduanda em comunicação social, publicidade, pela Universidade de Brasília. Participou como extensionista e pesquisadora da Expedição IV do grupo liderado pela professora Célia Matsunaga. Traz em suas reflexões o sagrado para os rituais Munduruku e a performance artística corporal ao questionar o lado animal negado pelos humanos.

Mariana Santos

(Brasília - DF/Brasil)

Brasiliense, com paixão intensa pelas matas, pelo cerrado e pelas belezas naturais do Brasil. Bacharel em comunicação social pela Universidade de Brasília, desde 2017 pesquisa o direito ao acesso à comunicação na comunidade Munduruku de Bragança, Pará. Depois de sua primeira visita de campo à Amazônia, passou a direcionar seus esforços profissionais para trabalhos no âmbito da conservação ambiental e da valorização dos saberes dos povos da floresta. Encontra na comunicação formas de expressar e transmitir informações, seja por meio de fotos, textos ou experimentos audiovisuais e, nos estudos, tem interesse por pesquisas na antropologia, agroecologia e educomunicação. Trabalha atualmente como assessora de comunicação na cooperação alemã para o desenvolvimento sustentável (GIZ).

Marisa Cobbe Maass

(Madison/EUA, 1964)

Vive e trabalha em Brasília - DF/Brasil. Professora e Pesquisadora da Universidade de Brasília, atua no Departamento de Desenho Industrial desde o ano 2000, na graduação e desde 2013 na pós-graduação. É graduada em Arquitetura e Urbanismo (1988), mestre em Teoria da Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (2005) e doutora em Teoria, História e Crítica, com estágio na Université de Paris 1 - Sorbonne (2011). Tem experiência na área de Design e Arquitetura, com ênfase em Estética aplicada ao Design, atuando principalmente nos seguintes temas: Teoria e crítica, Estética, Teoria e História do Design e Design Educação. Concluiu o Pós Doutorado no Centro de Investigação i2ADS da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal em 2017.

Rafael Cardim Bernardes

É bacharel em comunicação social pela Universidade de Brasília, músico, fotógrafo e cineasta. Desde 2014 é fotógrafo de rua e cotidiano.

Sara Viana

(Brasília - DF/Brasil, 2000)

Publicitária formada pela Universidade de Brasília. Analista de Marketing na Natura Cosméticos. Ambientalista e pesquisadora sobre questões raciais.

PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

Você se sente parte da natureza?

Você pode iniciar a proposição com essa pergunta, investigando onde o(a)s aluno(a)s reconhecem a natureza no seu cotidiano. Será que ele(a)s entendem que todos nós fazemos parte da natureza? Não apenas os bichos e as plantas, mas nós seres humanos também?

Afinal, estamos conectados à mudança das estações, aos alimentos que consumimos, ao clima e a cada elemento que nos cerca.

Esta proposição é um convite em 3 (três) partes para as crianças pararem e observarem a natureza, prestando atenção a tudo o que ela tem a ensinar, com seus mais de milhões de anos. Ela pode ser oportuna no contexto de comemoração do Dia da Amazônia, 5 de setembro, que tem como função conscientizar toda a sociedade a respeito dessa importante riqueza natural.

Você pode despertar o interesse das crianças dizendo que a natureza não sai assim falando “sem papas na língua” e que para captarmos suas mensagens precisamos olhar bem de pertinho, ouvir com atenção e sermos bastante respeitosos! E como ser respeitoso? Ora, temos que cuidar onde pisamos e o que tocamos! Vai que destruímos a casa de uma formiga! Além disso, é importante fazer silêncio para ouvir a floresta! Se falarmos alto vamos assustar todos os bichos! Então vamos respirar fundo e começar nossa jornada!

Parte 01 | Caminhar como prática criativa

A artista e pesquisadora Marisa Maass usou em sua obra materiais que coletou em suas expedições para a floresta Amazônica.

Conversem sobre as imagens abaixo!

O que são esses elementos? De que partes da região eles vêm?

Da mata? Do rio? De uma caverna?

Os caminhos que percorremos podem ser cheios de segredos e possibilidades!

Saiam para um passeio pela escola e peça aos alunos para pegarem suas lupas, observarem os detalhes ao seu redor e coletarem o que acharem interessante!

Que mistérios guardam esses pequenos objetos?

No meio da caminhada, é bom fazer uma pausa.

Convide a turma a inspirar bem fundo e sentir o cheiro desse lugar novo.

Está quente? Está frio? Como são as folhas? Como é a luz?

Será que conseguimos ver algum bicho? Que som será ele que faz?

Todo bom aventureiro carrega consigo um pequeno diário!

Incentive o(a)s aluno(a)s a fazerem algumas anotações. Pode ser um desenho, uma mensagem, sobre alguma coisa que eles viram...



Marisa Maass
Rio, Areia, Tempo
(Fonte: Material Educativo do Grupo)

Parte 02 | "Contaçon" de histórias

Este é o caderno de viagem da pesquisadora Mariana Santos.
Toda viagem pode render umas boas histórias!
Convide os alunos a criar histórias a partir do passeio que fizeram.
Vocês podem começar com um jogo das sombras.
Peça para que todos peguem suas lanternas.

É hora de apagar as luzes e contar os segredos dos objetos misteriosos!
Para isso, peça que peguem os objetos que coletaram e experimentem colocá-los em frente à lanterna para ver como ficam suas sombras.
É possível juntar mais de um objeto? O que parecem essas formas?
Incentive o(a)s aluno(a)s a inventarem uma história a partir das sombras dos objetos!



Mariana Santos

Em palavras

(Fonte: Material Educativo
do Grupo)

Parte 03 | Nossos caminhos

A artista e pesquisadora Ângela Saldanha mapeia a paisagem na obra “Viagens Poéticas pela Amazônia” juntando registros em fotografias com frases e palavras.

Que tal fazerem um grande mapa da caminhada?

A partir de um grande tecido, convide os alunos a desenhar diretamente no pano os caminhos que percorreram em seu deslocamento!

Você pode incentivá-los a usar fios de linhas e barbantes para representar o trajeto, desenhar coisas que viram ou partes das histórias que inventaram, grudar alguns dos objetos coletados e escrever algumas palavras! Uma baita aventura!

Depois de todo(a)s colocarem neste mapa suas ideias e experiências, como ficou o trabalho coletivo?



Ângela Saldanha

Viagens Poéticas
pela Amazônia, 2019

(Fonte: Material Educativo
do Grupo)

“Como escrever quando ainda
não existem palavras para tudo
o que eu vejo ou sinto?”



Ângela Saldanha

Viagens Poéticas
pela Amazônia, 2019
(Fonte: site do grupo)

“Descalça, na terra que não
conheço, conecto-me com
a ancestralidade”

Recursos necessários:

Lupas, lanternas, sacolinhas de papel para coletas, caderno de anotações, lápis, tecido para o mapa, canetinhas coloridas, cola, linhas e barbantes, fita crepe, coletas da caminhada.

Segmento(s) indicado(s):

Educação Infantil e Ensino Fundamental 1

Links Externos:

Ocupação do Instagram da CAL

<https://www.instagram.com/p/CVn9aKzFZRH/>

<https://www.instagram.com/p/CV6IFNNI32t/>

<https://www.instagram.com/p/CVyqmkCFSWY/>

https://www.instagram.com/p/CV4Lwi_gdyz/

<https://www.instagram.com/p/CV6IFNNI32t/>

Contrafluxo #7

POEIRAS

JADSON ROCHA

Palavras: tempo – efemeridade – poesia – intervenção

Proposta da Exposição-Ocupação:

A exposição Poeiras contempla registros de intervenções urbanas, performances e poemas sobre a efemeridade de coisas e processos inaugurados na certeza de seu fim, ainda que pouco a pouco. Assim como a poeira acumula-se sobre os móveis, ou a vegetação, que lentamente reconquista caminhos estreitos, traçados por pés que já não os visitam, essas obras de Jadson Rocha se comportam à semelhança de nossas células, que se desprendem diariamente da pele e não se distinguem mais da poeira do mundo.

Na série “Posso provar que houve um castelo”, o artista toma emprestado um punhado de areia de canteiros de obras para moldar pequenos castelos, posteriormente devolvidos aos montes de origem.



Posso provar que houve um castelo. 2020-1. Intervenção urbana.
(Fonte: <https://www.instagram.com/p/CWI25LiAG4z/> Instagram da CAL)

Jadson compartilha com o público a receita usada para a construção da pequena peça:

INGREDIENTES

- Quantidade suficiente de areia roubada (não precisa ser roubada)
- Quantidade suficiente de água

PREPARO

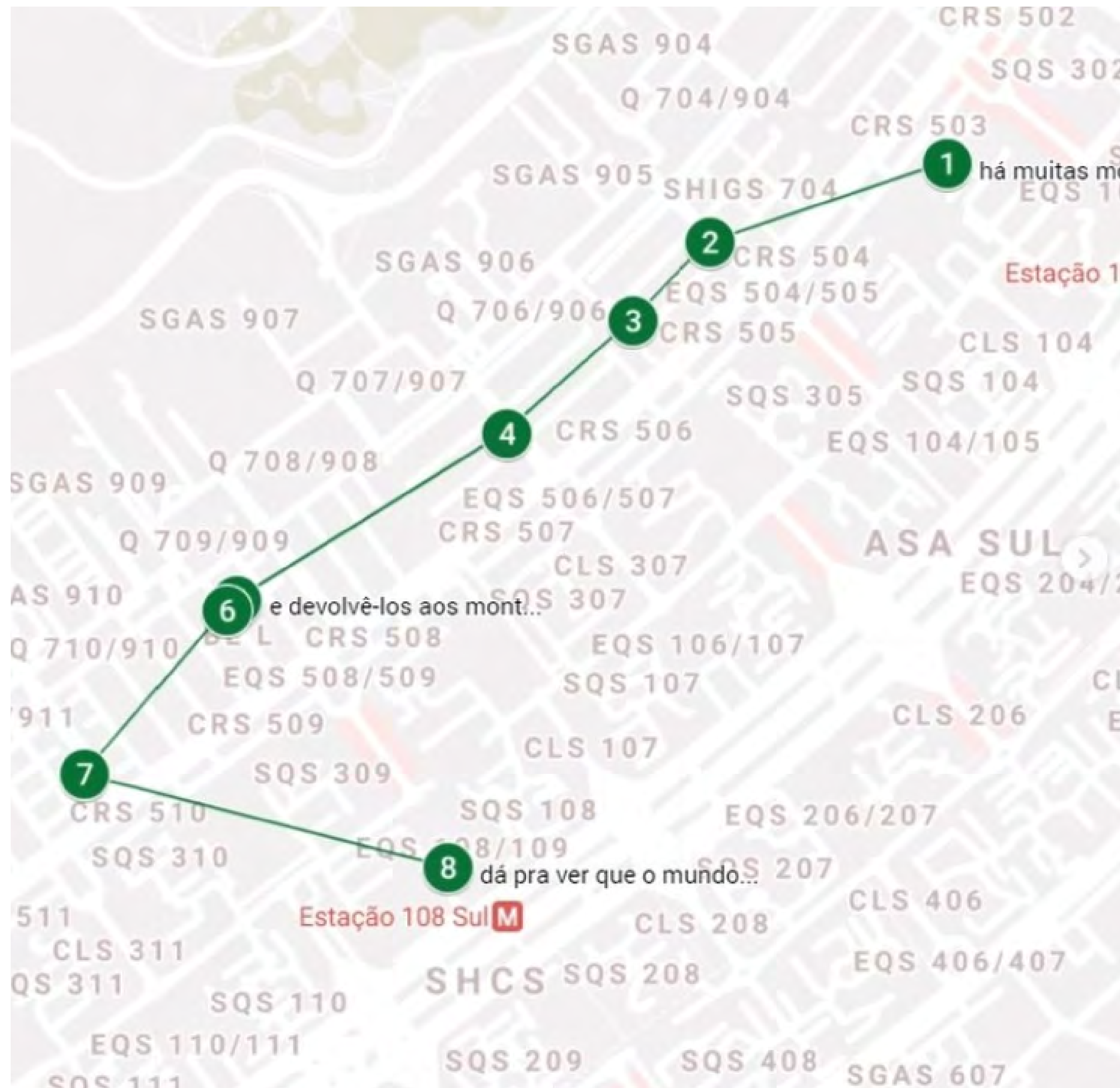
- Misture os ingredientes até formar uma pasta, não pode ser muito líquida, caso necessário incorpore mais areia
- Transfira para um molde da sua preferência ou modele por conta própria
- Leve ao forno a 200° por 15 minutos
- Desenforme após esfriar

(Fonte: <https://www.instagram.com/p/CWI78StgrBA/> Instagram da CAL)

Após modelada, a areia em forma de castelo retorna ao seu lugar de origem e aos poucos ao seu estado de pó.

O que fica desta obra é a marca da localização de cada castelo em cada intervenção realizada, que o artista vai traçando em um mapa.

A intervenção também existe em forma de poema:



“há muitas montanhas nesta cidade
menores que homens, imensas
roubei-lhes um punhado de areia
para construir castelos
e devolvê-los aos montes de origem
um punhado de areia faz crescer a montanha
desde o alto da torre
dá pra ver que o mundo se desmancha”
Jadson Rocha

Em outra intervenção urbana, pequenos fragmentos de entulhos são sinalizados pelo artista com um pedaço de fita crepe contendo um carimbo com os dizeres: “Esta Ruína Também É Minha”, frase que dá título ao trabalho, de 2021.



“esta ruína também é minha
faço parte da espécie a acabar
antes do tempo com todas as coisas
inauguradas na certeza do fim
mesmo as que resistem desmanchar-se
até as que se precipitam à poeira
à semelhança de nossas células
que a diário partem sem despedida”
Jadson Rocha

Fonte das imagens: <https://www.instagram.com/p/CWLWf6wgCUt/> Instagram da CAL



O artista também utiliza ações e materiais efêmeros, como um carimbo (sem tinta) no chão de terra com os dizeres: “Essa Terra Já Foi Roubada”.

Na performance "Quero saber da sua desesperança" a ação consiste em convidar frequentadores da praça do Museu Nacional em Brasília para compartilharem com o artista suas desesperanças. Ao longo da conversa o artista seleciona, junto com o público, palavras para serem carimbadas sobre pastilhas efervescentes, que reagem, pouco a pouco, com a umidade do ar, até que as palavras se tornem ilegíveis.

Esta terra já foi roubada. 2021. Carimbo sobre solo americano. Intervenção urbana. Fonte da imagem: <https://www.instagram.com/p/CWTJ8wOFnac/>
Instagram da CAL



Quero saber da sua desesperança. 2021. Performance.

Fonte das imagens: <https://www.instagram.com/p/CWV6MX9IldP/> Instagram da CAL

APRESENTAÇÃO DO ARTISTA

Jadson Rocha

Vive e trabalha em Brasília-DF

A produção de Jadson Rocha conta com objetos, instalações, intervenções e performances, que exploram questões como vazio, fragilidade, palavra, miudeza e cotidiano. Economista, pela UnB, sua formação inclui ainda disciplinas de arte na universidade e cursos livres em instituições como Parque Lage e Caixa Cultural Brasília. Participou das exposições "A margem do sonho", no Espaço Coletivo (RJ), "Se eu fosse dizer que é aqui", na NAVE (DF), "Invenção movimento -

Experimento", no espaço deCurators (DF), "Acervo rotativo", na Oficina Cultural Oswald de Andrade (SP), "Diálogos distantes" e "Segundo Plano", ambas na Galeria Tato (SP). O artista participou do programa de residência "Together, Separately", oferecido por Cel del Nord (Oristà, Espanha).

PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

O que revelam os rastros das palavras? ou O que a materialidade revela sobre a obra?

Conversar sobre a passagem do tempo e a efemeridade nas obras de Jadson Rocha pode ser uma oportunidade para discutir com os alunos e as alunas as conexões e relações que artistas contemporâneos estabelecem entre o conceito e a matéria na construção da obra, como forma de potencializar uma discussão. Os materiais utilizados na arte contemporânea são carregados de significados e potencializa a poética e os questionamentos trazidos pelos artistas.

Pergunte aos/às aluno(a)s que tipos de técnicas e materiais artísticos eles conhecem.

Relacionem esses conhecimentos com os materiais usados pelo artista Jadson Rocha.

A partir dessa introdução, vocês podem escolher juntos um assunto da atualidade, algo que desperte o interesse de todos e elencar as palavras-chave ou frases importantes que vão sendo trazidas durante uma roda de conversa.

Assim como o artista, pensem nas palavras e frases que mais carregam a possibilidade de ganhar potência quando escritas em meios frágeis e efêmeros, que podem rapidamente desaparecer.

A escrita pode ser feita de diversas maneiras, como por exemplo:

- a lápis sobre um papel e em seguida apagar e observar o rastro deixado pela palavra
- com um galho ou palito sobre terra ou areia e depois assoprar ou dançar sobre as palavras, até que elas se apaguem.
- com canetinha sobre uma superfície de plástico e em seguida submergir em água para observar a tinta indo embora.
- na lousa com giz, buscando em seguida formas de apagá-las que não seja utilizando o apagador.

Vocês podem registrar com fotografias e/ou vídeos, mostrando as etapas de escrita e apagamento, evidenciando os rastros deixados por cada uma das ações sugeridas.

Recursos necessários:

Lápis grafite, papel sulfite, borracha, canetinhas coloridas, superfície plástica, giz de lousa, gravetos, aparelho celular ou máquina fotográfica.

Segmento(s) indicado(s):

Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio

Links Externos:

Ocupação do Instagram da CAL

<https://www.instagram.com/p/CWEK5HbFNwD/>

<https://www.instagram.com/p/CWI1JwDgeUZ/>

<https://www.instagram.com/p/CWI25LiAG4z/>

<https://www.instagram.com/p/CWI78StgrBA/>

<https://www.instagram.com/p/CWJxD-QA6r0/>

<https://www.instagram.com/p/CWLWf6wgCUt/>

<https://www.instagram.com/p/CWLXjJUIF04/>

<https://www.instagram.com/p/CWLZaxjgSio/>

https://www.instagram.com/p/CWNvGw_AHJJ/

<https://www.instagram.com/p/CW0Ve3ilmjr/>

<https://www.instagram.com/p/CW02x1pFnjy/>

<https://www.instagram.com/p/CWTJ8wOFnac/>

<https://www.instagram.com/p/CWV6MX9IdP/>

<https://www.instagram.com/p/CWWgYPapX-e/>

https://www.instagram.com/p/CWa_W2dF6rd/

https://www.instagram.com/p/CWbYC_KJt4f/

<https://www.instagram.com/p/CWdlT8CgKvl/>

Contrafluxo #8

FALAS

FERNANDO AIDAR

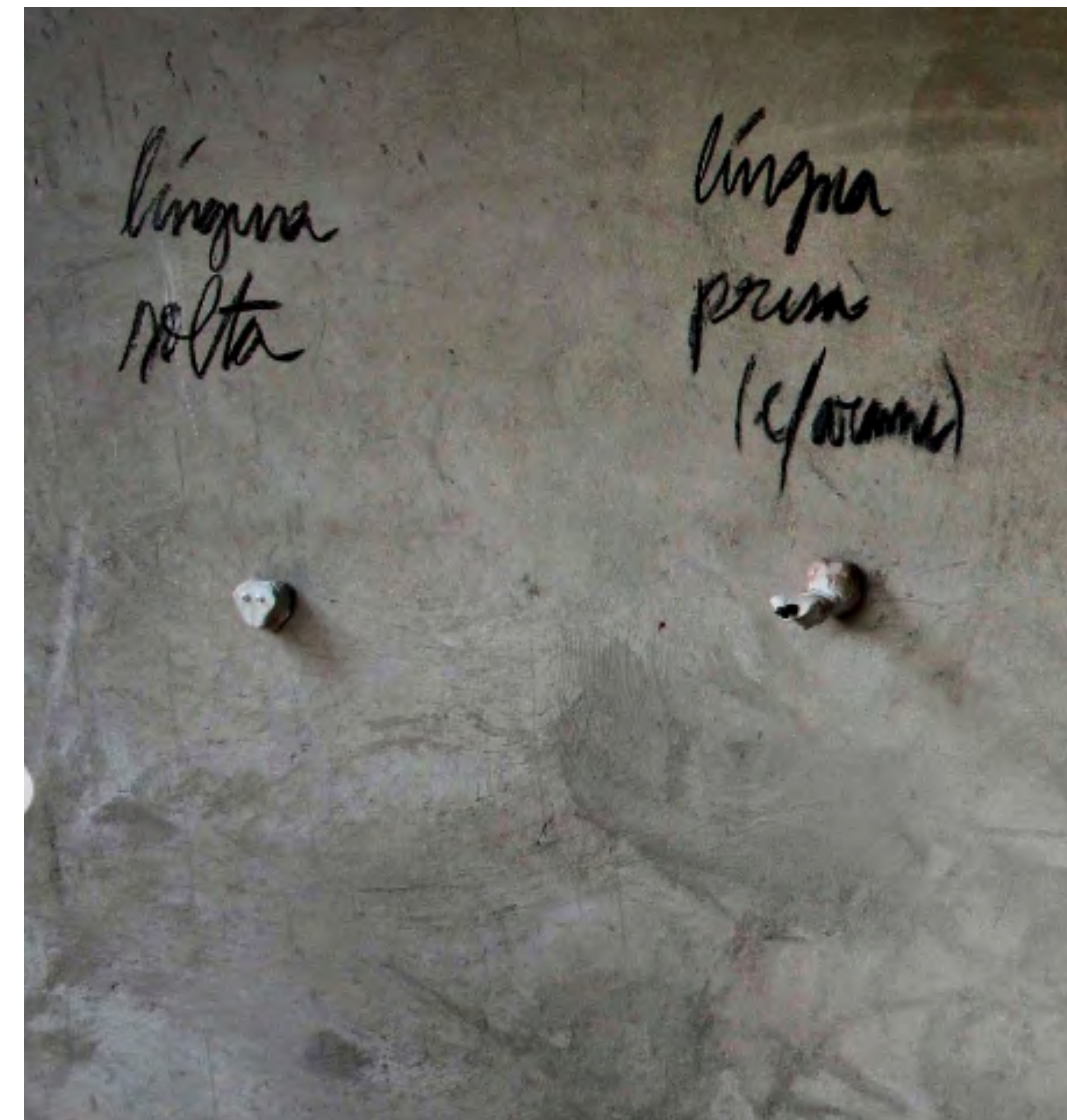
Palavras: linguagem – comunicação – sociedade – escultura social

PROPOSTA DA EXPOSIÇÃO-OCUPAÇÃO:

Falas é o nome da exposição virtual criada pelo artista Fernando Aidar, abrigada em um site criado especificamente para esta ocupação.

Inicialmente, a ocupação física do espaço da CAL era composta majoritariamente por trabalhos de sua série "língua de gado", que a partir de diferentes linguagens, faz referência às línguas de bois.

Grande parte dos trabalhos desta série foi realizada em porcelana a partir de moldes de gesso retirados das línguas originais de carne. Antes da queima das peças, muitas delas sofreram intervenções do artista: tiveram pedaços decepados e depois suturados ou foram amassadas, perpassadas por arames, enforcadas, etc.



Fernando Aidar

"Vozes, da série língua de gado"

2018/9 | instalação | línguas de porcelana, carvão vegetal, materiais diversos.

Na obra *Vozes*, exibida em 2020 no Salão de Arte de Londrina, as línguas de porcelana foram apresentadas em uma instalação, onde cada peça instalada foi exibida acompanhada de uma identificação escrita a carvão na parede.

Na ocasião, a historiadora Liliane Benetti escreveu sobre a obra: “De tão torturadas, algumas (línguas) só são reconhecíveis pelas atribuições que carregam junto de si, em palavras manuscritas na parede, a carvão: língua-solta, língua-afiada, língua-presas, loboto-língua, língua-muda, língua-com-calo-nas-costas. Poderia a sobreposição de gestualidades do ato de nomear converter cada língua em voz, numa junção de vozes resistentes ao silenciamento, como a restituir algo da alusão ao humano que se perdera, e sempre se perderá, na violência?”

Sobre o nome da série, ela contextualiza: ““Gado”, afinal, não é termo que passe incólume a nós, implicados em nosso tempo histórico e ainda imersos nas circunstâncias sociais que tornaram a palavra um jargão. [...]”

O jargão refere-se ao "efeito manada" que é atribuído à palavra gado, uma expressão que se refere à tendência de indivíduos seguirem a opinião ou ação de um grupo irracionalmente e sem analisar os fatos ou fundamentos.



Fernando Aida

"Demasiadamente humano, da série língua de gado" | 2018 | fotografia | 40x60cm

O artista parece explorar, por meio das diferentes línguas de gado, tanto o silêncio e a ausência de voz provocado pela violência, quanto a violência que pode ser gerada a partir da fala.

Ao nomear as peças e a instalação, Aidar nos provoca a criar conexões e sentidos, uma característica fortemente observada na arte conceitual.

A proposta de ocupação virtual levou o artista a uma expansão no sentido geral da exposição e no conceito das obras: elas passaram a ter um caráter digital por meio de fotografias e vídeos.

Com a participação de Aidar no "Projeto Conexões - Caixa de Pandora: intervenções artístico-pedagógicas", o artista passou também a explorar o conceito de "escultura social", termo cunhado pelo artista contemporâneo Joseph Beuys (Alemanha, 1921-1986).

No catálogo da exposição "Somos muit+s: experimentos sobre coletividade", o curador Jochen Volz escreve, sobre o conceito de escultura social de Beuys, que norteou a exposição:

"O artista como escultor social cria estruturas na sociedade a partir do uso da linguagem, de pensamentos, ações e objetos. Para ele, ou ela, a sociedade é a matéria-prima, assim como a pedra, a madeira ou a argila o são, tradicionalmente, para o escultor."

Em uma parceria entre a UnB e a Secretaria do Estado de Educação do DF esta ação consistiu em conversas com o público a partir da apresentação de imagens das obras (fotografias e vídeos) e do impacto que causavam nos participantes. Como forma de incentivar e ativar a reflexão dos presentes em relação às obras, o artista apresentou também algumas "iscas ou fagulhas" - conceitos e metáforas relacionadas aos temas - que estavam presentes ou interconectados com as obras da exposição.

A participação nessa intervenção artístico-pedagógica resultou em um material de pesquisa que foi trabalhado e utilizado no áudio de uma micro performance em vídeo que ganhou o mesmo título da exposição: "falas: uma experiência social", que é a obra que encerra a exposição virtual.

Nesta videoperformance o artista abre e fecha uma fenda feita em uma língua de boi, utilizando instrumentos cirúrgicos para a incisão e a sutura, enquanto o áudio nos revela uma compilação de falas dos participantes dos encontros impulsionadas pelas reflexões acerca das obras do artista.

Além do compartilhamento das leituras individuais das obras, das discussões dos conceitos e metáforas gerados por elas, relacionando voz, fala, língua e comunicação, foram apresentadas diversas citações da filosofia para suscitar mais reflexões sobre os trabalhos. Por exemplo:

Djamila Ribeiro

“O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas ao de poder existir.”

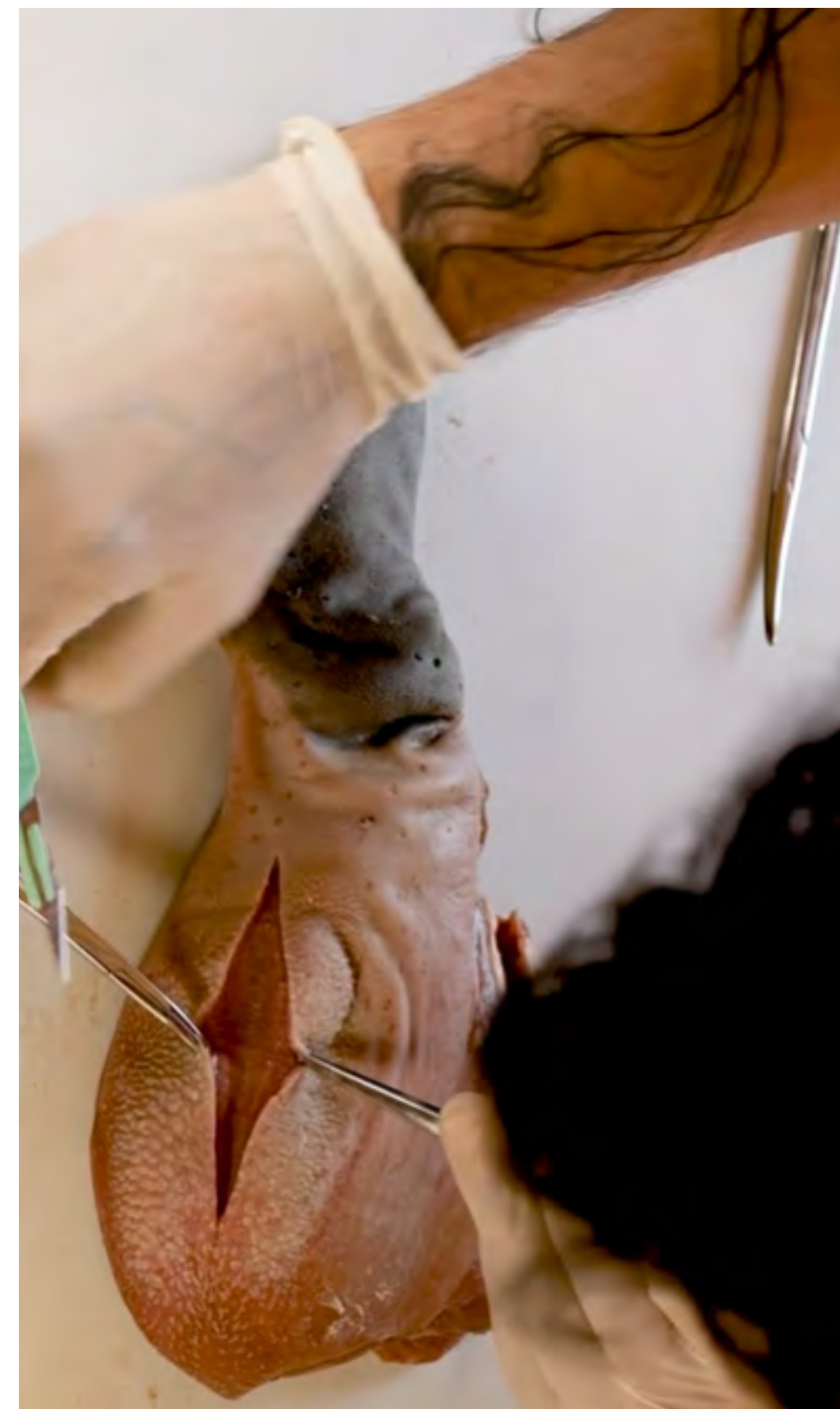
Byung Chul Han

“A origem da linguagem é a ‘extensão do poder do dominador’. As linguagens são as ‘reverberações das mais antigas tomadas de posse das coisas’.”

“Dar nomes é ao mesmo tempo dar sentido. Poder gera sentido. ‘Assim deve ser!’ é a sentença dos ‘filósofos autênticos’ que são ‘dominadores e legisladores’. Cada palavra é uma palavra-poder.”

Paulo Miyada

“Uma das contribuições que a arte pode oferecer, mesmo durante os arcos mais sombrios da história humana, é sua capacidade de ampliar o campo do que pode ser dito e sentido frente aos limites e interdições da linguagem.”



Fernando Aidar

“Falas: uma experiência social” 2021 | vídeo, videoperformance | 16'16”.

<https://www.instagram.com/p/CXBmeySgXUO/>

APRESENTAÇÃO DO ARTISTA

Fernando Aidar

São Paulo - SP (1983). Vive e trabalha em São Paulo

Artista visual e pesquisador pela ECA-USP, produz objetos e instalações com forte carga conceitual. A maior parte de suas obras é composta por objetos realizados em cerâmica e outros materiais diversos. Atualmente é doutorando em Poéticas Visuais do programa de pós-graduação em artes visuais na ECA, e possui uma reconhecida produção em design de

objetos. Os questionamentos que impulsionam sua produção artística estão relacionados à definição do conceito de natureza, como: Qual a separação entre o mundo natural e o cultural? Onde fica a fronteira entre o humano e o animal? Será uma questão de linguagem? Essa dicotomia se confunde em muitos de seus trabalhos com outras dicotomias de ordem pessoal, criando uma (con) fusão entre os âmbitos psicanalítico, político, social e científico. Anteriormente à sua trajetória como artista, trabalhou no desenvolvimento de pesquisas científicas na área do meio ambiente por mais de 10 anos

PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA

Como as atitudes de uma sociedade crítica e consciente se diferenciam do comportamento de manada? Quando silenciar? Como se fazer ouvir?

A partir da leitura da proposta de exposição-ocupação Falas, uma boa maneira de mergulhar no conceito de suas obras é uma visita à página virtual da exposição (<https://www.falas.fernandoaidar.com/>) e às postagens no Instagram da CAL.

O artista propõe aqui que você e o(a)s aluno(a)s conversem, reflitam e troquem suas opiniões e indagações suscitadas pelas imagens, vídeos e textos de apresentação.

Uma sugestão para esta mediação é a utilização de rodas de conversas. A lousa ou várias tiras de papel podem ser usadas para anotar palavras e frases importantes trazidas enquanto as discussões acontecem. Os alunos podem ser divididos em grupos e cada grupo pode escolher os alunos que farão o registro da conversa. Outro importante registro dessa ação pode ser feito por meio de fotografias e vídeos. Ao final das conversas e dos registros, existe uma proposta de finalização.

A exposição de Fernando Aidar pode aproximar o(a)s aluno(a)s de temas interessantes em diversos âmbitos: artísticos, filosóficos, sociais e individuais.

Conversa #1: Conceito

Na arte contemporânea (após o movimento de arte conceitual dos anos 1960s), o título das obras pode ser uma chave de acesso ao seu conceito ou discurso.

Muitas vezes, funciona como um índice e se constitui como parte integrante do trabalho de arte.

As obras que compõem o conjunto de trabalhos intitulado “série língua de gado”, por exemplo, podem trazer as seguintes reflexões:

Como os títulos desta obra se relacionam com o conceito e com os materiais usados na sua confecção? O que é gado? Como ele se comporta? Quais as vantagens e desvantagens de um comportamento de manada? Qual o espaço para a voz de cada indivíduo nesse contexto? Como percebem estas questões no espaço escolar ou no contexto em que vivem?

Conversa #2: Metáfora

Muitas obras trazem como destaque um órgão específico do corpo: a boca.

Pergunte aos alunos: O que significa a boca para uma pessoa? Além das funções biológicas, qual sua função social? Qual delas seria a mais importante?

Em que diferem as funções da boca dos humanos da de outros mamíferos, como os bois?

A boca, segundo Aida, é uma fronteira entre o que se entende como indivíduo e o que é externo a ele. Entre o eu e o outro. Sua função biológica está relacionada principalmente com a ingestão de alimentos e sem ela a vida não seria possível. A função social está relacionada à comunicação entre os indivíduos. Afinal, até mesmo um bebê precisa conseguir se comunicar para expressar sua fome e assim se alimentar

e sobreviver. A capacidade de falar e por consequência contar, narrar e acima de tudo imaginar e projetar histórias nos diferencia dos outros mamíferos. A linguagem como instrumento cultural é o que nos diferencia. Essa possibilidade pode atribuir ao coletivo uma força tal de comunicação que pode ser utilizada tanto de forma positiva quanto negativa. Uma sociedade é um conjunto de indivíduos que pode conter as pessoas de uma família, uma vila, um bairro e da mesma forma, uma cidade, um país ou até mesmo o mundo inteiro. Viver em sociedade (e conseqüentemente se comunicar com os outros) significa, de certa forma, viabilizar as necessidades de todos os indivíduos para que a vida em conjunto seja possível.

E para que essa convivência aconteça de forma organizada e respeitosa, são necessárias várias regras. Uma fila é um exemplo de regra para organização das pessoas. Ao chegarmos em uma padaria, por exemplo, se todos fôssemos pedir o pão ao mesmo tempo, uma bagunça se estabeleceria. Da mesma forma, se todos pegassem seu pão e fossem embora sem pagar, a padaria rapidamente fecharia suas portas.

Lance também estas questões para que todos se coloquem:

Como são as regras de convivência na escola? Elas são respeitadas? Quais delas vocês consideram importantes e quais vocês acham desnecessárias? Quem estabelece essas regras? Poderia ser diferente?

Conversa #3: Contexto

Vamos pensar e refletir a partir do objeto: "Face interna I".

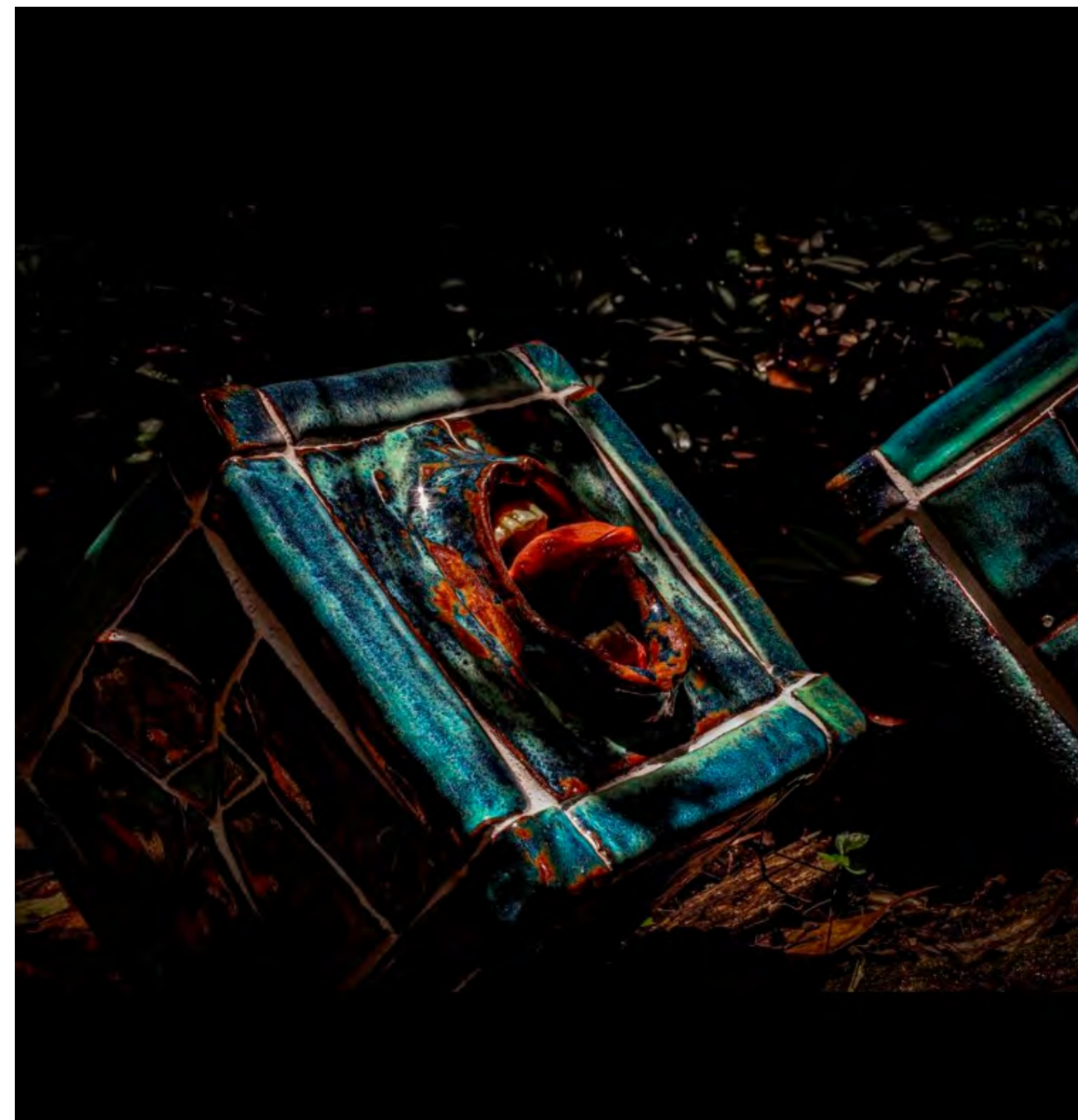
O artista apresenta duas fotografias digitais deste objeto. Uma delas foi realizada em estúdio e possui um fundo neutro (branco). Em outra imagem, o mesmo objeto está inserido em um determinado contexto (no meio de uma floresta de mata atlântica).

O artista nos alerta que hoje em dia, a arte não se limita a mostrar um objeto escultórico sobre um pedestal, criando a partir dele um plano segregado da realidade em que vivemos. Mesmo dentro de um

museu, uma obra pode estar em diálogo com o seu entorno, como as instalações, que são construídas para ocupar um lugar específico.

Essa operação pode diminuir a separação entre o espectador e a obra de arte, passando ambos a fazer parte de um mesmo diálogo.

O que a forma como a boca é esculpida e inserida nesta peça de cerâmica provoca nos alunos? Que leituras são possíveis quando observamos a composição, as formas, as texturas? Que sentimentos a obra desperta em cada um(a)? Que relações com a fala ela provoca?



Fernando Aida

"Face interna I" 2021 |

objeto | azulejos, porcelana, tinta a
óleo, resina | 23 x 28 x 23 cm.

Fotografias do objeto em fundo
branco e inserido na natureza

Finalização:

Após as conversas, peça para que os grupos se reúnam e releiam as anotações que fizeram. Sugira que eles elaborem uma apresentação dessas frases e palavras de forma sonora. Isso pode ser feito com uma leitura performática e poética das anotações ou elas podem apenas servir de inspiração para uma pesquisa sonora.

Que tipo de vozes os alunos usariam para a leitura? Com que ritmo? Usariam o próprio corpo para criar outros sons (percussão com a língua, palmas, etc..) ou usariam instrumentos e/ou objetos diversos? A composição seria feita de ruídos, batidas ou palavras de ordem? Como seria a linguagem corporal do grupo? Estariam em fila, em círculo, amontoados, lado a lado, de costas?

Como criar coletivamente de forma que todos tenham voz? O que querem representar: o som do gado ou o som de uma sociedade crítica?

Dicas:

Os alunos podem pesquisar termos que tragam a palavra ou a função da boca e da língua, como por exemplo: lingote, lambe-lambe, lingueta, língua de gato, língua de sogra, pessoa linguaruda.

Recursos necessários:

Lousa, giz branco, papéis diversos, canetas coloridas, lápis, celular ou câmera fotográfica, instrumentos musicais diversos, voz, percussão, apitos, objetos diversos para produzir som.

Segmento(s) indicado(s):

Ensino Médio e EJA

Links Externos:

Ocupação do Instagram da CAL

<https://www.instagram.com/p/CW3pub-vX43/>

<https://www.instagram.com/p/CW3pzzSv9Ce/>

https://www.instagram.com/p/CW3p_XbvqJL/

https://www.instagram.com/p/CW6vW_wA22C/

<https://www.instagram.com/p/CW6ybJIAPwT/>

<https://www.instagram.com/p/CW6ynXGgJPJ/>

<https://www.instagram.com/p/CW8Jyelga55/>

<https://www.instagram.com/p/CW8QabCAfU5/>

https://www.instagram.com/p/CW-hB_TAYnk/

<https://www.instagram.com/p/CW-hdZBLh6C/>

<https://www.instagram.com/p/CW-hl6wLOrs/>

<https://www.instagram.com/p/CXBmeySqXUO/>

<https://www.instagram.com/p/CXBq-PUg55M/>

<https://www.instagram.com/p/CXBrvp4ghJ1/>

<https://www.instagram.com/p/CXBr6tCAGmk/>

<https://www.instagram.com/p/CXBsZJhgpd2/>

<https://www.instagram.com/p/CXBs8rlrj5k/>

Site da Exposição:

<https://www.falas.fernandoaidar.com/>

Caixa de Pandora:

<https://ddc.unb.br/projeto-conexoes-caixa-de-pandora>

Contrafluxo #9

INVÓLUCROS DO CORPO

ANA XIMENES

JOSÉLIA ANDRADE

MATHEUSA MOREIRA

CAMILA HUHN

LETÍCIA FRAGA

PHOEBE DEGOBI

CARLOS EDUARDO BORGES

MARCOS MARTINS

CURADORIA:

FILIPE S SOUZA

MARIANA TAVARES

MARCOS MARTINS

Palavras: corpo - memória - crítica - sociedade

PROPOSTA DA EXPOSIÇÃO-OCUPAÇÃO:

Invólucro é aquilo que envolve, cobre e rodeia. Nossas memórias e vivências podem construir, silenciosamente, essas camadas que nos dão significado, tanto individual quanto socialmente.

A exposição Invólucros apresenta os trabalhos de artistas que pesquisam e rompem em sua poética as diversas fronteiras que o corpo pode estabelecer: tanto como uma forma frágil e porosa de união entre o individual e coletivo, como formas de acesso ou impedimento para o trânsito entre o que é interno e externo a cada um.

O curador, Marcos Martins compara esses invólucros a edificações: "Análogos à memória que nossos corpos carregam, são os tijolos que nos constroem paulatinamente, no ofício de estruturar nossos pensamentos e sentidos. São capazes de erguer tanto as pequenas

casas, quanto as maiores catedrais. No entanto, esses tijolos da vida, muitas vezes, se escamoteiam nos rebocos e nas tintas caiadas, plastificando a pele e selando nossos poros."

Os artistas e as artistas revelam, por meio de suas práticas na arte contemporânea, as estruturas e anseios que os inquietam. De forma crítica e reflexiva, nos apresentam suas pesquisas por meio de imagens, palavras, gestos, silêncios e operações do pensamento.

Martins complementa: "A coletiva Invólucros parte da premissa dos corpos e sua gestualização, na constituição e reivindicação crítica frente à sociedade, onde os imbricamentos do ser/estar no mundo ativam as camadas marginais do pensamento reflexivo e desnudam as realidades cotidianas, por meio de manifestos que se efetivam pelos tensionamentos e fricções."

O artista Carlos **Eduardo Borges**, apresenta a obra intitulada "Performance em Brasília", um vídeo com a duração de 5 minutos e meio. Para a criação desta obra, o funcionário de uma empresa de propaganda sonora veiculada por meio de bicicletas é contratado pelo artista para circular pela cidade exibindo o banner "Performance em Debate". Enquanto percorre trechos de Brasília, o funcionário

divulga, em lugar das habituais propagandas, trechos de gravações oriundas do programa "Preposformance no ar", realizado na Rádio Universitária 104.7 FM de Vitória. A edição da gravação em looping, apresenta descrições ou receitas de performances artísticas na voz de seus idealizadores.



Carlos Eduardo Borges

Performance em Brasília - 2021
Videoperformance e Gravações em
áudio, bicicleta de propaganda e
banner 5'50"

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXQ7z70g-Yb/>

Marcos Martins, artista e curador da exposição, discute a relação entre o corpo e o espaço por meio de diferentes linguagens da arte contemporânea. Na performance “Nós”, realizada em 2010 no festival de performance Trampolim da Galeria Virginia Tamanini, o artista estabelece, em uma relação silenciosa, um diálogo entre seu corpo e uma das paredes da galeria, utilizando-se de uma bacia, água e pedaços de papel higiênico cortados e organizados paulatinamente e de forma ritmada em volta de seu si. Durante a ação, os papéis

espalhados no chão são molhados e em seguida arremessados contra a parede à sua frente, onde as sombras de seu corpo são projetadas.

Em outro trabalho intitulado Acunhamento, de 2021, o artista realiza intervenções na paisagem contrapondo o universo natural e o cultural por meio da inserção de tijolos usados em construções em espaços da natureza como frestas de árvores.



Marcos Martins

Performance “Nós” Galeria Virginia Tamanini, Vitória, 2010

Encontro Performance Trampolim

Foto: Yuri Aires (Fonte: Propostas Pedagógicas do grupo)



Marcos Martins

Acunhamento, 2021 - Da série

“construção humana”

Intervenção na natureza com

tijolos cerâmicos (Fonte: Propostas

Pedagógicas do grupo)



A série “Híbridos” (2021) da artista **Camila Huhn** reflete sobre questões relacionadas às emergências climáticas, trazendo a hibridização entre quatro reinos: animal, vegetal, mineral e fungi, como proposta de resistência de não-humanos frente à degradação ambiental. Essa degradação tem como causa principal os humanos e seu sistema econômico, que preza por um consumismo desenfreado, exploração da natureza, ocasionado pelo desmatamento, adoecimento de rios e mares, levando muitas vezes esses não-humanos à extinção. Esses híbridos fazem brotar outros assuntos importantes na luta contra essa exploração, como a importância da proteção de terras indígenas e dos saberes ancestrais.

Camila Huhn

Cichlocolaptes Bos

Da série “HÍBRIDOS”, 2021 - Desenho digital em backlight
(Fonte: Propostas Pedagógicas do grupo)



Camila Huhn

Megaptera Pleurotus

Da série "HÍBRIDOS", 2021 -

Desenho digital em backlight

(Fonte: Propostas Pedagógicas
do grupo)



O trabalho de videoperformance “Vomitar o branco”, da artista **Josélia Andrade** funciona como uma denúncia da ausência ou pouca representação de artistas negras, negres e negros nos cursos de Artes Visuais no Brasil. A obra apresenta a artista no processo de ingerir 10 metros de fita branca de cetim com a seguinte frase escrita com caneta “pilot” repetidamente ao longo de sua extensão: “primeiro vomitar o branco”. A frase é uma referência à apresentação de apenas artistas europeus durante a graduação.

Josélia Andrade

Vomitar o branco, 2019

(Fonte: Propostas Pedagógicas do grupo)

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXWn8ppgQEg/>



Josélia Andrade

Vomitar o branco, 2019

(Fonte: Propostas Pedagógicas do grupo) Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXWn8ppgQEg/>

Matheusa Moreira apresenta o vídeo fruto da performance "Por Trás do medo está a liberdade". Nesta ação, Matheusa manipula seu documento de identidade, alterando a fotografia 3x4 do menino Matheus de forma a atribuir-lhe outras versões. Durante a ação, outras cópias iguais da foto original do documento vão sendo sobrepostas e vão sofrendo interferências, uma após a outra, enquanto a frase que dá nome à performance ("Por Trás do medo está a liberdade") é repetida incessantemente. Ao final, Matheusa atea fogo no documento. O

artista relata sobre a performance: "Esse sussurro me vem à cabeça para recordar que por trás do medo de não cumprir com possibilidades cisgêneras, brancas e patriarcais, existe a liberdade para ser preta, feminina e byxa. E é no fogo que destrói fotografias que simbolizam demandas exigidas para mim e para meu corpo que me reconstruo. São nas possibilidades negadas ao meu corpo e também negando aquelas que me foram impostas por terceiros, que encontro minha própria existência, ditada por mim."



Matheusa Moreira

Por trás do medo está a liberdade, 2021

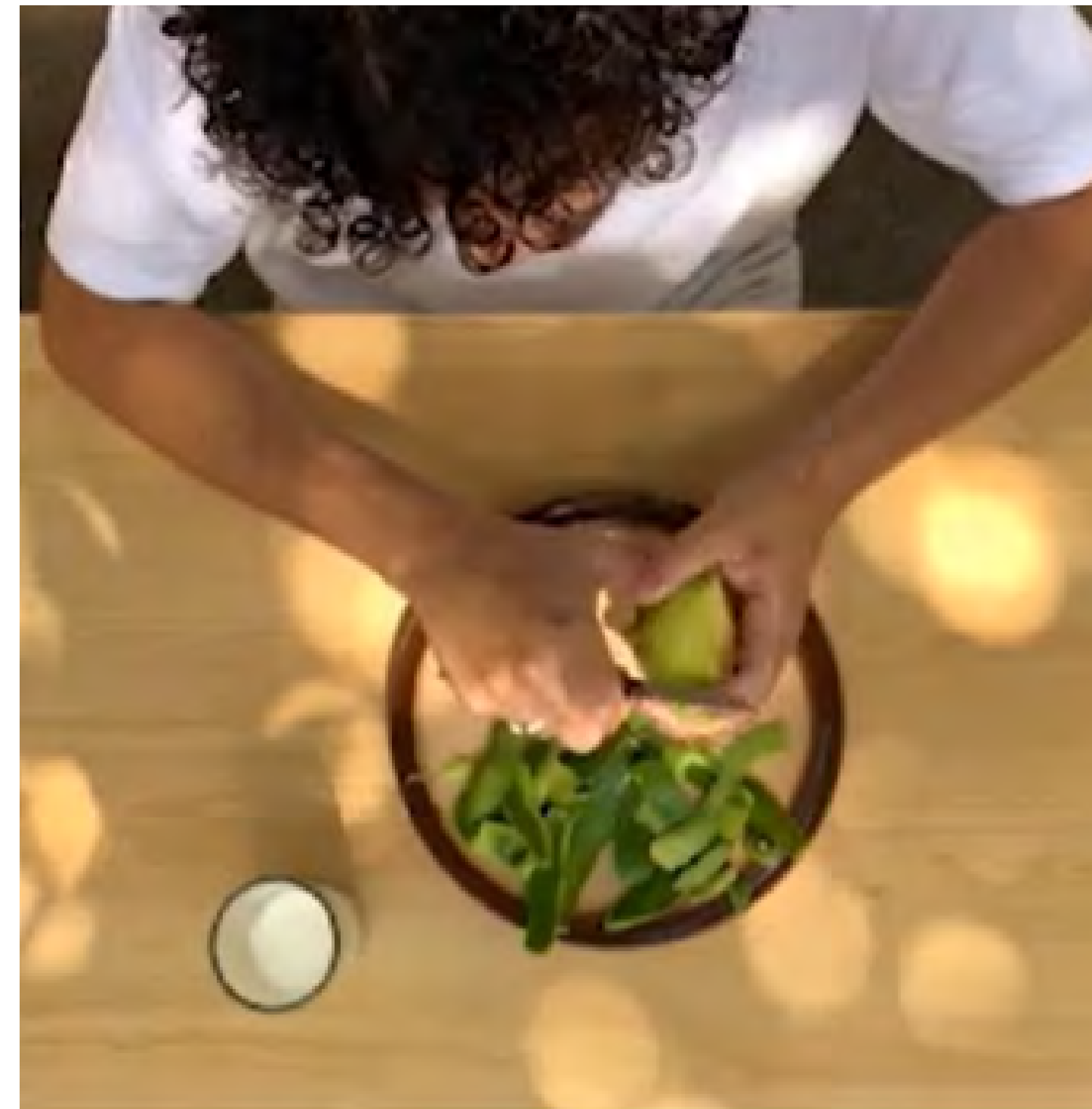
Performance, Vídeo 4'53"

Imagens: Layza Porfirio (Fonte: Instagram da CAL <https://www.instagram.com/p/CXMa8Y6Dwyc/>)



“O apetite nasce à mesa”, do artista **Filipe S. Souza**, é uma performance em vídeo com o título homônimo a um dito popular comum do Brasil. O artista se interessou pela crença popular a partir de sua inquietude a respeito de uma história contada por sua avó e repassada por sua mãe, segundo a qual não faria bem para a saúde tomar leite após ter comido uma manga verde. No corpo da pesquisa, ele descobre que isso foi uma invenção dos senhores de engenho

para fazer com que os escravizados não tomassem o leite que era destinado à casa grande, já que eles corriqueiramente se alimentavam da fruta. Desta forma, os fazendeiros conseguiram a façanha de fazer com que não só os africanos escravizados, mas toda a população do país, até os dias de hoje, acreditassem que a ingestão dos dois alimentos simultaneamente pudesse ser prejudicial.



Filipe S. Souza

O apetite nasce à mesa, 2021 - Videoperformance 8'04"

Link no instagram da CAL/UnB: <https://www.instagram.com/p/CXcLeCPArU0/>

Letícia Fraga apresenta a performance "Confinada em concreto", que propõe um olhar para as vivências simultâneas nos ambientes domésticos em paralelo aos espaços públicos, confrontando o que é do âmbito interno e o que é externo; a casa e a rua.

Diante dos esforços tensionados na manutenção dessas vivências como o trabalho de limpeza, o cuidado, a reforma, a repetição e o confinamento, a ação reflete sobre as camadas justapostas da construção civil e do trabalho doméstico. Quem os executa, como, quando e por quê.

A videoperformance registra o trabalho braçal para a construção de uma instalação: um caixote de madeira cuja fachada é composta por blocos derivados de um brinquedo infantil, perfurado e atravessado por uma coluna de vergalhão e, finalmente, preenchido até o topo com concreto.

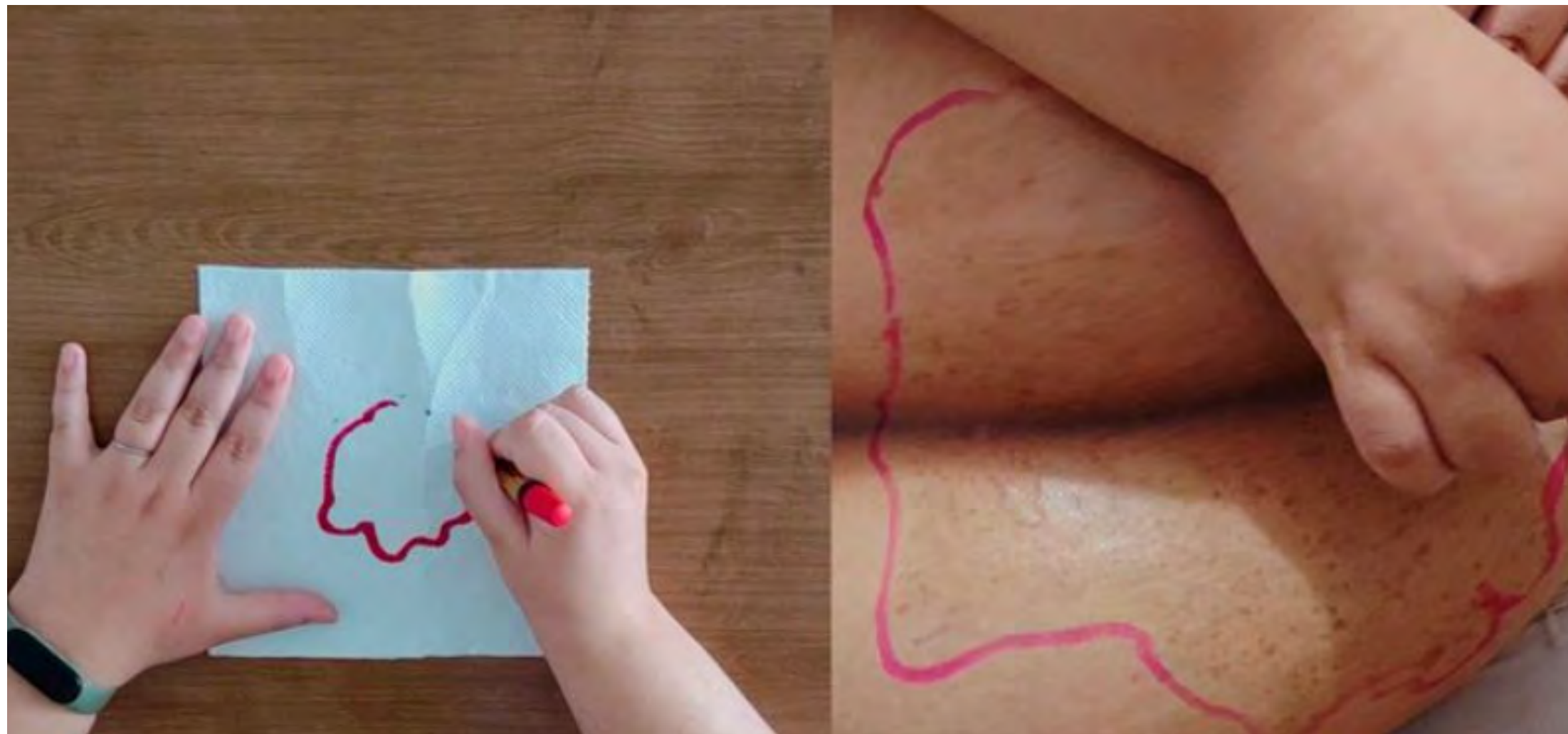


Letícia Fraga

Confinada em concreto, 2021 - Videoperformance com blocos de madeira, concreto e coluna de vergalhão. Dimensões:18x14x180cm. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXjh3B9AK8-/>

Na vídeoperformance "Massa Corpórea", a artista **Ana Ximenes** tenciona as noções sobre os significados da palavra massa, entre alimento e corpo, por meio do mapeamento e da transferência de um grafismo de nascença em seu corpo para um pão realizado artesanalmente. Esta ação tem a finalidade de reproduzir, em escala reduzida, uma massa consumível e perecível pelo tempo, pelo clima, pelos outros e por si. A artista lembra que as relações entre o corpo e o pão foram traçadas historicamente em diversas ocasiões, principalmente pelo catolicismo, sendo este um dos responsáveis pela punição moral de diversos corpos, entre eles o corpo gordo, que até o momento padece com a moralidade construída em seu entorno.

Segundo a artista, essa condenação foi criada para o aprisionamento do corpo gordo, deixando-o sem o mínimo necessário para sua existência: "Ele é impossibilitado de buscar a saúde sem que seja reduzido a apenas um índice de massa corpórea, o que o transporta para a única cura efetiva para o gordo - o emagrecimento. O corpo gordo é invisibilizado em locais e transportes públicos que não o comportam, fazendo que sua existência se torne mais que um mero desconforto."



Ana Ximenes

Massa Corpórea, 2021 - Videoperformance 6'00"

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXerKylA59a/>

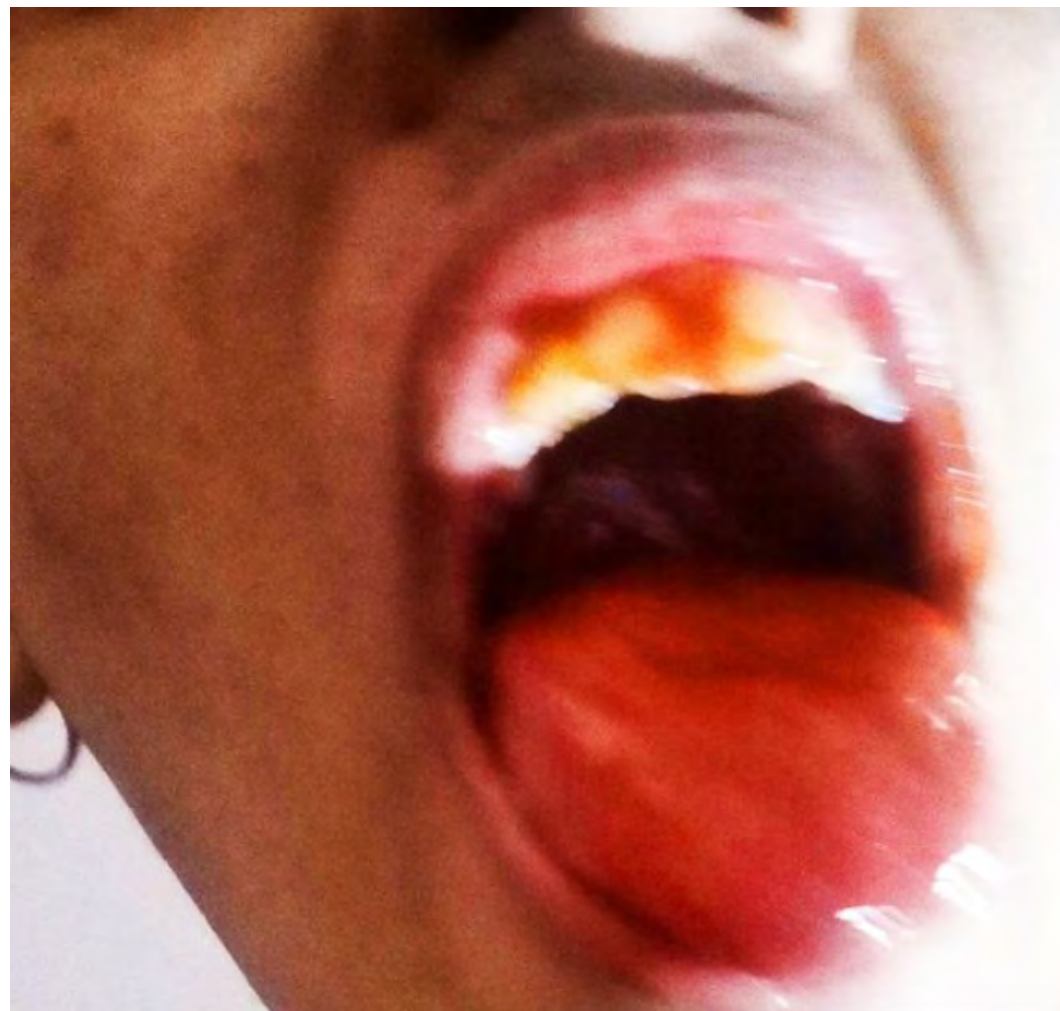


Mariana Tavares apresenta “Entre Linhas”, um trabalho de videoarte que envolve desenho sonoro, em que a linha segue um fluxo de intensidade e repetição de acordo com um compilado de áudios encaminhados para a artista em seu cotidiano. O vídeo mostra as mãos da artista realizando um desenho que, aos poucos, dá forma ao que remete ser uma árvore, com várias ramificações. O desenho levanta questões de ansiedade e sobrecarga de trabalho, além da busca constante e cansativa de suprir as necessidades alheias.

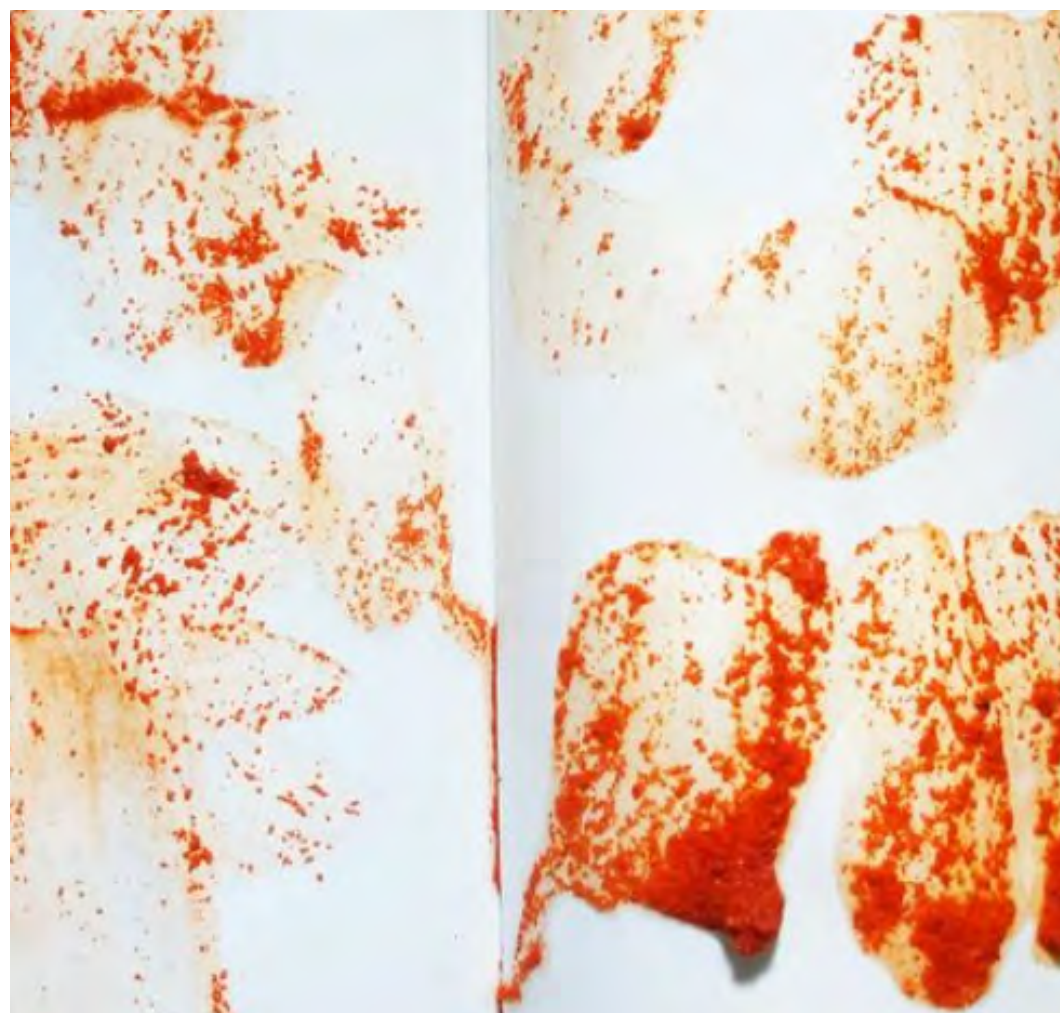
Mariana Tavares

Entre linhas - 2021 - Videoarte

Link no instagram da CAL/UnB: <https://www.instagram.com/p/CXed9AEAA5v/>



Na fotoperformance “Confessional” a artista **Phoebe Degobi** utiliza-se da impressão da própria língua sobre as folhas do seu diário criando, em vermelho como o sangue, uma grafia estimulada pelo esgotamento da comunicação. Ao final, o que sobra é a língua, seus vestígios e nenhuma palavra.



Phoebe Degobi
Confessional (2021)
Fotoperformance (tríptico) -
Urucum, língua e diário.

APRESENTAÇÃO DO(A)S ARTISTAS

Ana Ximenes

São Paulo-SP (1997). Vive e trabalha em Vitória - ES

Artista visual, multimeios, mulher e gorda. Graduanda de licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, no momento constituindo uma pesquisa autoetnográfica que reflete acerca do corpo gordo no contexto sócio-político, histórico e artístico.

Camila Huhn

Vitória - ES (1998). Vive e trabalha em São Paulo - SP.

Artista visual, pesquisadora, designer, arte-educadora e graduanda em arquitetura e urbanismo. Seu processo artístico pauta-se na investigação do cyber-reino como utopia e distopia dentro do antropoceno. Fomentando um pensamento crítico e reflexivo acerca das possíveis hibridizações e acoplamentos entre humanos e não humanos em sua poética, denuncia os desarranjos e desequilíbrios naturais através da performance, arte tecnologia, instalações e o desenho no campo expandido.

Carlos Eduardo Borges

Nova Friburgo - RJ (1964). Vive e trabalha em Vitória

Artista visual e professor na UFES aborda as relações entre as linguagens visuais e as palavras, por meio de pinturas, objetos, instalações e performances. Interessa-se por um modo de “materialização do tempo” e pela economia do acaso na recepção de sua obra. Trabalha a partir de enunciados linguísticos, tratando a subjetividade assente em um significante genérico na proposição de experiências fundamentadas em instantes de “encaixe” entre palavras e imagens, atrelados à reação do público. Isto possibilita o surgimento de diferentes relações previsíveis e imprevisíveis de interação com as práticas e capazes de transformá-las.

Filipe S. Souza

Vila Velha - ES (1997). Vive em Vila Velha e trabalha entre Vila Velha e Vitória - ES.

Graduando em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal do Espírito Santo. Baseia sua pesquisa em práticas antirracistas, escavando memórias na encruzilhada afro-brasileira, a fim de identificar as camadas que o corporificam em terra.

Josélia Andrade

Vitória - ES (1998). Vive e trabalha em Vitória - ES.

Performer, técnica em rádio e tv e graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Desenvolveu no programa de iniciação científica (PIBIC/2019/2020) a pesquisa "tentativas de se manter corpo", e a pesquisa "A palavra como elemento agregador nas ações de Ronald Duarte" (PIBIC/2020/2021). Atualmente é voluntária no projeto de extensão "performance em debate" na UFES.

Letícia Fraga

Maceió - AL (1998). Vive e trabalha em Vitória - ES.

Artista e pesquisadora, divide sua origem e criação entre os estados de Alagoas e Espírito Santo. Sua poética investiga as coexistências das pessoas com a arquitetura dos espaços urbanos, enquanto corpos sujeitos aos moldes das construções sociais. Sob a perspectiva da arte contemporânea, sua busca permeia a ocupação dos lugares e os gestos propagados, em resposta ao contexto sociocultural, inseparáveis das questões de gênero, classe e raça.

Mariana Tavares

Vila Velha - ES (2000). Vive e trabalha entre Cariacica, Vila Velha e Vitória - ES.

É artista, educadora e pesquisadora. Em seus trabalhos, de maioria desenho e pintura corporal, busca levantar questões existencialistas como o seu relacionar consigo e com o mundo. Através da tinta e linha faz referência a suas memórias afetivas e angústias vividas com base em seus relacionamentos. Em suas pinturas busca uma ponte e troca de experiências com o corpo e espaço do outro, já em seus desenhos levanta questões sobre limites, aceitação e abdicação de um espaço pessoal para além do suportável.

Marcos Martins

Fortaleza - CE (1974). Vive e trabalha entre Vitória, São Paulo e Fortaleza

Artista visual, arquiteto, mestre e doutor em poéticas visuais (ECA/USP), é professor na área de Tridimensional e Performance da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Aborda em suas pesquisas artísticas a reflexão sobre a inserção do corpo no espaço através das transformações e tensões presentes nas paisagens construídas (ou desfeitas), atuando nos processos dialógicos entre a espacialidade e o corpo, por meio das performances, intervenções urbanas, instalações e seus estreitamentos com a Arquitetura e o Design.

Matheusa Moreira

Serra-ES (1998). Vive e trabalha entre Vitória e Serra - ES.

Natural de Serra, Espírito Santo, onde vive, produz trabalhos e repensa o corpo a partir da decolonialidade, na perspectiva da "byxalidade". Entendendo o desejo colonial e o trauma da colonização como um delírio concebido pela branquitude e todas as suas mazelas, a artista constrói diálogos que desobedecem esses pensamentos utilizando-se de vídeo, pintura expandida e performance como linguagens.

Phoebe Degobi

Petrópolis-RJ (1998). Vive em Campinas - SP.

Phoebe é uma mulher transvestigênera, curadora independente, arte-educadora e artista visual. Vem investigando a indiscernibilidade entre a crítica de arte, curadoria e os processos artísticos, se aprofunda em investigações e cartografias acerca da prática curatorial sob a instância de dispositivo estético-político. É graduada em Licenciatura em Artes Visuais (UFES).

PROPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS

Como Invólucros do Corpo foi uma exposição coletiva que contou com muito(a)s artistas, ele(a)s se juntaram em duplas ou trios para pensar e projetar junto(a)s as proposições educativas sugeridas. Suas obras, que servem de inspiração para essas proposições, serão apresentadas a seguir, juntamente com elas.

As ações propostas buscam despertar a consciência corporal e espacial, estimular o trabalho coletivo, pensar as relações humano/natureza e corpo/subjetividade, fomentar o debate sobre gênero e tipos corpóreos, tudo isso propondo a vivência de processos nas linguagens da arte contemporânea.

Proposição 1 - Jogo Performativo

Artistas proponentes: Carlos Eduardo Borges e Marcos Martins

Borges e Martins propõem uma vivência em forma de jogo cujo objetivo é estimular as consciências espacial e corporal por meio do trabalho coletivo e participativo do(a)s aluno(a)s. Na ação proposta questões como volumetria, composição e escultura também podem ser exploradas.

Apresente inicialmente aos alunos a obra "Performance em Debate", de Carlos Eduardo Borges (disponível no link do instagram da Cal/UnB: <https://www.instagram.com/p/CXQ7z70g-Yb/>). Peça para que todos observem a forma como cada artista descreve sua performance na propaganda sonora veiculada pela bicicleta e tentem imaginar as ações descritas.

Em seguida, você pode propor um jogo de "caça ao tesouro" pelos espaços físicos da escola que seriam escolhidos previamente por você e onde você "esconderia" partes de um texto sugerido pelos artistas. Este texto faz referência à "receita" da performance "Nós" do artista Marcos Martins, descrita neste material e é também uma sugestão de

performance a ser experimentada e vivenciada pela turma.

Nesta proposição, o texto seria dividido em 6 partes e escondido em 6 lugares estratégicos da escola, como a biblioteca, a cantina, a quadra de esportes ou até mesmo dentro da própria sala de aula. O número de partes da divisão do texto pode ser modificada segundo suas estratégias e adequada à quantidade de estudantes.

Veja a seguir o texto e sua divisão em 6 partes:

Parte 1

Escolha uma parede, um muro, um teto, um painel, ou uma lousa da sala de aula, e diante do lugar escolhido, marque no chão com giz ou fita, 6 quadrados ou círculos, coloque em cada área demarcada no chão 1 vasilha com água e 1 rolo de papel higiênico, deixando um espaço de separação entre os 6 pontos, mas todos devem ficar de frente à parede, painel ou lousa escolhida.

—

Parte 2

Divida a turma em 6 grupos, cada grupo de alunos deve fazer uma fila diante da marcação no chão onde tem a vasilha d'água e o papel higiênico. Os primeiros alunos de cada fila entram no quadrado ou círculo demarcado no chão e se sentam, ao lado da bacia com água e do papel higiênico.

Parte 3

Sentado no chão, o aluno deve olhar pra frente e perceber algo que lhe chame mais atenção, em seguida deve pegar o papel higiênico e tirar 3(três) pedaços dando três voltas da mão em cada pedaço, os papéis devem ser alinhados e enfileirados à frente do corpo do aluno. Este enfileiramento do papel projeta um desenho no chão, formando um desenho imaginário.

Parte 4

Cada aluno deve pegar um a um os papéis à sua frente, e molhá-lo na vasilha com água, após molhar deve fazer uma bola de papel molhado e arremessar em direção à parede/painel/muro à sua frente, ao jogar se formará na parede/painel/muro uma forma que parecerá uma escultura.

Parte 5

Aos poucos esta ação é repetida, repetida, repetida, repetida, repetida pelos outros alunos, e a parede passa a ser preenchida com um novo desenho coletivo. Vale tentar acertar o papel fixo na parede pelo colega, ou tentar compor um desenho, uma forma conhecida.

Parte 6

O que se verá com a performance coletiva é uma parede carregada de volumes que se acentuam do plano bidimensional e ocupam o plano tridimensional do espaço, da mesma forma que os alunos ocupam e preenchem a sala.

O jogo começa com um processo coletivo de ativação e consciência espacial do(as) aluno(as), por meio do desenho "de memória" do mapa da escola. Como nas brincadeiras "caça ao tesouro", neste mapa deve haver indicações de onde foram escondidos os textos, como pistas. Em seguida, os alunos podem ser subdivididos em 6 grupos para sair à caça do "tesouro" pela escola. É interessante deixar bem clara a proposta-ação do grupo, motivando os(as) estudantes a procurarem todos os 6 (seis) trechos do texto da performance.

Após as partes dos textos serem encontradas e o(a)s aluno(a)s retornarem, ajude-os a reunir as partes na ordem correta e peça para que leiam a descrição da performance em voz alta, seguindo a sequência da proposta pelo artista.

Neste momento, você pode distribuir o texto completo aos alunos ou projetá-lo para que todos leiam juntos.

Em seguida, auxilie os alunos a seguirem as instruções da receita proposta pelos artistas para realizarem a performance coletiva.

No final, apresente a performance "Nós" de Marcos Martins, descrita neste material e conversem sobre a experiência:

O que sentiram ao realizar a performance? Como foi o resultado dos vários gestos acumulados que criaram a intervenção na superfície bidimensional à frente deles? O que foi criado, um desenho ou uma escultura?

Recursos necessários:

6 Vasilhas com água limpa, 6 Rolos de papel higiênico, 1 texto de performance proposto dividido em 6 partes, lousa e giz branco ou papel em formato maior com riscadores para desenhar o mapa da escola.

Segmento(s) indicado(s):

9^{os} anos do Ensino Fundamental 2 / Ensino Médio / EJA

Proposição 2 - Híbridos

Artistas proponentes: Camila Huhn e Marcos Martins

A proposição sugerida por esta dupla de artistas é uma oportunidade para refletir sobre a crescente degradação do meio ambiente diante do modelo capitalista da sociedade por meio da busca do diálogo e do equilíbrio entre o que se considera humano e a natureza.

Apresente as obras das séries Híbridos da artista Camila Huhn e Acunhamentos do artista Marcos Martins (descritas neste material), para o(a)s aluno(a)s e conversem sobre a mistura (ou o hibridismo) que ambos criam entre os seres e entre o que é natural e o que é construído pelo ser humano. As obras dos artistas propõem um

olhar sensível para a natureza, sobretudo no que se refere ao desmatamento, à mineração exploratória e à mortificação dos animais pelas mãos humanas.

Os artistas sugerem uma ação de plantio coletivo como forma de vivência, cuidado e convívio entre o(a)s aluno(a)s e entre todos e a natureza.

Você pode solicitar que cada um traga de casa uma muda de planta e/ou sementes. Escolham juntos o que plantar e o lugar onde esse plantio poderia ser realizado: na própria escola, em uma praça ou bosque da cidade, desde que seja um local próximo.

Estimule os alunos a fazerem o plantio coletivo das mudas e das sementes, e a comprometerem-se com a sua manutenção, regando as plantas e cuidando para fazê-las fortes e bonitas.

Fotografem a ação e compartilhem nos instagrans dos artistas @camilahuhn e @marcosmartins.art . Eles prometem uma surpresa para quem aceitar esse convite.

Recursos necessários:

Mudas e Sementes, pás, terra vegetal, garrafas pet com água, espaço da escola para plantio coletivo

Segmento(s) indicado(s):

Ensino Fundamental 1

Proposição 3 - Sobre arte, corporeidade e vida

Artistas proponentes: Joselia Andrade, Filipe Souza e Matheusa Moreira

Os artistas desta proposição discutem a partir de seus trabalhos o desejo e o anseio de reavaliar as ideias que foram impostas para seus corpos e suas subjetividades.

Juntos propõem uma conversa sobre os questionamentos trazidos por suas performances, por meio de várias sugestões de perguntas ativadoras.

Reúna os alunos na sala de aula ou no espaço proposto, em roda e sentados de forma que todos possam se olhar. Neste momento você pode apresentar os trabalhos “Por trás do medo está a liberdade” (2021), “O apetite nasce à mesa” e “Vomitar o branco” (2019) respectivamente das artistas Matheusa Moreira, Filipe Souza e Josélia Andrade (descritos neste material).

Após a exibição das videoperformances, peça a cada um dos alunos e das alunas que elenquem o seu lugar de segurança e de acolhimento.

Em seguida, a condução da atividade deve ser motivada pelas seguintes questões:

Perguntas ativadoras para o trabalho “**Vomitar o branco**”:

- Quais são as palavras que você evita falar?
- Como o trabalho da artista aproxima a experiência artística da sua vida?

Perguntas ativadoras para o trabalho “**O apetite nasce à mesa**”:

- Que hábitos você tem no momento de comer?
- Você conhece a origem dos hábitos alimentares que você pratica?
- Qual a origem dos horários que costumamos usar para café da manhã, almoço e jantar?

Perguntas ativadoras para o trabalho “**Por trás do medo**

está a liberdade”:

- O que te faz sentir medo? Você consegue pensar em liberdade por trás desses temores?
- Vá até as fronteiras do território onde você está: portas, corredores e janelas. Imagine a liberdade passando por você como o ar que passa por essas fronteiras e dance com ela.
- Escreva planos estratégicos para se libertar de algo possível de mudanças. Se for possível consolidar essas ideias, você encontrará liberdade.

Recursos necessários:

TV, vídeos da(o)s artistas, questões provocadoras, papel e lápis.

Segmento(s) indicado(s):

9^{os} anos do Ensino Fundamental 2 / Ensino Médio / EJA

Proposição 4 - Ocupando espaços

Artistas proponentes: Ana Ximenes e Letícia Fraga

A proposição das artistas Ana Ximenes e Letícia Fraga, a partir de seus respectivos trabalhos **Massa Corpórea** e **Confinada em Concreto** descritas neste material, tem o objetivo de estimular criticamente a criação de relações entre os espaços físicos e os corpos que os ocupam e indagar como estes corpos (re)agem aos estímulos sociais e culturais a que são submetidos. Esses questionamentos podem também fomentar o debate sobre como questões de gênero e tipos corpóreos são abordadas dentro das artes, especialmente na pluralidade das linguagens existentes nas artes visuais contemporâneas.

Apresente os vídeos das artistas Ana Ximenes e Letícia Fraga e convide a turma para trabalhar com a análise de 2 espaços coletivos: a casa e a escola.

Para estimular os alunos, desenhe na lousa os ambientes de uma casa, como se fosse uma planta baixa, um espaço visto de cima, com cômodos, nomeando: sala, cozinha, quarto e etc.

Em seguida distribua duas folhas de papel sulfite para cada um e peça para que façam em uma delas a planta de sua casa e em outra a planta simplificada da escola, contendo os ambientes que mais frequentam. Peça para que tentem manter as dimensões e escalas dos espaços o mais próximo possível da realidade.

O próximo passo é fazer o reconhecimento dos corpos que ocupam cada espaço, por exemplo: onde o pai, a mãe, a irmã, o irmão, os avós e outros familiares, costumam permanecer por mais tempo. Eles devem descrever os corpos das pessoas que ocupam os espaços de forma detalhada, identificando cor, altura, gênero e biotipo físico.

Depois de identificar, filtrar, deixando só as mulheres e pessoas com biótipos que fogem ao padrão, magro ou forte.

Realize o mesmo procedimento agora com o espaço escolar, elencando alguns ambientes, como sala de aula, banheiro e corredores.

Ao final da atividade coloquem todas as folhas lado a lado, e proponha uma reflexão acerca dos lugares e pessoas descritos, percebendo juntamente com os alunos se os determinados espaços favorecem alguns tipos corpóreos específicos e se possuem a presença maior de um determinado gênero.

Recursos necessários:

TV ou computador e projetor para exibição do vídeo; papel sulfite; lápis, caneta, giz.

Segmento(s) indicado(s):

9^{os} anos do Ensino Fundamental 2 / Ensino Médio / EJA

Proposição 5 - Entre gestos e afetos

Artistas proponentes: Mariana Tavares e Phoebe Degobi

As obras das artistas Mariana Tavares e Phoebe Degobi consistem em usar da rememoração dos gestos cotidianos do corpo para criar um ambiente de debate sobre o desgaste, pensando a interseccionalidade entre gênero, sexualidade, raça, classe, arquitetura, arte e estéticas-éticas contemporâneas.

Desta forma, esta proposição se realiza como uma construção de um regime de coletividade, sem se centrar na manualidade, mas na discussão de si e da alteridade.

A proposição sugerida por elas se trata da elaboração de uma "cartografia dos gestos", que poderá ser feita com palavras ou desenhos de paisagem mental, a partir da observação dos alunos de tudo o que se repete em seus trajetos entre suas habitações e o espaço educativo.

A proposição é composta de 4 gestos:

1ª gesto: Confecção coletiva de uma zine/diário

para uso na oficina:

Distribua de 5 a 10 folhas de papel A4 para cada aluno. Peça para que dobrem as folhas ao meio uma a uma e em seguida organizem as folhas, uma dentro da outra, em formato de revista. Para finalizar a montagem do zine, grampeiem os papéis na linha do vinco formado pela dobra das folhas.

2º gesto: Rememoração dos percursos cotidianos em conversa com participantes sobre as obras das artistas:

Apresente aos aluno(a)s as obras de Tavares e Degobi descritas neste material e estimule uma conversa sobre como a repetição e o esgotamento se relacionam às questões trazidas pelas artistas.

3º gesto: Registro dos gestos na zine/diário:

Estimule os alunos a usar este diário para a escrita ou desenho a partir da rememoração de seus trajetos cotidianos e observações diárias. A utilização do diário deve ser feita durante no mínimo uma semana. Peça para que os alunos reservem um horário do dia para os registros e, preferencialmente, que seja utilizado no dia a dia de cada participante, como em seu transporte, intervalo de aula, momento de lazer, etc.

4º gesto:

Ao final de uma semana, exponham coletivamente os zines e debatam, pensando a repetição dos gestos, suas diferenças e os resquícios do esgotamento. Segundo as artistas esta proposição pode permitir "uma reflexão sobre a gestualidade e a corporeidade no capitalismo tardio, pensando como os corpos se comportam não apenas de forma espontânea, mas a partir da repetição de tarefas. Isso pode fazer com que todos reparem mais atentamente nos seus (a)fazer cotidianos."

Recursos necessários:

TV ou computador e projetor para exibição do vídeo, 5 ou 10 folhas A4 para cada aluno (para serem usadas dobradas ao meio em A5), riscadores diversos: lápis/canetas/giz/carvão.

Segmento(s) indicado(s):

Ensino Médio / EJA

Links Externos:

Ocupação do Instagram da CAL

<https://www.instagram.com/p/CXLxZH4DvY5/>

Ana Ximenes

<https://www.instagram.com/p/CXL28xzDzLP/>

<https://www.instagram.com/p/CXL3k0gDqQp/>

<https://www.instagram.com/p/CXL3qKuDMCb/>

<https://www.instagram.com/p/CXMEVx1DOWD/>

<https://www.instagram.com/p/CXerKylA59a/>

<https://www.instagram.com/p/CXevxuwAJGO/>

https://www.instagram.com/p/CXexlqnMZ_V/

Matheusa Moreira

<https://www.instagram.com/p/CXMa8Y6Dwyc/>

https://www.instagram.com/p/CXMbr_PD922/

<https://www.instagram.com/p/CXMb-tZjXKT/>

<https://www.instagram.com/p/CXMdRFpDKNy/>

<https://www.instagram.com/p/CXbVghugUv2/>

<https://www.instagram.com/p/CXbcW3Du6ha/>

Camila Huhn

<https://www.instagram.com/p/CXOiealAXDO/>

<https://www.instagram.com/p/CXOjQpYOgHu/>

<https://www.instagram.com/p/CXOjYWpuIMN/>

<https://www.instagram.com/p/CXOjdYhu3JD/>

<https://www.instagram.com/p/CXjD8bsO0It/>

<https://www.instagram.com/p/CXjETGlu4jW/>

<https://www.instagram.com/p/CXjEV8Kuy2k/>

<https://www.instagram.com/p/CXjGQLbOYSg/>

Mariana Tavares

<https://www.instagram.com/p/CXPE2UEPaZA/>

<https://www.instagram.com/p/CXPFDZ9vP0P/>

<https://www.instagram.com/p/CXPFb1hvpwF/>

Carlos Eduardo Borges

<https://www.instagram.com/p/CXQ7z70g-Yb/>

https://www.instagram.com/p/CXQ-_ISO82/

https://www.instagram.com/p/CXQ_DUsOVq0/

<https://www.instagram.com/p/CXRBEPOOtNO/>

<https://www.instagram.com/p/CXg0syFg3K3/>

<https://www.instagram.com/p/CXg2tvBJ7Gj/>

<https://www.instagram.com/p/CXg3wLiPa4w/>

Letícia Fraga

<https://www.instagram.com/p/CXRc7H9gqbe/>

<https://www.instagram.com/p/CXRe6ckP68s/>

<https://www.instagram.com/p/CXRfOinvaq-/>

<https://www.instagram.com/p/CXRglDcvsXr/>

<https://www.instagram.com/p/CXjh3B9AK8-/>

<https://www.instagram.com/p/CXjj4cGvldi/>

<https://www.instagram.com/p/CXjmnv4vZlx/>

Marcos Martins

<https://www.instagram.com/p/CXT0-YvA5k0/>

<https://www.instagram.com/p/CXT1YUQOD8K/>

<https://www.instagram.com/p/CXT1aUDOLrI/>

<https://www.instagram.com/p/CXT7AVRuHmN/>

<https://www.instagram.com/p/CXltivyg6N8/>

<https://www.instagram.com/p/CXltnZOAjvs/>

<https://www.instagram.com/p/CXltsdNgynr/>

<https://www.instagram.com/p/CXlwCmquhTU/>

Filipe S. Souza

<https://www.instagram.com/p/CXUIbdjAfPz/>

<https://www.instagram.com/p/CXUJYGiAOXO/>

<https://www.instagram.com/p/CXUKOdwgVHX/>

<https://www.instagram.com/p/CXUMptlvBa/>

<https://www.instagram.com/p/CXcLeCPArU0/>

<https://www.instagram.com/p/CXcNAgasbxA/>

Phoebe Degobi

<https://www.instagram.com/p/CXWKlyqgoAz/>

<https://www.instagram.com/p/CXWKNV0gDQ5/>

https://www.instagram.com/p/CXWKQjYgcC_/

<https://www.instagram.com/p/CXWLeQxOKYr/>

Josélia Andrade

<https://www.instagram.com/p/CXWn8ppgQEg/>

<https://www.instagram.com/p/CXWoggfVurf/>

<https://www.instagram.com/p/CXWovsivACC/>

https://www.instagram.com/p/CXWo7P_PDxc/

<https://www.instagram.com/p/CXgbmxduIkS/>

<https://www.instagram.com/p/CXgbvkbuld2/>

Mariana Tavares

<https://www.instagram.com/p/CXed9AEAA5v/>

<https://www.instagram.com/p/CXegDJ0pPJD/>

<https://www.instagram.com/p/CXegG1bJBng/>

<https://www.instagram.com/p/CXeifeVPsXX/>



Universidade de Brasília

DEX | Casa da Cultura da América Latina